

**Leonildo Ferreira Monteiro**

**O SEGUIMENTO DE JESUS**

HERMENÊUTICA DO DISCIPULADO À LUZ DO DOCUMENTO DE APARECIDA

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Sureki

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2017

**Leonildo Ferreira Monteiro**

**O SEGUIMENTO DE JESUS**

HERMENÊUTICA DO DISCIPULADO À LUZ DO DOCUMENTO DE APARECIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da práxis cristã

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Sureki

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2017

**Leonildo Ferreira Monteiro**

**O SEGUIMENTO DE JESUS**

HERMENÊUTICA DO DISCIPULADO À LUZ DO DOCUMENTO DE APARECIDA

Esta Dissertação foi julgada adequada a obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo curso de Mestrado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, ...

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Surek / FAJE (Orientador)

---

---

## DEDICATÓRIA

Dedico esta obra teológica às pessoas mais especiais da minha vida, meus pais. Sem eles eu não teria a oportunidade de encontrar o caminho discipular, experimentar a alegria e o amor de ter uma família e de crescer no caminho da vida com Cristo. *Maria José Ferreira Monteiro* e *Luis Leonilson Monteiro* quero neste gesto simples, oferecer-lhes esta produção, pois, ao longo de minha caminhada vocês são grandes alicerces nos quais tenho plena convicção do apoio e segurança.

Também dedico esta pesquisa aos meus irmãos: *Leonicy Ferreira Monteiro*, *Lewildo Ferreira Monteiro*, *Leane Ferreira Monteiro*, *Vitória Monteiro* e *Vítor Monteiro*, que são aqueles que me possibilitam muitos momentos de alegrias e grandes oportunidades de viver com significado.

Por fim, ainda estendo essa produção aos meus queridos sobrinhos: *Maria Eduarda*, *Raul Monteiro*, *Ana Clara*, *Kalleb Monteiro*, *Lorena Monteiro*, *Bruno Monteiro*, *João Monteiro* e *Lorenzo Monteiro*, os quais desejo uma caminhada discipular de encontro com Cristo no seguimento para a vida e a dignidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao bom Deus, pelo dom da vida, pela inesgotável força e motivação que me oferece a cada dia chamando-me ao seguimento de seu Filho Jesus Cristo, na força do Espírito Santo.

À Diocese de Cruzeiro do Sul, AC-AM, na pessoa do Bispo Dom Mosé João Pontelo por possibilitar minha formação integral para o serviço e formação do Povo de Deus.

Ao meu orientador professor Dr. Luiz Carlos Sureki, SJ a quem estendo meus sinceros agradecimentos pelo feliz direcionamento da pesquisa e suas valiosas colaborações para que o estudo fosse concluído com êxito e rigor científico.

À Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE – pela oportunidade do crescimento integral.

À Companhia de Jesus que nos possibilitou este projeto, Mestrado Interinstitucional FAJE-FADISI, realizado no seio da Amazônia, colaborando com a expansão da teologia cristã nesta região.

Aos professores e funcionários que nos acolheram na FAJE e aos que se deslocaram para Rio Branco nos módulos, nosso agradecimento especial.

À Diocese de Rio Branco e a Faculdade Diocesana São José - FADISI - por ser uma mãe acolhedora e incentivadora na busca do saber para o serviço.

Aos colegas de turma que na caminhada compartilharam seus conhecimentos, celebrando as alegrias do encontro e tornando leve as dificuldades.

A todos que em geral contribuíram com a conclusão do Mestrado. Muito obrigado!

## EPÍGRAFE

“Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher”. (DA, n. 18)

“Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido...” (EG, n. 27).

“Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37)”. (EG, n. 49).

## RESUMO NA LÍNGUA VERNÁCULA

A pesquisa intitulada “O Seguimento de Jesus – hermenêutica do discipulado à luz do Documento de Aparecida”, objetivou aprofundar, à luz da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, a teologia do discipulado como proposta de seguimento de Jesus para uma vivência autêntica da fé cristã. O trabalho compõe-se de três capítulos. No primeiro apresenta-se o estado atual da questão, uma visão panorâmica do seguimento de Jesus, a partir do Vaticano II e das Conferências, com as reflexões de alguns autores. O destaque para a cristologia foi a lente focal do revisitar esses documentos e pesquisar a amplitude de suas reflexões a partir de, na, e para a América Latina. O segundo capítulo apresentou o Documento de Aparecida em suas bases essenciais. A vida do Homem de Nazaré é para todos os seguidores da atualidade o caminho que conduz ao reencontro da pessoa, sua vida e dignidade. É vida que transcende diante da realidade do Continente marcado por incongruências políticas, sociais e econômicas que ameaçam constantemente o projeto de Deus. Recomeçar a partir de Jesus no encontro pessoal com Ele, formando discípulos, foi a proposta inovadora de Aparecida. No último capítulo reflete-se de maneira crítica as perspectivas da teologia discipular a partir de Aparecida. É o momento hermenêutico que abre possibilidades de encontro entre o texto e suas perspectivas após os dez anos da Conferência. Tomando como critério hermenêutico a vida e dignidade que Jesus oferece, a leitura da realidade revela que Aparecida foi momento dinâmico e vivo, sopro do Espírito para a Igreja reler os novos sinais dos tempos e avançar no “aggiornamento” eclesial e pastoral. Os limites da Conferência mostram a tendência de controle sobre o pensamento teológico da Igreja na América Latina, conduzindo ao eclesiocentrismo e autopreservação eclesial minimizando a abertura ecumênica. Destacou-se a catequese de inspiração catecumenal como uma maneira autêntica do seguimento discipular, iniciando processos e formando comunidades que defendem a integridade da vida humana e ecológica. A metodologia utilizada na pesquisa foi de cunho bibliográfico-hermenêutico. Desta maneira, a investigação contribuiu para novas sínteses e perspectivas para a teologia discipular, reafirmando os limites e a atualidade de Aparecida para a originalidade da construção teológica no Continente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jesus Cristo. Vida. Discipulado. Igreja. Missão.

## RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

The research entitled "The Follow-up of Jesus- hermeneutics of discipleship in light of the Document of Aparecida," Aimed at deepening, in the light of the fifth Conference of Latin American and Caribbean Episcopates, the theology of discipleship, as a proposed segment of Jesus for an experience of the Christian Faith. The work consists of three Charters. The first presents the current state of the questions, a panoramic view of the follow-up of Jesus from Vatican II and the Conferences, with the reflections of some authors. The highlight of Christology was the focal point of revisiting these documents and researching the amplitude of their reflections from, in and for Latin America. The second chapter presented the Aparecida Document in its essential bases. The life of the Man of Nazareth us for all followers of today tua path that leads to the person's reunion, his life and dignit. It is a life that trascends before the reality of the continent marked by political, social and economic incongruities that constantly threaten the Project of God. Starting from Jesus in the personal encounter with him, forming disciples, was the innovative proposal of Aparecida. In the last chapter the perspectives of disciple theology from Aparecida are critically reviewed. It is tua hermeneutic moment that opens tua possibilities of encounter between the text and its perspectives after the ten years of the conference. Taking as a hermeneutical criterion the life and dignity that Jesus offers, the Reading of reality reveals that Aparecida was the dynamic and living moment, a breath of the Holy Spirit for tua church to reread the new sings of the times and to advance in the ecclesial aggionamento. The limits of the Conference show the tendency of control over the theological thinking of the church um Latin American, leading do ecclesiocentrism and ecclesial self-preservation, minimizing ecumenical openness. Catechumenal catechesis was introduced as an authentics form of disciplic follow-up, beginning processes and forming communities that uphold the integrity of human and ecological life. The methodology used in the research was of a bibliographical-hermeneutical character reaching the proposed ends in investigation. In this way, the research contributed do new syntheses and perspectives for disciple theology, reaffirming the limite and the actuality of Aparecida for the originality of the theological construction um the continent.

KEYWORDS: Jesus Crist. Life. Discipleship. Church. Mission.



## LISTA DE SIGLAS

AG – Decreto Ad Gentes

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil

DA – Documento de Aparecida

DGAE – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019)

DM – Documento de Medellín

DP – Documento de Puebla

DS – Documento de Santo Domingo

DV – Constituição Dogmática Dei Verbum

EG – Exortação Apostólica Evangelii Gaudium

EN – Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi

GS – Constituição Pastoral Gaudium et Spes

IVC – Iniciação à Vida Cristã

LG – Constituição Dogmática Lumem Gentium

LS – Carta Encíclica Laudato Si'

RM – Carta Encíclica Redemptoris Missio

SC – Constituição Sacrossanctum Concilium

TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 PANORÂMICA DO SEGUIMENTO DE JESUS NA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA.....	14
Introdução.....	14
1.1 A Cristologia do Seguimento – Concílio Vaticano II, Medellín e Puebla.....	15
1.1.1 A Cristologia do Seguimento: <i>Lumen Gentium</i> e <i>Gaudium et Spes</i> .....	19
1.1.2 Medellín e Puebla: a Cristologia pós-conciliar na práxis.....	23
1.2 O Seguimento como Caminho – José Comblin.....	28
1.3 Uma visão Cristológica Libertadora - Jon Sobrino.....	32
1.4 A Teologia do Discipulado como Missão - Paulo Suess.....	37
1.5 Considerações sobre o Discipulado na América do Sul.....	43
Conclusão Parcial.....	48
2 SEGUIMENTO DE JESUS NO DOCUMENTO DE APARECIDA.....	49
Introdução.....	49
2.1 Da Vida de Jesus para a Vida dos Povos Latino-Americanos.....	51
2.2 Dimensão Bíblico-teológica do Discipulado.....	57
2.3 Lugares Teológicos do Encontro com Cristo.....	62
2.4 O Itinerário do Seguimento de Jesus.....	69
2.5 A Formação de Discípulos.....	72
2.6 A Alegria do Evangelho.....	76
Conclusão Parcial.....	79
3 A TEOLOGIA DO DISCIPULADO A PARTIR DE APARECIDA.....	82
Introdução.....	82
3.1 A Teologia do Discipulado <i>em</i> Aparecida.....	84
3.2 Desafios que o Documento de Aparecida viu.....	88
3.3 Interfaces com a Conferência de Aparecida.....	92
3.4 O Discipulado <i>a partir</i> de Aparecida.....	100
3.5 Desafios que o Documento de Aparecida não viu.....	107
3.6 O Discipulado em diálogo com José Comblin, Jon Sobrino e Paulo Suess.....	113
Conclusão Parcial.....	116
CONCLUSÃO.....	119

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>127</b>
-------------------------	------------

## INTRODUÇÃO

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho foi realizada em Aparecida, São Paulo, no ano de 2007. Após dez anos do evento é possível perceber a amplitude da acolhida criativa e os dinamismos indicativos para a Igreja Latino-Americana. O rememorar do acontecimento mostra que foi um marco eclesiológico que convocou todos os cristãos para um novo reencantamento da beleza e alegria de ser seguidor e seguidora de Jesus Cristo. Partir da vida de Jesus para a vida dos povos foi o chamado para contemplar Jesus agindo na fidelidade ao seu Pai, na força do Espírito, para a transfiguração das realidades de injustiça e exclusão. O mesmo deseja fazer Aparecida com a construção de comunidades vivas e dinâmicas, que sejam centros irradiadores da vida de Jesus para o “Continente da Esperança”.

O “Documento de Aparecida”, como ficou conhecido em sua configuração final, propõe recomençar a obra evangelizadora a partir de Jesus Cristo formando discípulos missionários anunciadores da Boa Notícia do Reino de Deus que é vida e dignidade para todos. A Conferência destaca lugares teológicos do encontro com Cristo a partir da realidade do Continente. A religiosidade popular, a devoção mariana, os meios eclesiais clássicos da revelação na Palavra e do encontro nos Sacramentos recebem nova expressão e vitalidade. O método ver-julgar-agir, utilizado nas Conferências de Medellín e Puebla, foi retomado em Aparecida para a leitura panorâmica da realidade, iluminando-a a partir da Palavra de Deus.

O Evangelho da vida conduziu a Conferência para recomençar a partir do encontro pessoal com Jesus. Aparecida quer colocar todos os povos latino-americanos na busca por uma vivência autêntica da vida discipular missionária, no encontro, na conversão, na comunhão e missão na Igreja e na sociedade, principalmente em favor dos pobres, excluídos e marginalizados. Os batizados foram convocados à grande Missão Continental que tem como pressuposto a formação de discípulos missionários comprometidos com a vida e dignidade de todos os povos, nos seus diferentes rostos e crenças, e com toda a criação. A Conversão eclesial e pastoral são desafios propostos para a Igreja do Continente.

Após dez anos do evento de Aparecida a pesquisa intitulada “O Seguimento de Jesus – hermenêutica do Discipulado à luz do Documento de Aparecida” ganha notoriedade e singularidade, pois é um trabalho que lança específico olhar sobre a teologia do discipulado a partir da ampla abordagem da Conferência. A investigação objetivou aprofundar a teologia do discipulado a partir das perspectivas da V Conferência, como uma proposta de seguimento de

Jesus para a vivência autêntica da fé cristã em nossos dias. Especificamente a pesquisa intenciona desenvolver o estado atual da discussão teológica sobre o seguimento de Jesus, o discipulado, no documento resultante da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho: Documento de Aparecida. O estudo busca também fomentar a reflexão sobre a teologia do discipulado a partir dos vazios epistemológicos encontrados e das dificuldades concretas observadas na realidade das comunidades cristãs, abrindo perspectivas para ulteriores investigações.

A motivação ou inquietação de fundo, que gerou o interesse pelo estudo, surgiu da vivência acadêmica e pastoral. Como seguir Jesus num mundo secularizado, plural, cultural e economicamente excludente? Que ideia de discipulado/missão destaca Aparecida que seja capaz de despertar o homem e a mulher deste tempo para uma vivência autêntica da fé cristã comprometida? Como superar as incongruências entre a teoria dos discursos sistemáticos intencionais e a vida prática, ético-social, das comunidades cristãs? Tais questionamentos despertaram o olhar investigativo para a importância e relevância da pesquisa.

A metodologia da investigação, levando-se em consideração a natureza do estudo, empregou basicamente o método bibliográfico-hermenêutico. Enquanto os dois primeiros capítulos adquirem um caráter bibliográfico expositivo, o terceiro é claramente interpretativo. O processo de construção deste trabalho aponta para a possibilidade do diálogo e reflexão entre a realidade dos povos latino-americanos e o que é essencial e originário no discipulado cristão. Este encontro (realidade e discipulado) é fecundo para a teologia da práxis cristã, que suscita novas posturas pastorais para os desafios que a atualidade propõe. O escrito coloca-se na linha do cultivar a originalidade, a comunhão e a participação, marcas do *aggionamento* motivado pelo Vaticano II e buscado nas Conferências Latino-Americanas.

O resgate dos valores da vida e dignidade, como princípios hermenêuticos do discipulado e da missão eclesial, foi imprescindível na perspectiva que adotamos. O contato do texto e seus dinamismos com a realidade do “Continente da Esperança”<sup>1</sup> é momento fecundo para novas interpretações da realidade e da missão eclesial em tempos de frenéticas mudanças globais.

O primeiro capítulo é um corte histórico-panorâmico que evidencia o estado atual da questão. Como panorâmica não se propõe a dar conta de toda a construção eclesial latino-

---

<sup>1</sup> “Continente da Esperança” foi um termo cunhado pelo Papa João Paulo II que nas suas viagens à América Latina instigou católicos e todos os homens de boa vontade a cultivarem as sementes da esperança cristã frente às intempéries sociais que o continente vivia. O Papa Bento XVI no discurso inaugural afirmou que a fé em Jesus, semeada neste Continente, é um grande tesouro, pois, conduziu à esperança aos povos e culturas, dando frutos desde a primeira evangelização até os dias de hoje.

americana, mas situar a reflexão nos dinamismos do espírito do Concílio Vaticano II e das Conferências realizadas antes de Aparecida. Isso para dizer que a V Conferência não foi um evento isolado, não surgiu como um ponto desconexo, mas concretizou-se como um ápice reflexivo, celebrativo, como mola propulsora de perspectivas para os novos tempos da evangelização.

Nesta pesquisa fizemos uma caminhada pedagógica estrutural a partir do Vaticano II chegando às Conferências. Foi dado grande destaque para a Cristologia do Concílio, principalmente na *Gaudium es Spes* e na *Lumen Gentium*. O enfoque na cristologia foi para evidenciar que toda a cristologia desenvolvida refletirá nas opções eclesiológicas tomadas pelas Conferências.

Tendo por base a realidade da fé inculturada na América Latina e como metodologia a analogia do caminho, o conteúdo da revelação divina foi teologizado processualmente, neste Continente, como libertação/salvação. Os autores selecionados no primeiro capítulo – José Comblin, Jon Sobrino e Paulo Suess – apresentam contribuições na linha da temática. Outros poderiam ser levados em grande consideração, mas em um trabalho desta natureza era preciso fazer uma escolha bibliográfica e epistemológica que contemplasse mais de perto a dimensão pastoral. Assim, esses autores formam a base fundamental da panorâmica apresentada, situando elementos da teologia do discipulado em diálogo com Aparecida no momento hermenêutico.

O segundo capítulo abordará o conteúdo teológico do seguimento de Jesus no Documento de Aparecida. A vida de Jesus na vida dos povos estabelece a interrelação da missão de Jesus com a missão da Igreja e dos batizados. A vida e dignidade dos povos será buscada em Jesus Cristo, sua história e missão, que também será a vida e missão daqueles que realmente o encontraram e o seguiram. O encontrar-se com Cristo será o ponto crucial de uma nova perspectiva de mudança das estruturas pessoal e comunitária (social), formando discípulos comprometidos com a vida e a dignidade.

Os lugares teológicos do encontro com Cristo são elementos essenciais para começar processos de intimidade e relação existencial do homem e da mulher com Deus. O discipulado missionário tem sua identidade no ato de gerar vida para os excluídos, para os abandonados, para os novos rostos que Aparecida apresenta. A alegria do encontro coloca todos os batizados na linha da missão testemunhal, profética e libertadora. Isso requer uma formação integral, querigmática, bíblica, que seja permanente e que inicie processos de atualização eclesial e pastoral. O capítulo apresentará as bases mais essenciais do documento tendo como linha mestra a vida de Jesus, recomeçando a partir do encontro com Ele. Isto fornecerá a base

para a compreensão do chamado à vida, que é respondido na experiência discipular. A Missão Continental, como convite de Aparecida, ganha novo sentido quando pensamos o discipulado cristão no contexto atual.

No último capítulo, a hermenêutica aponta para um aprofundamento teológico que revela as lacunas e limites observados no Documento de Aparecida e suas perspectivas. A Conferência após dez anos vai sintetizando os elementos centrais que nortearão a vida da Igreja latino-americana e caribenha nos tempos futuros. As entrelinhas dos escritos revelam que em sua preparação e intuição maior a missão centrípeta parece ser privilegiada em vista de uma autopreservação eclesial. A hermenêutica do discipulado contribuirá para a possibilidade de novas reflexões sobre o discipulado *a partir de* Aparecida no sentido de evidenciar a vida e dignidade dos povos como princípios de comunhão e diálogo com outras expressões cristãs e não cristãs.

Desta maneira, a investigação que apresentamos revela o dinamismo da vida eclesial latino-americana e suas perspectivas de análise dos novos sinais dos tempos que mostram por onde a Igreja deve caminhar. O que propomos ao refletir teologicamente sobre o essencial do discipulado para a vivência cristã do seguidor e da seguidora de Jesus nos tempos pós-modernos revela a singela e significativa oportunidade de revisitar a história do Continente latino-americano com luzes de esperança que transfiguram a realidade à luz do Evangelho da Vida que Jesus nos apresentou em sua vida, ações e destino.

## **1 PANORÂMICA DO SEGUIMENTO DE JESUS NA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA**

## Introdução

A cristologia do seguimento de Jesus na teologia latino-americana rememora reflexivamente a história da Igreja nas suas bases mais essenciais, os Concílios, Sínodos e Conferências. São expressões da fé encarnada, inculturada e disposta a dialogar com o mundo, rerepresentando a proposta de Jesus aos homens e mulheres da atualidade. Em determinados momentos históricos estes eventos conciliares foram reações da Igreja às adversidades de cada contexto, gerados pelas incertezas em relação à doutrina e aos possíveis desvios quanto à confissão de fé. Nem sempre essas reuniões foram pacíficas e dialogadas. Por vezes foram também impositivas e pontuais no que se queria defender. A apologética (discurso de defesa da fé) visava manter intata a identidade e originalidade da fé cristã.

Neste corte histórico da pesquisa desponta como espinha dorsal o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) na sua busca do diálogo, refontização e ecumenismo. É ponto de partida e de ruptura nesta abordagem que leva também em consideração as perspectivas que atualmente são lançadas quando se reflete os documentos conciliares<sup>2</sup>. A interpretação dos escritos e seu reflexo nas Conferências Episcopais é fator preponderante na abordagem panorâmica do seguimento de Jesus na teologia latino-americana.

Os pilares fundamentais para situar a teologia do seguimento na América Latina são as Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979). Elas representam a acolhida e recepção criativa do Concílio. Objetivamente as Conferências configuraram a aplicação dos direcionamentos do Concílio Vaticano II para a realidade eclesial do Continente. Toda elaboração e reflexão teológica da Conferência de Aparecida partirá dos pressupostos hermenêuticos da cristologia elaborada no Vaticano II e que foi aplicada na realidade e reflexão da Conferência Episcopal Latino-Americana e Caribenha, dirigida pelo Conselho Episcopal Latino-Americano, (CELAM)<sup>3</sup>. Com base epistemológica arraigada na tradição da Igreja, esses eventos propulsores da cristologia do seguimento fazem emanar a fonte rica do Evangelho interpretado sob o prisma singular desta nossa realidade questionadora.

Os teólogos que se debruçam sobre o tema do discipulado apresentam os pilares de uma cristologia que desperta o homem, na busca das suas aspirações mais elementares, para a centralidade da Palavra de Deus. Eles engendram o esforço teórico para o recentramento da fé

---

<sup>2</sup> Para a compreensão dos processos internos e pós-Vaticano II, bem como as questões atuais acerca da legitimidade do Concílio, o choque das narrativas e as macroquestões escondidas no debate sobre o Vaticano II que continuam latentes na discussão, veja-se: FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II: a luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013.

<sup>3</sup> Quando nos referirmos ao Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho vamos utilizar a sigla CELAM.



na experiência originante do encontro com Jesus de Nazaré, sua história de vida, e a repercussão de sua páscoa para a humanidade que se encontra em caminhada na história. O entrecruzar da experiência originária das primeiras comunidades, o Jesus Histórico, e o dado da realidade do Continente serão chaves de leitura para a interpretação que nos propomos neste capítulo.

### 1.1 A Cristologia do Seguimento – Concílio Vaticano II, Medellín e Puebla

O Concílio Vaticano II foi um evento oportuno na tentativa de atualização e “aggionamento”<sup>4</sup> da Igreja. Ele marcou profundamente a nova postura eclesial frente à Modernidade. A busca do diálogo e da renovação “*ad intra*” (mais expressa na Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”) e “*ad extra*” (na Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”), em colaboração com as outras duas Constituições, os três Decretos e as nove Declarações, perfazem um total de dezesseis documentos compreendidos como a letra da visão conciliar. O evento em seu espírito performativo é entendido como uma maneira de apresentar, de repropor a fé cristã em um mundo marcado por constantes e frenéticas transformações que ameaçavam a integridade/originalidade do seguimento de Jesus e a presença da Igreja no mundo. “... através da voz do Concílio, pretendia-se ser fiel ao Evangelho, [...] para que o mundo inteiro pudesse encontrar na Igreja o espaço no qual resplandecesse com clareza a mais pura essência da mensagem de Jesus”<sup>5</sup>.

O evento conciliar em sua integralidade significou a maior tentativa de reconciliar a Igreja com o mundo moderno<sup>6</sup>. O mundo moderno estava polarizado pelas disputas econômicas e ideológicas entre capitalistas e socialistas. O evento se inseria na plena efervescência da globalização da informação, das revoluções industriais, do aprimoramento da ciência e da técnica, ganhando destaque o crescente secularismo. Esse movimento secular questionava a importância e a autoridade da Igreja diante da crescente autonomia do mundo e dos sujeitos.

---

<sup>4</sup> O Dicionário do Concílio Vaticano II apresenta a descrição terminológica: “Aggionamento, significa em italiano atualização. Tem três sentidos básicos: pôr em dia ou manter em dia, modernização, adequação a exigências e critérios novos. Usado por João XXIII para indicar o escopo do Vaticano II”. (2015, p. 8).

<sup>5</sup> BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos. (Orgs.) *O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015, p. 31.

<sup>6</sup> Para o conhecimento conceitual da nomenclatura básica, no estudo sobre o Concílio Vaticano II, abrangendo os pontos necessários para o entendimento sobre a necessidade de um Concílio pastoral na Igreja, a reconciliação com o mundo e a rerepresentação da proposta do seguimento de Jesus, veja-se: ALMEIDA, Antonio José de. *ABC do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015.

Com um ritmo crescente a partir do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), três fatores impulsionaram a sociedade contemporânea [...]; a) a ascensão do chamado Terceiro Mundo [...]; b) a segunda industrialização, que graças às novas descobertas científicas e às suas aplicações técnicas, transforma rapidamente países agrícolas em países industriais [...]; c) surgimento de novas estruturas sociais e de uma nova cultura: muda a vida individual, familiar e social; impõe-se um novo ritmo e um novo estilo de vida [...], vai ficando para trás o tempo em que a Igreja podia ser ouvida quando pronunciava diretrizes no campo econômico, político, social e mesmo estritamente moral; valores como o altruísmo, o compromisso, o espírito religioso são considerados conceitos aplicáveis só na esfera individual, a partir da avaliação e da opção do sujeito.<sup>7</sup>

Em tal contexto a Igreja se protegia refugiando-se em si mesma, mantendo-se em suas verdades inquestionáveis, ficando aquém da história dos homens e afastando-se de sua missão pastoral humanizadora, até que o Papa João XXIII, para surpresa de muitos, convoca o Concílio. Ele pretende com o Concílio uma reflexão de caráter pastoral sobre os sinais dos tempos<sup>8</sup> presentes na realidade. “A Igreja estava de fato às portas de uma conjuntura histórica de densidade excepcional, diante da qual era necessário determinar o que é princípio sagrado [...] do que é mutabilidade dos tempos”<sup>9</sup>. O Concílio foi realizado em quatro sessões. Com a morte de João XXIII após a primeira sessão, o Papa Paulo VI continuou a obra de *aggiornamento* e atualização eclesial que, posteriormente, seria abraçada pelas Conferências.

Na América Latina, as Conferências de Medellín e Puebla foram dois grandes momentos significativos da ação e reflexão teológica em sintonia com o espírito do Vaticano II. “A América Latina não duvidou nem por um instante tornar o Concílio seu referencial obrigatório, sua inspiração fundamental e sua autoridade indiscutível nas décadas seguintes”<sup>10</sup>. Esses acontecimentos direcionaram a vida eclesial e os caminhos da reflexão cristológica do Continente, repensando paradigmas religiosos em um contexto marcado por conflitos sociais, políticos e econômicos. “Trata-se, com efeito de um acontecimento histórico muito amplo, que constituiu uma autêntica mudança de paradigma, não apenas no pensamento teológico como também na vida da Igreja Católica e de sua presença no mundo”<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> ALMEIDA, Antonio José de. *ABC do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 23-24.

<sup>8</sup> O Dicionário do Concílio Vaticano II contextualiza a expressão “sinais dos tempos (Mt 16, 3b)” afirmando que no uso teológico-pastoral não impôs uma leitura unívoca, mas abarcam o sentido messiânico, escatológico e sociológico dos sinais dos tempos para a Igreja. (2015, p. 895).

<sup>9</sup> ALBERIGO, Giuseppe. *Breve História do Concílio Vaticano II*. Aparecida: Santuário, 2006, p. 19.

<sup>10</sup> BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos. (Orgs.) *O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015, p. 39.

<sup>11</sup> QUEIRUGA, Andrés Torres. *A teologia depois do Vaticano II: diagnóstico e propostas*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 9.

Desta maneira, a compreensão cristológica contemporânea é fruto da refontalização eclesial, da abertura da teologia pós-conciliar à qual se assomam as contribuições importantes das ciências históricas, sociais e hermenêuticas<sup>12</sup>. A cristologia do Concílio refletiu em dimensões evangélicas a radiografia da fé no mundo moderno abrindo perspectivas para a renovação da vida cristã. Neste sentido, as Conferências tomaram o impulso da renovação proposta pelo evento conciliar desencadeando uma virada hermenêutica na compreensão do ser cristão, do ser Igreja diante da realidade. “A chave da interpretação dos sinais dos tempos é o seguimento de Jesus, crucificado e ressuscitado, numa Igreja servidora do Reino, profética, misericordiosa, presente junto aos pobres...”<sup>13</sup>. As consequências dessa virada hermenêutica para a eclesiologia e para a cristologia são amplamente notadas e estudadas na atualidade, tendo o seguimento de Jesus como elemento norteador da gênese do cristão.

A assembleia conciliar tinha a convicção de que não seria possível renovar nada de significativo na Igreja e em sua ação missionária se não se atrevesse a revisar seu paradigma teológico, isto é, sua forma de pensar, entender, interpretar e falar acerca da fé, sobretudo em questões vitais como a Palavra de Deus, a pessoa de Jesus, a Igreja, os ministérios, a história na qual Deus se revela, o mundo onde se vive o seguimento de Cristo, a salvação, a Revelação e muitas outras realidades teológicas...<sup>14</sup>.

A grande tarefa do pós-concílio e posteriormente das Conferências foi acolher e rerepresentar a estrutura eclesiológica, nos seus dinamismos internos, pensados no evento conciliar. Mesmo com muitas resistências e incompreensões, a Igreja latino-americana abraçou com propriedade as prospectivas conciliares. As Conferências Episcopais não poderiam deixar de colaborar com a reflexão que impulsionou o diálogo com a realidade, com as culturas locais, com o homem moderno e seus questionamentos, com o homem latino-americano. “Na América Latina e no Brasil, viviam-se sinais promissores de evangelização, destacando a presença e atuação da juventude organizada [...] a criação da CNBB, da CRB e do CELAM, a elaboração do Plano de Emergência e os movimentos sociais ...”<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, (n. 5 -10; 33; 44; 57), reconhece a importância desse conhecimento humano para o desenvolvimento de reflexões que colaborem para a compreensão da estrutura social, histórica, política, biológica e científica que as sociedades modernas adquiriram. As mudanças afetam diretamente a vida religiosa do povo que precisa de orientação correta e cristã para chegar ao cumprimento de sua vocação e não se perder em meio às grandes mudanças (n. 37).

<sup>13</sup> PANAZZOLO, João. *Igreja comunhão, participação, missão*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 106.

<sup>14</sup> BRIGHENTI, *op. cit.*, p. 27.

<sup>15</sup> PANAZZOLO, 2010, p. 98.

Desta maneira, o espírito conciliar foi lastro oportuno para forjar uma cristologia a partir da realidade latino-americana. Construiu-se uma cristologia arraigada na dimensão comunitária e espiritual, pois sem este sentido, originalmente evangélico, haveria o esvaziamento da reflexão. Assim, a abordagem desenvolvida nas Conferências não pretendeu deixar de lado o “*depósitum fidei*”, o “*proprium*” da fé cristã, fundamentado na Sagrada Escritura e nos Padres da Igreja, mas buscou uma rerepresentação da cristologia a partir da realidade, em uma compreensão cristológica que conduzisse o homem e a mulher de hoje para a experiência de fé comprometida com a transformação social a partir da genuína fonte do Evangelho.

A Igreja na América Latina, iluminada pelo Espírito do Senhor, fez uma rápida, criativa e audaciosa recepção do Vaticano II. Procurou realizar para a Igreja do continente a mesma primavera proclamada pelo Papa João XXIII, que convocou a Igreja para ser luz dos povos, instrumento de comunhão, encarnada no mundo e profética, a serviço do Reino. Interiorizou os conteúdos do Concílio e prontificou-se a aplicá-los imediatamente a realidade do povo latino-americano, à luz dos sinais dos tempos...<sup>16</sup>.

Vale notar que não foi um processo de recepção tranquilo e imediato como se desejou. As condições contextuais, bem como as divergentes compreensões eclesiais no Concílio e após o evento conciliar já são razões suficientes para se entrever as dificuldades enfrentadas. O problema da recepção do Concílio são ecos das divergências presentes na própria interpretação pós-conciliar, dificuldades hermenêuticas contidas nos documentos. Mas é imprescindível destacar que o Concílio representa no seio da Igreja uma reviravolta hermenêutica da cristologia do seguimento. Os resultados obtidos têm consequências práticas para a fé, ou seja, para a construção religiosa da práxis ativa do cristão. O seguimento é revigorado com o despertar de uma compreensão fontal da própria revelação.

A reviravolta da hermenêutica cristológica reflete sobre o homem, a Revelação e a fé, refontalizando a Igreja nas bases de uma experiência originante de Jesus Cristo. É uma cristologia das fontes, que se embasa no alvorecer de uma comunidade cristã que se viu diante de um fato memorial que mudou a vida e as compreensões acerca da interpretação do mundo. “... aumentava a preocupação com aquilo que se denominou ‘retorno às fontes’, que consistia em retomar a vertente bíblica, litúrgica e patrística, movimentos que propiciariam uma real renovação da vida interna da Igreja ...”<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> *Ibidem.*, p. 105.

<sup>17</sup> BRIGHENTI, 2015, p. 35.

As Conferências de Medellín e Puebla implicaram em um “aggionamento” necessário de toda a vida cristã na América Latina. Motivadas pelo Vaticano II desejaram fazer uma volta às fontes do Evangelho. As primeiras comunidades cristãs viveram uma experiência de fé fundamental que formou um *ethos*, um modo de ser, que distinguiu aqueles que abraçaram a fé dos demais. Agindo em conformidade com a práxis de Jesus os fiéis podem construir novas relações e instituições de vivência comunitária da fé. Era uma experiência com Jesus que conseguia guardar a identidade dos cristãos com sua singular práxis da vivência do amor, do cuidado para com os pobres e da promoção da dignidade da pessoa. As bem-aventuranças (Mt 5, 1-12)<sup>18</sup> constituem esse paradigma-caminho para a realidade do seguimento a partir da experiência com Jesus. A vida de Jesus e sua prática em favor dos mais necessitados é caminho cristológico que humaniza.

A cristologia que sobressai nos documentos do Vaticano II e nas Conferências de Medellín e Puebla são notoriamente um avanço teológico. Abriram possibilidades para o trabalho dos teólogos que se debruçaram em pesquisar o evento, sua recepção e compreensão das linhas mestras na Igreja latino-americana. As repercussões atuais também são referências motivadoras para revisitar os escritos do Concílio e das Conferências haurindo deles novas luzes para responder aos questionamentos de hoje com a vivacidade original do Evangelho.

### **1.1.1 A Cristologia do Seguimento: *Lumen Gentium e Gaudium et Spes***

O Concílio Ecumênico Vaticano II não foi apenas um concílio pastoral, mas definiu positivamente verdades de fé. O processo de construção dos documentos não é o foco da pesquisa, mas o debruçar-se sobre a perspectiva cristológica que subsiste nos escritos podem oferecer reflexões consistentes, plausíveis e necessárias para uma interpretação do seguimento de Jesus em nossos dias.

A tarefa de compreender o homem moderno é prognóstico para repensar a reflexão cristológica, pois a mudança de compreensão do homem sobre si mesmo e sobre a fé também impõe mudanças na forma de pensar o homem Jesus Cristo e as experiências de fé eclesial que a história apresenta. O inverso também deve ser levado em exímia consideração: como compreendemos o Homem de Nazaré acarretará em uma nova visão do seguimento de Jesus para homens e mulheres deste tempo, que anseiam pela busca de uma transcendência e religação ao sagrado de forma mais consistente e original.

---

<sup>18</sup> Utilizamos como fonte padrão para citações bíblicas a Tradução Ecumênica da Bíblia, (TEB).

Nos documentos do Concílio aparecem [...] duas antropologias. Uma que poderíamos dizer explícita, doutrinal e esquemática, sem grande novidade, sem impacto, mas a partir da qual se compreendem a Igreja, o Mundo e também a Cristologia. Outra, implícita [...]. Desta outra antropologia há algo muito mais fundamental do que as meras posições teóricas; poderíamos chamar de virada, de uma orientação antropológica vital, da Igreja [...]. Uma virada que inverte o fluxo evidenciado, pois vai da cristologia para a antropologia, embora depois reflua desta para aquela.<sup>19</sup>

A abordagem cristológica e antropológica percebida na *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* é uma das mais significativas dos documentos, pois reforça o movimento da divindade que se encarna e autocomunica-se ao homem para elevar o homem à plenitude do amor de Deus e da salvação. São os dois movimentos que a Teologia considera como dinâmicos na relação do humano e do divino. Dito de outra maneira, o homem se encontra plenamente no Homem de Nazaré, na visão descendente da *Lumen Gentium* (LG, n. 7; 8; 9), e aí reconhece sua real vocação voltando-se para Deus, na tentativa de apresentar à humanidade as maravilhas de Deus que é justiça, vida e dignidade para todos os homens e mulheres (GS, n. 24; 26; 27; 32).

É na dinâmica do olhar para dentro, em busca da identidade, e olhar para fora, rerepresentando esse modo de ser cristão, que os documentos compreendem que em Jesus Cristo o homem se reconhece como portador de uma vocação especial, chamado à vida fraterna, à santidade, à dignidade. Ele se reconhece partícipe da divindade sendo abraçado como filho no Filho a partir do batismo. “...Pregando o Evangelho, a Igreja atrai os ouvintes a crer e confessar a fé, dispõe para o Batismo, liberta da escravidão do erro e incorpora-os a Cristo, a fim de que n'Ele cresçam pela caridade, até à plenitude”. (LG, n. 17).

Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado [...]. Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é, portanto, de admirar que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice. (GS, n. 22).

Podemos destacar ainda que o antropocentrismo marcante dos tempos modernos, centrado na autonomia do sujeito, na subjetividade e na liberdade, expandiu um crescente lastro de secularismo, que mina a implicação interna do homem voltado para o sagrado, a

---

<sup>19</sup> RIVERO, Pedro Ruan De Velasco. Da Igreja, luz do mundo, ao mundo, alegria e esperança da Igreja: A virada antropológica do Concílio Vaticano II. In: BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos. (Orgs.) *O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015, p. 88-89.

transcendência, a experiência religiosa. O Vaticano II reelaborou uma antropologia fundamentalmente teológica e existencial que olha o homem a partir da redenção e projeta-o na realidade, “...associado ao mistério pascal, configurado à morte de Cristo e fortificado pela esperança...” (GS, n. 22). Constitui-se em um humanismo<sup>20</sup> sóbrio e visto a partir de Jesus Cristo como a plenitude de cada pessoa que encontra total unidade, integralidade e dignidade n’Ele. Portanto, uma cristologia da plenitude e da completude do homem e da mulher em Jesus Cristo. “É a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade humana que deve ser renovada. É, portanto, o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade...” (GS, n. 3).

O cristocentrismo intrínseco aos documentos conciliares apontam Jesus Cristo como o protótipo do homem pleno, integral e que se relaciona com o mundo, com a história, com a natureza e com Deus. Dessa maneira, a cristologia do seguimento se fundamenta em uma antropologia teológica marcada pela relação de autocomunicação de Deus ao homem, na história dos homens e mulheres. Relação de comunhão de vida e dignidade em interação com toda a obra criada. “Essa comunhão é o fundamental núcleo da Igreja que tem o compromisso dado por Jesus de dirigir-se a todo o mundo para uma evangelização integral que atenda todas as dimensões da pessoa humana...”<sup>21</sup>.

Nesta perspectiva a cristologia do seguimento no Vaticano II é cristocêntrica, pois, é no Cristo que encontramos a grande verdade sobre Deus e sobre os homens. Na experiência da fé olhamos para Cristo ressuscitado dos mortos e enxergamos N’ele o fundamento do ser do homem e da mulher criados para dar glórias a Deus. A cristologia, nesta compreensão, também é antropocêntrica, pois o homem em sua dignidade de filho, redimido pelo Mistério Pascal, encontra sua plena existência teológica no Homem de Nazaré. “O mesmo Verbo de Deus, por Quem todas as coisas foram feitas e Se encarnou e habitou na terra dos homens, entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a em Si mesmo... (GS, n. 38)”.

A vida histórica de Jesus é uma plena inserção do divino na história da humanidade. Assim, a cristologia do Vaticano II também é histórica. Esta cristologia leva em consideração os grandes progressos da atividade humana que incitam a busca de respostas mais precisas, racionais e reflexivas para o ser cristão no mundo, suas relações e possibilidades diante das vicissitudes antropológicas, culturais e religiosas.

---

<sup>20</sup> A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (n. 55) reconhece que um novo humanismo renasce, no qual o homem se define primeiramente pela responsabilidade perante todos os homens, a história, a cultura, a vida.

<sup>21</sup> PANAZZOLO, 2010, p. 111.

O resgate da história como o lugar da epifania de Deus é fundamental para perceber que no dinamismo da realidade existe um dado teológico que precisa ser interpretado. A história divina com sua mistagogia específica se coaduna com a história dos homens que, pela graça, são abarcados no mistério e aí plenamente transfigurados. O Concílio já alertava para o grave erro de dissociar a fé professada historicamente da práxis cristã no mundo das relações. “Este divórcio entre a fé professada e a vida cotidiana de muitos deve ser enumerado entre os erros mais graves do nosso tempo” (GS, n. 43).

Outro aspecto que podemos analisar na linha cristológica é a imagem da Igreja na compreensão da *Lumen Gentium e Gaudium et Spes*. A Igreja é “Povo de Deus”<sup>22</sup>, povo constituído de homens e mulheres transfigurados por Cristo pelos sacramentos e alimentados de forma especial pelo memorial eucarístico para dar testemunho de Jesus Cristo nas diferentes vocações e estados de vida que foram chamados.

Todos os homens são chamados a pertencer ao novo Povo de Deus. Por isso este povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os tempos, para que se cumpra o desígnio da vontade de Deus. No começo Deus formou uma só natureza humana e enfim decretou congregar seus filhos que estavam dispersos (cf. Jo 11, 52). Foi para isso que Deus enviou Seu Filho a quem constituiu herdeiro de todas as coisas (cf. Hb 1, 2), para que Ele fosse Mestre, Rei e Sacerdote de todos, Cabeça do novo e universal povo dos filhos de Deus... (LG, n. 13).

A *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes* contribuem para essa visão interna e externa da cristologia, no conjunto das intenções eclesiológicas e espírito do Vaticano II, com repercussões para a salvação dos homens, sua vida e práxis cristã no seguimento de Jesus. Por fim, vale mencionar que a Constituição Dogmática *Dei Verbum* também é orientação conceitual, dogmática e fundamental para dar base à cristologia do seguimento. Ela aprofunda a compreensão de revelação, ou seja, o como a revelação chega até nós: pela escuta da palavra escrita (Sagrada Escritura) e oral (Tradição). A Constituição ainda alerta quanto à reta interpretação dos textos sagrados e a necessidade da Sagrada Escritura para a Sagrada Teologia no intento de ser instrumento fidedigno do fazer teológico.

### **1.1.2 Medellín e Puebla: a Cristologia pós-conciliar na práxis**

---

<sup>22</sup> A visão eclesiológica da Igreja como Povo de Deus foi uma das grandes novidades do Concílio Vaticano II. Podemos encontrar referências expressivas na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (n. 7; 8; 9), no entanto, será a *Gaudium et Spes* que melhor expressará o espírito de atualização e diálogo entre o Povo de Deus, povo constituído e a realidade do mundo moderno. A *Gaudium et Spes* melhor expressa o espírito da renovação eclesial, pois, contempla a Igreja no mundo e não a Igreja em si mesma para o mundo (n. 25; 26; 27; 29; 31; 32).



A Conferência de Medellín colocou em viva ação a compreensão pós-conciliar na Igreja latino-americana. Realizada em 1968 na Colômbia, desenvolveu-se no mesmo dinamismo do Concílio, na efervescência dos ecos de renovação ainda presentes na experiência dos bispos latinos que participaram do evento. “Com maior razão pode-se considerar a Conferência Episcopal de Medellín como o acontecimento mais expressivo de renovação para toda a Igreja no Continente...”<sup>23</sup>. As conclusões da Conferência de Medellín contribuem no sentido de evidenciar os três pontos que entrelaçam o projeto divino com a história dos homens e mulheres do Continente: a espiritualidade, a caridade e a sensibilidade com os mais necessitados.

Começa para a Igreja da América Latina ‘um novo período de sua vida eclesial’, conforme o desejo de Paulo VI. Período marcado por uma profunda renovação espiritual, por generosa caridade pastoral e por uma autêntica sensibilidade social. [...] Começa agora a tarefa de aprofundamento, divulgação e realização [...]. É tarefa que corresponde às Conferências Episcopais, atendendo às particulares necessidades e urgências de cada país. A todas anima o mesmo Espírito de Deus que impele a uma renovação profunda e a um generoso serviço dos homens.<sup>24</sup>

Outro fator de grande importância na América Latina foi o contexto histórico-político-econômico. Este contexto formou o ambiente fértil para a adesão da novidade eclesiológica e libertação suscitadas pelo Concílio. “Por libertação Medellín entende, [...] ‘uma libertação plena’ na qual se ofereçam ‘as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor. Por isso, uma verdadeira libertação ...’<sup>25</sup>. É notável que a *Gaudium et Spes* foi o documento conciliar que mais influenciou a Conferência de Medellín, pois, em toda a estrutura do Documento Final a visão do diálogo e da participação do homem na transformação do mundo são majoritárias.

O teólogo João Panazzolo afirma que “Medellín não se situava na continuidade da 1ª Conferência do Rio de Janeiro. O objetivo era a aplicação do Concílio Vaticano II à realidade da América Latina, principalmente, os temas sociais...”<sup>26</sup>. A promoção humana integral, por meio da justiça, da paz, da família, da educação com embasamento na rica fonte do Evangelho, foi temática recorrente que norteou toda a reflexão de Medellín e influenciou na

<sup>23</sup> PADIN, Cândido. *A Conferência de Medellín: renovação eclesial*. São Paulo: LTr, 1999, p. 9.

<sup>24</sup> CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN, 1968. *Trinta anos depois Medellín ainda é atual?* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 06-07.

<sup>25</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. A atualidade de Medellín. In: CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN, 1968. *Trinta anos depois Medellín ainda é atual?* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 246.

<sup>26</sup> PANAZZOLO, João. *Missão para todos: Introdução à missiologia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 176.

crisologia elaborada. “É o mesmo Deus, que na plenitude dos tempos, envia seu Filho para que feito Carne liberte a todos os homens de todas as escravidões a que os sujeitou o pecado: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância...” (DM, Doc. I, n. 3).

Com as bases do Vaticano II uma crisologia da libertação começou a ser desenvolvida a partir da centralidade da Palavra de Deus e da autêntica experiência de Comunidades Eclesiais de Base, (CEBs), que buscavam testemunhar a libertação integral do homem na vivência do amor a exemplo de Jesus. “Na História da Salvação, a obra divina é uma ação de libertação integral e de promoção do homem em toda sua dimensão, que tem como único móvel o amor. O homem é ‘criado em Jesus Cristo’, feito N’Ele criatura nova” (DM, Doc. I, n. 4).

O Cristo pobre que se encarna para estar com os pobres é a junção da configuração histórico-social continental com a benevolência de Deus que caminha com a humanidade chamando-a para uma libertação integral. “Em termos concretos, a Igreja da América Latina fez a corajosa opção pelos pobres, sem adjetivos, em todos os campos, no sentido da libertação em relação às estruturas de opressão”<sup>27</sup>. Assim, surge uma crisologia descendente, de autocomunicação que leva à resposta livre do ser humano para a abertura de novas e necessárias relações pautadas pela justiça e fraternidade, fruto de uma real conversão, portanto também ascendente. Desta maneira, o desejo de vida e dignidade, que brota do Evangelho, ultrapassa as cercas doutrinárias da religião e se torna combustível para a denúncia e anúncio profético na realidade latino-americana.

Como Cristãos cremos que esta etapa histórica da América Latina está intimamente vinculada à história da salvação. Como pastores, com responsabilidade comum, queremos comprometer-nos com a vida todos os nossos povos na busca angustiada de soluções adequadas para seus múltiplos problemas. Nossa missão é a de contribuir para a promoção integral do homem e das comunidades do Continente. Cremos que estamos em uma nova era histórica. Exige clareza para ver, lucidez para diagnosticar e solidariedade para atuar.<sup>28</sup>

Na abordagem de Medellín, a fé é um processo histórico de adesão a um projeto de amor e dignidade. “Cremos que o amor a Cristo e a nossos irmãos será não somente a grande força libertadora da injustiça e opressão, mas a inspiradora da justiça social, entendida como

---

<sup>27</sup> LIBANIO, João Batista. *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. 2007, p. 24.

<sup>28</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: Conclusões de Medellín*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 37.

concepção de vida e desenvolvimento integral de nossos povos”<sup>29</sup>. É um projeto que abrange todas as realidades humanas e sociais constituindo caminho histórico de seguimento porque se refere aos indivíduos que agem a partir dos impulsos culturais, sociais e religiosos no certame de construir novas relações sociais e estruturas religiosas que abarquem o todo da vida e dos problemas humanos.

A Conferência de Medellín abraçou a reflexão conciliar e convocou a todos para aderir ao compromisso da transformação social da América Latina a partir do Evangelho de Jesus Cristo, lido à luz da realidade gritante do Continente. Neste sentido, Libanio comenta que a Conferência significou de forma positiva uma grande virada para o Continente latino-americano: “Embalada por tal renovação, a Conferência de Medellín, convocada pelo próprio Papa Paulo VI, pretendeu em um primeiro momento, ser a aplicação do Concílio Vaticano II às Igrejas da América Latina [...] mas foi mais”.<sup>30</sup> É este algo a mais, a realidade iluminada pela fé, que fará da cristologia pós-conciliar um elemento de destaque para a compreensão e aprofundamento da panorâmica do seguimento de Jesus.

A Conferência de Puebla realizada em 1979 no México objetivou aprofundar e avaliar na América Latina o processo de reflexão e aplicação do Vaticano II nos anos pós-Medellín. Na dinâmica da continuidade e da descontinuidade, que envolve o contexto da vida eclesial e a compreensão pastoral que se forja em determinado período, a Conferência de Medellín marcou a historicidade e as relações conflitivas da Igreja latino-americana com a Sé Apostólica Romana. Desta maneira, Puebla herdou um contexto conflituoso, mas de perspectivas importantes para a pastoral e a evangelização na América Latina.

Num clima de desconfianças com parte do episcopado, a Conferência de Puebla vai assumindo, em comparação com Medellín, um mesmo rosto com nuances adaptadas ao momento histórico. A realidade do Continente tão agitada pelos regimes ditatoriais e ideologias, conduzem a uma mudança de foco na eclesiologia e cristologia construídas por Puebla. Libânio destaca:

As opções de Puebla não tiveram a clareza e o profetismo de Medellín. O resultado se transformou num misto de conservadorismo teológico – a eclesiologia e a cristologia do documento de Puebla o refletem claramente – com opções que fazem ecoar Medellín. Enfraqueceu a opção pelos pobres, adjetivando-a para tirar-lhes o caráter radical anterior. [...] A entrada da opção pelos jovens teve o lado positivo de chamar atenção para esse grave

---

<sup>29</sup> PADIN, 1999, p. 29.

<sup>30</sup> LIBANIO, 2007, p. 21.

problema da Igreja e negativo de diminuir o impacto da opção pelos pobres.<sup>31</sup>

A efervescência de Medellín é aos poucos minimizada pelos crescentes conflitos eclesiais em relação à Teologia da Libertação e às diferentes hermenêuticas que surgiram sobre os princípios do fazer teologia no Continente. A Igreja Romana, sob o pastoreio do Papa João Paulo II, lança um novo olhar para a América Latina no sentido de destacar a evangelização como elemento preponderante para os novos tempos no Continente.

A Conferência de Puebla no seu pensamento mais tradicional foi uma releitura da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI para a América Latina. O discurso inaugural do Papa João Paulo II evidencia o destaque para a exortação: “... Este documento se converte num testamento espiritual que a Conferência deverá esquadrihar com amor e diligência para fazer dele ponto de referência obrigatório e ver como colocá-lo em prática”<sup>32</sup>.

A cristologia do seguimento em Puebla traz forte destaque à Palavra encarnada nas culturas e povos que pela Igreja recebem o Evangelho e assim reconhecem as sementes do Verbo nas culturas. O Decreto *Ad Gentes* destaca:

Como Cristo, por Sua encarnação se ligou às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu, assim deve a Igreja inserir-se em todas essas sociedades, para que a todas possa oferecer o mistério da salvação e a vida trazida por Deus. [...]. Reconheçam-se como membros do corpo social em que vivem, e tomem parte da vida cultural e social através das várias relações e ocupações da vida humana. Familiarizem-se com suas tradições nacionais e religiosas. Com alegria e respeito descubram as sementes do Verbo aí ocultas (AG, n. 10-11).

Puebla apresenta de forma mais densa a centralidade da vida de Jesus na vida da Igreja, com destaque para a comunhão e participação de todos na evangelização dos povos. A Conferência oferece uma compreensão cristológica aliada à eclesiologia. Mesmo com uma cristologia que reflete a centralidade do evento Cristo encarnado nas culturas e povos, a visão de discipulado ainda era catequizante e puramente doutrinal, envolvida por uma compreensão de igreja clericalizada que priorizava mais a manutenção do que a renovação e abertura ecumênica. “Até agora a Igreja contou principalmente com uma pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase numa prévia evangelização. [...] Hoje, entretanto, as próprias transformações do continente exigem uma revisão dessa pastoral ...”<sup>33</sup>.

<sup>31</sup> LIBANIO, 2007, p. 30.

<sup>32</sup> CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 16.

<sup>33</sup> PADIN, 1999, p. 64.

As resistências foram muitas e de diversas maneiras se buscava rerepresentar a Igreja povo de Deus que o Concílio apresentou. Em Puebla percebe-se o desejo de libertação das diversas realidades de dependência. “...libertação que vai se realizando na história, a libertação de nossos povos [...] e abrange as diversas dimensões da existência: o social, o político, o econômico, o cultural, e o conjunto de suas relações” (DP, n. 483).

Em continuidade com Medellín a Igreja latino-americana abraça a dimensão profética e seguidora de Jesus, mesmo com dificuldades, perplexidades, incongruências, mas olhando além das diversidades e assumindo o discipulado como uma realidade intrínseca ao Evangelho. Em descontinuidade minimiza o olhar mais voltado para as comunidades de base, para a Teologia da Libertação e para o pobre como opção preferencial da Igreja de Jesus Cristo.

As Conferências de Santo Domingo (1992)<sup>34</sup> e Aparecida (2007), caminham com a história e delineiam a reflexão da cristologia em seus mais diversos aspectos e lugares teológicos. A realidade do Continente não deixa de conter um elemento cristológico a ser validado pelos teólogos e pesquisadores nas diferentes hermenêuticas elaboradas. A teologia latino-americana desenvolverá essas marcas cristológicas no ensejo de buscar uma originalidade metodológica do fazer teologia no Continente.

## **1.2 O Seguimento como Caminho – José Comblin**

Na linha das Conferências já revisitadas surgem autores que contribuem para uma visão panorâmica da teologia do discipulado na América Latina. Teólogos que se envolveram na construção de um pensamento teológico relevante, a partir do lastro da realidade do Continente e da vivência da fé comprometida. José Comblin<sup>35</sup> em sua obra – O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus – apresenta as bases mais fundamentais do seguimento retomando elementos essenciais que compõem a vida cristã.

---

<sup>34</sup> A IV Conferência Episcopal realizada em Santo Domingo (1992) foi convocada pelo Papa João Paulo II e teve como tema norteador: “Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã”. Lema: “Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13, 8). A Conferência foi uma espécie de avaliação dos dez primeiros anos de Puebla e dos vinte anos de Medellín a partir da realidade contextual. Deu-se grande destaque para os Meios de Comunicação Social e o anúncio do Evangelho. O Documento não se utilizou do método ver-julgar-agir, distanciando-se da experiência das outras conferências.

<sup>35</sup> José Comblin nasceu em Bruxelas, Bélgica. Foi ordenado presbítero em 1947. Doutorou-se em Teologia pela Universidade de Lovaina. Trabalha na América Latina desde 1958. Autor de várias obras nas quais se destaca a que estamos utilizando para fundamentar a abordagem do seguimento como caminho.

O caminho foi, com certeza, um dos primeiros nomes que os cristãos deram à sua nova vida de convertidos a Jesus. Para eles a vida nova era um caminho novo, e o que Jesus lhes pedia era que o seguissem nesse caminho. No início tudo era muito simples. Com o passar dos tempos o cristianismo deu origem a uma religião.<sup>36</sup>

As bases primeiras da dimensão do seguimento como caminho são para a pesquisa elementos ampliadores do olhar teológico, pois, se configuram como critério de análise do Documento de Aparecida em momento posterior. O que há de mais essencial na experiência religiosa é configurada analogicamente com um caminho, levando à compreensão de processo, relacionalidade, caminhar com (junto) e para (meta). É ação que acontece mediante a contingência da realidade envolvida pela fé, expressão teológica da vida cristã que, no salto da fé, experimenta o transcendente e interage no caminho. “O Ser humano está a caminho, rumo à plena manifestação de seu ser. Ele não é o que é, mas o que será um dia, depois de uma longa caminhada”<sup>37</sup>.

Em três pilares teológicos - esperança, fé e amor - Comblin desenvolve sua teologia do seguimento apontando a leveza do ser cristão original que revela o ser de Deus. Na obra -Jesus Cristo e sua missão - Comblin afirma: “Deus não é conhecido pelas ideias e sim pelo amor. Por isso, não se conhece a Deus por meio de uma religião e sim por meio da caridade, ou seja, da ação...”<sup>38</sup>. As conhecidas virtudes teológicas, a fé a esperança e o amor são originantes do pensamento cristão e dizem respeito a Deus mesmo. Um Deus que se autocomunica como verdade na fé, bondade no amor e como mistério na esperança. É uma compreensão fundamental que situa a vivência/experiência religiosa em uma relação primeira, fontal da fé e que ultrapassa as institucionalizações eclesiais criadas. “Em se tratando da herança cristã, em busca de novas respostas, impõe-se salvaguardar a autenticidade originária, a experiência fundante...”<sup>39</sup>. É importante pensar o discipulado como caminho exercido em comunidades de fé, mas que ultrapassa a realidade burocratizada e dogmatizante em que a fé foi sendo inserida.

Comblin busca refontalizar a fé para além do arcabouço de estruturas da religião que podem enrijecer a experiência do sagrado. Por um lado, o seguimento autêntico se dá no processo, na relação do Mestre com o discípulo na intimidade. Por outro, ele precisa de um

---

<sup>36</sup> COMBLIN, José. *O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 07.

<sup>37</sup> *Ibidem.*, p. 21.

<sup>38</sup> COMBLIN, José. *Breve Curso de Teologia: Jesus Cristo e sua Missão*, Tomo I. 4. ed. São Paulo: Paulus. 1983, p. 23.

<sup>39</sup> BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 119.

conteúdo a ser apreendido e vivido na relação comunitária, compromisso com um modo de ser que manifesta a fé vivida. Esses elementos constituem uma relação de conhecimento mútuo, de proximidade que gera o dado da fé, as virtudes teológicas, no seio de uma cultura que experimenta o sagrado e o codifica como memorial. Vale-nos a distinção que Comblin apresenta de seguimento de Jesus e religião.

O seguimento de Jesus é uma coisa e a religião, outra. A Tradição da Igreja sempre fez a distinção entre as virtudes ditas teológicas – fé, esperança e caridade -, que são dons de Deus, e a virtude da religião que é virtude natural, formada pelos povos dentro das suas culturas. A religião é uma criação humana, nascida de um intenso trabalho cultural. O seguimento de Jesus não é produzido por nenhuma cultura e pode ser vivido em todas as culturas.<sup>40</sup>

Desta maneira, o seguimento de Jesus no discipulado comporta em sua aproximação mais originante o caminho da esperança, o caminho da fé e do amor. A esperança é sempre uma atitude de quem espera tudo de Deus, mas que apresenta tudo de si para a melhoria das realidades, superação dos sofrimentos do mundo. A fé é o passo que transcende o homem no diálogo com o sagrado. O amor, caridade, é a força capaz de movimentar a vida e torná-la fonte vivificante que irradia o bem ao mundo, às pessoas. Genuinamente o cristão discípulo tem esta tríade originária (esperança - fé - amor) como guia norteador, como pedras vivas no caminho para a construção do edifício da fé comprometida na ação testemunhal, profética e, desta maneira, missionária.

Toda a história da salvação é a caminhada da esperança cristã que perpassa os tempos e as mais vulneráveis realidades humanas. A esperança faz suscitar no agir dos homens e mulheres o querer bem, na dinâmica da autocomunicação de Deus que é o Bem por excelência. “A teologia da esperança abriu nova época para a teologia cristã, permitindo que entrasse finalmente em diálogo com o mundo moderno”<sup>41</sup>. A questão de fundo foi o resgate da esperança como base teológica do pensamento cristão. Por que a teologia havia deixado de lado a esperança, sendo que ela era a mais íntima experiência daqueles que encontravam o ressuscitado e viviam o seguimento? Cada etapa da história da salvação vai buscando dar respostas para esse questionamento de fundo que retomaremos no momento hermenêutico da pesquisa.

No tocante à fé, na Igreja primitiva se configurava como transmitida por uma experiência, uma vivência intrafamiliar e comunitária, catecumenal, chegando a ser fé

---

<sup>40</sup> COMBLIN, 2005, p. 08.

<sup>41</sup> COMBLIN, 2005, p. 20.

martirial. “Os primeiros séculos da história cristã, dentro do império romano, constituíram-se em era de esperança. Os modelos de esperança foram os mártires ...”<sup>42</sup>. Esta fé coadunada à esperança foi aos poucos sendo feita sob fórmulas sagradas, conceitos com linguagem próprias fazendo pesar a estrutura conceitual.

A fé não consiste em aceitar uma doutrina, algumas ideias ou uma mensagem intelectual. Ela consiste em ver certas coisas, que os sábios deste mundo não veem, mas que Deus mostra aos humildes: como ele está libertando seu povo aqui e agora. Foi isso que fez Jesus e essa é a fé que ele pediu aos seus interlocutores.<sup>43</sup>

O enrijecimento da fé a partir de uma apologética necessária no combate às heresias fez com que a caminhada cristã, que era centrada em Jesus e no relacionamento comunitário, ficasse a cargo de um pequeno grupo. Essa solidificação da fé para o Cristianismo foi um grande passo, visto que hoje temos um arcabouço de conteúdos da fé, dogmas da Igreja, que auxiliam na identidade e formação cristã. Por outro lado, o povo de Deus não consegue avançar no sentido de acompanhar a construção da fé, a atualização dos dogmas no contexto hodierno. Por isso há a necessidade de apresentar essa visão do seguimento como caminho, experiência, processo, que não exclui o “*intellectus fidei*” como razão da fé.

Os dogmas merecem nossa adesão à medida que são interpretações autorizadas da Bíblia – que expressa a história da salvação. Em nome de toda a Igreja e com ela, os sucessores dos apóstolos são chamados a dar uma última palavra em caso de controvérsia que põe em perigo a autenticidade da revelação. Mas a fé não tem por objeto os dogmas e sim o próprio Jesus, que é a manifestação de Deus na história da salvação, a palavra de Deus. [...] A aceitação intelectual de todos os dogmas não é garantia de fé.<sup>44</sup>

Ao longo das vicissitudes do cristianismo na história, foi sendo necessária a compilação de fórmulas de fé para esclarecer as dificuldades que apareceram principalmente quanto a pessoa de Jesus, a sua divindade, o Espírito Santo e a ação da graça de Deus na vida do homem. São elementos da fé que foram sistematizados em grandes sumas teológicas e que até hoje são pilares para a compreensão teológica mais acurada e íntegra na sua verdade doutrinária.

Comblin critica a rigidez que essas formulações deram à fé e que hoje, para serem compreendidas, precisam ser atualizadas adequadamente. Suprimindo o conteúdo da

---

<sup>42</sup> *Ibidem.*, p. 39.

<sup>43</sup> *Idem.*, 1983, p. 23.

<sup>44</sup> COMBLIN, 1983, p. 131.



dinamicidade relacional a fé vai se tornando burocracia mecânica de ritos e rubricas intermináveis que sufocam em vez de facilitar a experiência de Deus. O autor procura resgatar a fé originária, como um dom, uma virtude teologal que insere o cristão na dinâmica da graça de Deus que age na vida cotidiana.

Até pouco tempo atrás predominava uma teologia da fé, elaborada no século XVI – mas já preparada desde o final da Idade Média. Essa teologia ficou totalmente incompreensível hoje, afastando muitos contemporâneos da fé cristã. Tal fé soa-lhes inaceitável e irracional, infantil e autoritária. A fé vivida então consistia em acreditar cegamente em verdades que o magistério da Igreja ensinava – devido a autoridade do magistério. Os cristãos entendiam que a fé era submeter a sua inteligência à hierarquia, que sabia e ensinava o que era a verdade e o que era o erro. Dada a reação atual, precisamos rever essa teologia – conforme foi pedido por João XXIII no seu discurso inaugural e cada vez que se referiu ao Concílio convocado por ele.<sup>45</sup>

Trata-se de uma fé que é passada e repassada, que cresce à medida que se expande de um a outro na tradição. Não existe uma fórmula de fé capaz de abarcar todas as possibilidades da fé, no máximo poderá apontar na realidade trinitária os sólidos fundamentos da fé cristã – Pai, Filho e Espírito Santo, como eram as fórmulas antiquíssimas que retratam a liturgia batismal e que por sua natureza essencial se dava como um processo de inserção catecumenal do fiel na Igreja.

O autor não despreza o esforço intelectual para fazer progredir, manifestar e atualizar o conteúdo da fé, pois o que se tem foi fruto da produção e crescimento da teologia doutrinal/confessional, fundamental para o momento histórico e eclesial. No entanto, a partir da visão e reforma proposta pelo Concílio Vaticano II é preciso revisitar esses pilares teologais da esperança, fé e amor como indicadores do caminho do discipulado, sem a complexidade que se enquadrou. É uma volta não no sentido de buscar o retorno radical, mas de resgate da identidade para o diálogo com a realidade e as reformulações adequadas para os novos tempos. Com essa orientação podemos redescobrir o modo mais autêntico do seguimento de Jesus no caminho da vida cotidiana, na relação com Deus e com os irmãos.

### **1.3 Uma visão Cristológica Libertadora - Jon Sobrino**

Outro autor que contribui com a visão panorâmica do seguimento de Jesus na realidade latino-americana é Jon Sobrino<sup>46</sup>. Sua cristologia representa uma grande

---

<sup>45</sup> *Idem.*, 2005, p. 79.

<sup>46</sup> Jon Sobrino nasceu em Barcelona em 1938, entrou para a Companhia de Jesus em 1956. Vive em El Salvador deste 1957. É um dos teólogos mais influentes na construção do pensamento teológico da

contribuição para a análise da realidade deste Continente a partir de uma perspectiva libertadora fundada na Boa Nova, Jesus Cristo. A teologia construída é fruto da experiência da fé, do ser crente originante do Evangelho, da ação testemunhal e força da realidade de nossos povos, que com as mais diversas culturas, ontem e hoje, gritam por justiça e dignidade.

Apesar de algumas dificuldades com a Congregação para a Doutrina da Fé sobre alguns pontos de suas obras, o que pretendemos ao analisar a cristologia de Jon Sobrino é buscar o sentido hermenêutico que ele atribui ao voltar a Jesus Cristo, sua história e impacto na vida dos seguidores e seguidoras que professam a fé. “A cristologia latino-americana não despreza o conteúdo dogmático, mas prefere começar pela realidade histórica de Jesus, colocando em prática suas importantes lições do Novo Testamento...”<sup>47</sup>. A realidade conceitual da fé, configurada em fórmulas cristológicas, são categorias de grande destaque para Sobrino. O autor entende que as fórmulas da fé foram tentativas para expressar genuinamente o conteúdo interno da experiência e profissão testemunhal dos cristãos sobre quem é Jesus de Nazaré.

Para Sobrino essa realidade, o seguimento, é condição epistemológica para a leitura das fórmulas da fé, dos títulos dados a Jesus pela Igreja Primitiva. Somente quando se revisita os dados da fé com a experiência contida em si mesma, no contexto, podemos fazer uma leitura atualizada, frutuosa, relevante e significativa para quem deseja prosseguir no seguimento de Jesus com espírito<sup>48</sup>. O seguimento de Jesus para Sobrino configura-se como elemento epistemológico da compreensão e vivência cristã atual. Abarcando esta vivência na realidade de fé, a necessidade do conceito faz da cristologia construída uma forma atualizada do caminho prático dos discípulos e discípulas de hoje.

Para que as afirmações conciliares possam ter sentido com prioridade lógica e cronológica a Calcedônia, é mister percorrer um caminho conceitual: quem foi Jesus de Nazaré, como o teorizou o Novo Testamento (as teologias de Paulo, João, Hebreus, sinóticos...) e a Tradição posterior da Igreja (as teologias dos apologetas e dos Padres). Caso não se percorresse esse caminho conceitual, as fórmulas seriam simplesmente ininteligíveis. Mas a isso queremos acrescentar a necessidade de percorrer um caminho prático, que não é outra coisa senão o seguimento de Jesus: refazer na história a

---

América Latina. Entre suas publicações mais importantes encontram-se: Cristo a partir da América Latina; A ressurreição da verdadeira Igreja; Jesus o libertador – a história de Jesus de Nazaré.

<sup>47</sup> BOMBONATTO, Ivanise Vera. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 202.

<sup>48</sup> Vera Ivanise Bombonato, em sua obra provinda de seu doutoramento “Seguimento de Jesus: Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino”, faz a análise do prosseguimento de Jesus com espírito. Seguir a Jesus é revisitar sua caminhada histórica e apreender esses valores que norteiam a vida cristã. Já prosseguir com espírito é a força testemunhal que se requer, a graça, para abraçar a vida cristã como a realização da proposta de Jesus no hoje da existência.

estrutura de sua vida, práxis e destino. De acordo com isso, o seguimento de Jesus não será só uma realidade antropológica, ética e salvífica, mas que também opera como categoria epistemológica ...<sup>49</sup>

No mundo pós-moderno que se liquefaz nas inúmeras influências e ideologias religiosas as ideias do autor norteiam a vida de fé para sua centralidade e sua totalidade no seguimento genuíno de Jesus. Partir de Jesus será um ponto essencial do Documento de Aparecida, que em Sobrino já se coloca como imprescindível na busca da compreensão do seguimento discipular na realidade hodierna.

Na obra - *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas* - encontramos as bases fundamentais da cristologia de Jon Sobrino, na perspectiva desta pesquisa. A primeira obra do teólogo – *Jesus de Nazaré* - nos insere na vida histórica de Jesus. Com diligência o autor revisita a fé nas fórmulas cristológicas dogmatizadas nos Concílios, analisa os títulos neotestamentários dados a Jesus e reapresenta esses dados da fé como Boa Notícia do Reino. “... a fé cristã tem como conteúdo central uma boa notícia: Jesus anuncia e inicia a boa notícia do Reino de Deus, ele mesmo – por seu destino, modo de ser e fazer – é boa notícia, sua ressurreição traz esperança às vítimas ...”<sup>50</sup>.

Rememorar as bases do seguimento de Jesus, como vítima entregue para a libertação de todas as vítimas e excluídos<sup>51</sup>, é uma segunda compreensão hermenêutica da cristologia que possibilita um novo horizonte de sentido para a fé no Continente. Essa visão libertadora da cristologia de Sobrino abarca todo seu pensamento teológico, fazendo voltar às fontes do Jesus de Nazaré, sua vida singular e histórica, que na intimidade com o Pai manifestou o rosto de Deus aos homens na prática da misericórdia.

O princípio misericórdia<sup>52</sup> para Sobrino é elemento fundamental de sua cristologia da libertação, pois somente por Jesus Cristo, filho de Deus, é que a humanidade encontra o sentido último da existência e da benevolência divina, alcançando a plenitude da libertação. É no Cristo que toda a humanidade encontra a fé, a mediação, necessária para alcançar a redenção da criação. O princípio misericórdia é muito mais do que uma compreensão

---

<sup>49</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 476.

<sup>50</sup> SOBRINO, 2000, p. 488.

<sup>51</sup> Jon Sobrino utiliza dos termos “vítimas” e “povos crucificados” para analogicamente falar dos pobres, são sinônimos que refletem a vida histórica de Jesus. Sobrino quer resgatar a realidade do mundo da pobreza e a real responsabilidade histórica do homem diante dela.

<sup>52</sup> “Princípio misericórdia” é uma categoria de pensamento de Jon Sobrino. Para o autor é esse princípio que rege toda a economia salvífica. A atuação de Jesus de Nazaré será expressão da misericórdia do Pai que somente deseja a vida aos seus. A misericórdia é tomada como categoria de compreensão da realidade dos povos crucificados na visão libertadora de Sobrino. Veja-se: SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.

intimista da fé e do amor de Deus. É uma compreensão ampla que abarca todo o cosmos na criação, um amor esponsal que cria pela capacidade de amar e transborda como dinamicidade de vida.

A cristologia de Sobrino é centralizada na vida autêntica de Jesus ao chamar pessoas para estarem com Ele, numa atitude de amizade e liberdade. A ortopraxis de Jesus na sua vida cotidiana, de acolhida aos pobres e humildes, aos doentes e excluídos reinterpreta o *ethos* divino àqueles que o seguem pelo caminho. Bombonato contribui com a necessidade de compreender o seguimento como uma genuína opção de vida que se reflete a partir da vida de Jesus.

Ao chamar discípulos para segui-lo, Jesus se insere na tradição cultural de seu tempo, tomando como modelo as relações mestre-discípulos existentes entre os rabinos. Por conseguinte, para compreender o seguimento de Jesus hoje e suas implicações para a vida cristã, é necessário buscar as raízes e voltar ao evento fundante: Jesus de Nazaré que chama discípulos para segui-lo.<sup>53</sup>

Desta forma, o seguimento de Jesus na visão sobriniana como cristologia da libertação não é apenas afirmar “eu creio em Jesus”, mas ao afirmá-lo devem se coadunar a realidade da fé e a vida cotidiana na práxis cristã. “... a fé em Cristo inclui o elemento teórico e o elemento prático, de tal modo que bem cedo [...] se proclamou Jesus como Filho de Deus e, por outra parte seguimento e discipulado começaram a ser expressão absoluta da existência cristã...”<sup>54</sup>. A metodologia do seguimento teórico-prático foi dada pelo próprio Cristo que chamou seguidores, os formou e mostrou o caminho do amor serviçal e da doação solidária, lavando os pés uns dos outros na atitude do serviço (Jo 13, 4-10). Toda a ação de Jesus é entregue ao Pai, no Espírito Santo. São ações trinitárias que dinamizam a história e fecundam a humanidade com a redenção no Mistério Pascal, onde palavra e ação se complementam.

O modo de ser do Homem de Nazaré, sua vida doada, oferente, revela a grande bondade de Deus para a humanidade sofrente. Esta é uma grande novidade em relação ao seguimento rabínico realizado na época de Jesus. Pois se impunha leis e normas sem mostrar como chegar à realização. Impunham-se fardos pesados que o povo devia carregar sem as condições para tanto (Mt 23, 1-4). No caso concreto de Jesus segue-se uma pessoa, não preceitos e doutrinas que apenas impõem razões para uma melhor vivência social. Jesus

---

<sup>53</sup> BOMBONATTO, 2002, p. 36.

<sup>54</sup> SOBRINO, 2000, p. 344.

ensina como ser, como fazer, ele é o proto-sacramento de Deus e aponta para o Pai estando na realidade que o desafia.

Na escola de Jesus não são os discípulos que escolhem o mestre com base em critérios preestabelecidos, mas é Jesus quem toma a iniciativa, e agindo com autoridade profética, escolhe seus discípulos. Tudo parte de um encontro e de uma palavra autorizada, eficaz e criativa de Jesus: Segue-me. Essa palavra expressa sua vontade eletiva em relação à pessoa chamada. Por meio de Jesus, Deus intervém na vida das pessoas. É Deus que procura o ser humano nas coordenadas do tempo e da história. [...] O centro do seguimento não é mais a Lei, mas Jesus e a fé na sua pessoa como o enviado do Pai e Filho de Deus. A fé em Jesus está na origem e no caminho do seguimento que se desenrola no meio de luzes e sombras.<sup>55</sup>

Neste sentido, a cristologia da libertação sobriniana trabalha duas perspectivas importantes para a abordagem da pesquisa: a de Jesus e a das vítimas, os sobrantes. Essa relação entre Jesus e os pobres, Jesus e as vítimas é metaparadigmática na cristologia sobriniana. Isso quer dizer que podemos fazer uma relação plausível para compreender a realidade das vítimas, dos pobres, a partir de Jesus vítima e pobre.

A realidade da fé na realidade das vítimas tem o próprio Jesus de Nazaré como protótipo. “A partir da América Latina a experiência pode ser verbalizada com a simplicidade de Puebla: há uma busca do ‘rostro sempre novo de Cristo que preenche sua legítima aspiração a uma libertação integral’ (DP, n.173)”<sup>56</sup>. Nesta autêntica compreensão cristã a profissão da fé em Jesus Cristo não se sintetiza em somente crer nele, mas em comprometer-se com o projeto do discipulado, no seguimento quenótico e serviçal imitando o Mestre na sua vida e destino. Essa dinamicidade é dom do Espírito Santo que corrobora para a plenificação do seguir com amor e afinidade, é pro-seguimento com espírito. “... O ‘seguimento’ remete ao canal da vida real configurado pela vida de Jesus. O ‘com espírito’ remete à força para o caminhar real. E o ‘pro’ remete à necessidade perene de atualização e abertura à novidade do futuro”<sup>57</sup>. Sobrino considera:

Insistimos em que para alcançar o conhecimento de Jesus Cristo se necessita de um caminho, o do seguimento, e da entrega da pessoa, e o pressuposto é que nesse caminho existe algum tipo de afinidade. Mas na teologia de João quem mostra a verdade de Jesus e introduz a toda verdade é o Espírito [...]. Nossa tese pode ser formulada assim: o seguimento de Jesus é o canal que se deve percorrer (dimensão cristológica), e o Espírito é a força para percorrê-lo atualizadamente (dimensão pneumatológica). [...] Por isso, mais que de

<sup>55</sup> BOMBONATTO, *op. cit.*, p. 44.

<sup>56</sup> SOBRINO, 2000, p. 481.

<sup>57</sup> *Ibidem.*, p. 483.

seguimento, deve-se falar de pro-seguimento, e a partir daí a totalidade da vida cristã pode ser descrita como 'pro-seguimento de Jesus com espírito'.<sup>58</sup>

A compreensão que formamos do pro-seguimento com espírito, como categoria cristológica libertadora, abraça no sofrente Jesus de Nazaré todos os que sofrem a espoliação e injustiças. Nele estão todos os sofredores do Continente latino-americano. A realidade aqui vivida, e experimentada por Sobrino em El Salvador, deve falar algo para a cristologia enquanto libertação e pro-seguimento de Cristo. Sobrino distingue o seguimento na força do Espírito das outras realidades pneumatológicas que não se reconhecem no seguimento de Jesus. "O caminho que leva ao conhecimento de Jesus Cristo é o 'seguimento com espírito', mas não a ação do Espírito independentemente do seguimento"<sup>59</sup>. A colaboração do homem e da mulher, chamados à vida e dignidade, no seguimento com espírito, é fundamental na cristologia sobriniana.

É fundamental ainda destacar que a cristologia construída por Sobrino conseguiu refletir e reinterpretar o significado atual da vida histórica de Jesus de Nazaré e da sua ressurreição, a partir dos títulos cristológicos, como expressão da fé da comunidade dos seguidores que experimentaram a libertação no caminho, no amadurecimento da fé e sua codificação atualizada. Com esse conteúdo dinâmico e vivencial a comunidade cristã pode oferecer a experiência do pro-seguimento com espírito. Prosseguir no seguimento com espírito é coadunar a experiência pascal de Cristo com a experiência dos sofredores de hoje que nos interpela. Jon Sobrino faz essa inter-relação de forma magistral e colabora com o amadurecimento das reflexões sobre a cristologia da libertação no seguimento de Jesus.

#### **1.4 A Teologia do Discipulado como Missão - Paulo Suess**

Comblin e Sobrino corroboraram no tocante à cristologia inerente ao discipulado como reflexão do seguimento de Jesus, no resgate de sua realidade histórica e experiência de adesão aos excluídos, pois o Homem de Nazaré se torna um deles. Tendo por base a realidade da fé inculturada na América Latina e como metodologia a analogia do caminho, o conteúdo da revelação divina se plenifica em Jesus Cristo, e é apresentado processualmente como libertação/salvação. Assim, esses autores formam a base fundamental da panorâmica apresentada em sintonia com as indicações do Concílio Vaticano II.

---

<sup>58</sup> *Ibidem.*, p. 482.

<sup>59</sup> *Ibidem.*, p. 483-484.

Como nos propomos abordar o Documento de Aparecida, texto fundamental desta hermenêutica do discipulado, faz-se mister aprofundar a conceituação que Paulo Suess<sup>60</sup> apresenta. O autor recoloca o discipulado como missão, fazendo uma teologia discipular que considera a práxis da vida cristã como ponto de partida e critério essencial de hermenêutica, no que abrange a missão como realidade vivencial e profética.

Assim, outra vertente do seguimento é refletida por Paulo Suess enfatizando conceituações que serão imprescindíveis no debate das ideias centrais dos autores mencionados com as linhas diretivas do documento resultante da última Conferência latino-americana. Isso implica em um processo pedagógico que potencializa a reflexão teológica e o crescimento cognitivo. Processo que engendra novas reflexões para a sistematização teológica, ajudando a compreender o real significado do seguimento de Jesus como discipulado para a missão, no contexto pós-moderno e na realidade deste Continente marcado por configurações eclesiais e sociais específicas.

Paulo Suess, por sua ampla experiência missionária na realidade da América Latina, mais especificamente no Brasil, consegue fazer germinar uma teologia que nasce com rosto discipular, inculturada, ecumênica e missionária. Na perspectiva de Suess, fazer teologia discipular é entrar na dinâmica do seguimento de Jesus, e caminhar na proposta do Reino, tendo os mesmos sentimentos, ações e destinos daquele por quem deixamos tudo para seguir. “A partir da compreensão da missão como memória histórica, projeto de vida e seguimento de Jesus, e a partir do lugar dos pobres e dos outros da América Latina, procuramos [...] aproximar as questões da verdadeira humanidade”<sup>61</sup>.

Desta maneira, o autor propõe uma teologia do discipulado que abarca as realidades humanas, históricas e eclesiais, destacando a comunhão como elemento norteador que interliga discipulado e missão. “... ‘A vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão’. A fé nos conduz à comunhão”<sup>62</sup>. A comunhão, então, é critério epistemológico para a relação do discipulado como missão.

O critério hermenêutico de comunhão consegue abarcar a história humana e a realidade, pois insere essa mesma história na economia da salvação. Por isso, a realidade é

---

<sup>60</sup> Paulo Suess doutorou-se em Teologia Fundamental e trabalhou durante dez anos na região Amazônica. Contribuiu grandemente com a sistematização da missiologia na compreensão do Concílio Vaticano II.

<sup>61</sup> SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão – Convocar e enviar: servos e testemunhas do reino*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 21.

<sup>62</sup> SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 22.

ponto de encontro do amor de Deus e da história construída. O mistério trinitário da *missio Dei* é para Suess a realidade mais íntima da comunhão e da participação que a criação pode manifestar. Nela os homens são chamados a viver e con-viver em unidade.

A comunhão vivida na Trindade é uma realidade a ser experimentada por cada discípulo de maneira testemunhal e serviçal na missão. “... A apropriação dessa experiência, porém, há de ser sempre vivencial, contextual e transformadora ...”<sup>63</sup>. A Igreja primitiva vivenciou essa experiência discipular e, por isso, pode-se fazer hermenêutica da vida de fé dos discípulos e discípulas. Essa mesma experiência originante é condição de possibilidade para a teologia do discipulado encontrar o caminho teológico mais condizente para o seguimento de Jesus e a missão como desdobramento originário do ser cristão<sup>64</sup>.

Daí se estende o campo semântico que a teologia do discipulado destaca para o termo missão, que literalmente não aparece na Sagrada Escritura, mas somente com a interpretação de uma comunidade de fé que se reconhece participante na construção histórica da salvação, na relação de Deus com o homem.

Paulo Suess, enfatiza:

A igreja primitiva era uma Igreja missionária em todos os sentidos: na sua prática diaconal, teológica e litúrgica. Embora a palavra ‘missão’ não esteja presente nos escritos bíblicos, o campo semântico da atividade e reflexão missionárias se encontram nas palavras e na fé dos profetas e patriarcas, dos apóstolos e das discípulas. Ambos os testamentos falam da fé e do testemunho, da convocação do povo da aliança com uma responsabilidade universal para com o mundo; falam da obediência, do serviço, ser luz do mundo, da conversão, do juízo e da salvação.<sup>65</sup>

É princípio comum da teologia do discipulado começar de dentro, ou melhor fazendo teologia discipular como um ouvinte da Palavra, como um discípulo missionário que também caminha na proposta mistagógica. Ouvir a Palavra é sentir/ouvir a con-vocação para o seguimento, isso também requer uma prática relacional, orante, oferente, uma atitude diante do sofrimento do mundo e dos homens e das intransigências religiosas e sociais. Os escritos de Suess trazem esta marca: fazer teologia discipular a partir de dentro da realidade dos povos e culturas, tendo a missão como inerente ao ser de Deus que é Trindade, comunidade de amor.

---

<sup>63</sup> SUESS, 2015, p. 52.

<sup>64</sup> Para uma visão frontal do resgate do essencial do ser cristão, seguidores e seguidoras de Jesus, conscientes da adesão de um projeto e responsabilidade que este seguimento intrinsecamente necessita, veja-se: KONINGS, Johan. *Ser Cristão, fé e prática*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

<sup>65</sup> SUESS, 2015, p.28.



O amor de Deus transborda em missão como processo discipular, é amor fontal. “... o amor não se contenta consigo mesmo e por causa disso envia o Filho no Espírito Santo em missão para anunciar a Boa-Nova a toda humanidade...”<sup>66</sup>. A comunhão de vida trinitária, que é na história manifestação econômica das três pessoas, faz compreender a essência do discipulado/missão. Jesus Cristo é o missionário do Pai e o Espírito Santo, protagonista da Missão<sup>67</sup>, nos impulsionando a caminhar com Ele. Pode-se constatar que a teologia do discipulado é relacional, um convite lançado a partir de uma experiência concreta, pessoal e histórica que impulsiona à missão.

A base fundamental dessa experiência é a Revelação Divina e a obra da criação (Pai) e da Salvação (Espírito Santo) como automanifestação da benevolência de Deus para a humanidade sofrente, decaída, mas que é redimida pela missão do Filho no Espírito Santo. “A missão, expressa antes de tudo, a missão de Jesus, em sua origem na Trindade, do Pai, pelo Filho Jesus, no Espírito Santo...”<sup>68</sup> Esse conteúdo interno do saber teológico já sistematizado precisa, na visão do autor, passar por uma atualização em nossos dias para ser realmente compreendido e dar sentido ao discipulado como missão. “Essa apropriação vivencial da fé exige, para a sua credibilidade, compreensão e transmissão, inovar a linguagem, as fórmulas e as parábolas”<sup>69</sup>.

Nesta construção da missão como discipulado em Paulo Suess, encontramos algo que se assemelha a compreensão originária de Comblin e Jon Sobrino. A missão é, em uma compreensão mais abrangente, a busca de um recentramento da fé no essencial da vida cristã. Não é proselitismo para a conquista de redutos de fieis e monopólio da fé. Não é ideologia que cerceia os limites da liberdade e da consciência, mas é relação dialógica, mística, experiencial com uma pessoa, Jesus Cristo.

Refletir e conceituar discipulado/missão em Paulo Suess é recolocar a atividade de Jesus em sintonia com o plano do amor de Deus pela humanidade e o envio dos batizados no Espírito para fazer discípulos na compreensão do Vaticano II<sup>70</sup>. “As alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje [...] são também as alegrias e as esperanças, as

---

<sup>66</sup> *Ibidem.*, p. 51.

<sup>67</sup> A Carta Encíclica de João Paulo II, sobre a Validade Permanente do Mandato Missionário, “*Redemptoris Missio*” de 1990, destaca a Trindade como o fundamento da missão da Igreja e dos discípulos e discípulas, onde o impulso missionário pertence à natureza íntima da vida cristã.

<sup>68</sup> PANAZZOLO, 2006, p. 15.

<sup>69</sup> SUESS, 2015, p. 52.

<sup>70</sup> A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* aprofunda a realidade de inserção dos discípulos de Cristo na vida real do povo, em suas alegrias e esperanças, angústias e tristezas. Esses lugares teológicos são sinais dos tempos que mostram a ação de Deus na história dos homens que se põem a ser discípulos de Cristo.

tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, n. 1). O maior destaque no mandato missionário de Jesus Cristo está em fazer discípulos (Mt 28,19), testemunhar a experiência de um Deus amor que ultrapassa as realidades legitimamente humanas e culturais. É muito mais do que ir conquistando povos a partir da imposição da fé, sem levar em consideração a cultura e a experiência transcendental de cada povo.

A eclesiologia, com todo o arcabouço de doutrinas e compreensões, está intimamente inter-relacionada com a missiologia, na compreensão de Suess. “Por ser essencialmente missionária, a Igreja não vive para si. Ela não está nem se coloca no centro. Ela vive a serviço do Reino...”<sup>71</sup>. A eclesiologia neste sentido está imbuída da missão, pois Jesus Cristo enviou os discípulos, como Igreja, comunidade dos filhos de Deus, para a missão de fazer discípulos. Humanizar é a grande proposta de todos os que genuinamente seguem a Cristo e são conduzidos pela Igreja nessa meta. “A missão envolve também a comunidade. [...] A pessoa torna-se humana por meio da comunidade. É nesta relação que o ser humano se descobre plenamente a si mesmo, como experiência da vida vivida...”<sup>72</sup>.

A origem da missão é realmente iniciativa de Deus e Ele não cabe em esquemas pré-determinados nem em ritos descontextualizados com fins ao proselitismo. A missão vai além das instituições criadas, ela acontece no estar a serviço, no pôr-se a caminho para solidarizar-se. Suess acrescenta:

A missão tem sua origem na iniciativa do amor de Deus, Uno e Trino. Portanto, a missão tem origem na Santíssima Trindade e é anterior à Igreja. A missão emerge de uma comunidade e aponta para a convocação e o envio de comunidades missionárias. A Igreja é instrumento do plano salvífico de Deus, existe na missão, ou como o Vaticano II declara, ela “é por sua natureza missionária” (AG, n. 2), mas não é a origem nem a finalidade da missão.<sup>73</sup>

Após esta abordagem da natureza da missão vejamos por outro prisma a realidade pastoral da teologia do discipulado. Por muito tempo a missão era vista como anexar outros povos para abraçar o cristianismo católico. Era eminentemente feita por religiosos e religiosas que saíam de sua pátria para ir ao encontro dos “gentis”, para evangelizar e batizar, fazendo redutos nos territórios de missão. Uma missão territorial, seletiva e na maioria das vezes impositiva era reinante.

---

<sup>71</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Memória, Projeto, Seguimento*. Brasília: CNBB, 2007, p. 81.

<sup>72</sup> PANAZZOLO, 2006, p. 101.

<sup>73</sup> SUESS, 2015, p. 54.

Esta visão missiológica é marca de uma eclesiologia que se preocupou em sacramentalizar, civilizar os povos e culturas dominadas. O Concílio Vaticano II buscou iniciar processos de uma reviravolta eclesial nesta compreensão da missão discipular de toda a Igreja e do seu fazer. “... Nos processos que levaram à redefinição da missão, observa-se um deslocamento de uma Igreja que tem missões territoriais [...] para uma Igreja na qual a missionariedade representa a orientação fundamental de todas as suas atividades”<sup>74</sup>.

Na compreensão antropológica atual uma visão eclesiológica e pastoral que não respeitou as culturas e suas tradições religiosas naturais é questionável, mas o anacronismo não faz parte da reflexão do autor. Cabe lembrar que foi marca desse modelo eclesial a colonização brasileira e de toda a América do Sul. “... a missão atrelada ao poder, como na cristandade latino-americana, fez poucos esforços de assunção ou inculturação ...”<sup>75</sup>.

Por muito tempo a teologia pastoral e a missiologia trilharam caminhos diferentes, dificultando a reflexão sobre a inculturação. A Conferência de Aparecida, na visão pastoral que propõe, consegue distinguir e unificar os conceitos de missão e discipulado antes vistos como duas realidades estanques, potencializando-os para a inculturação na realidade. Discipulado e missão são vistos agora sem hífen, ou seja, é uma realidade dialógica que se completa mutuamente na realidade da comunhão e participação de Deus na vida e história dos homens e mulheres.

Não há processo discipular missionário sem a adoção de um anúncio profético, testemunhal e serviçal. A mística missionária também é ponto central da teologia discipular na reflexão teológica de Suess.

Mística missionária é mística cristã. A missão não é uma tarefa entre outras, mas a essência da vida cristã. A mística é a energia vital dessa missão. Com essa energia, a missão assume a tarefa de transformar o mundo e revelar o Reino. Transformação e revelação acontecem na vida cotidiana. Também nos confins do mundo todos vivem uma vida cotidiana.<sup>76</sup>

A intimidade mística se percebe claramente nos primórdios da vida cristã onde o testemunho maior do seguimento de Jesus era a confissão da fé com o martírio. O discipulado missionário continha em si uma escatologia que fazia o confessante olhar além das perseguições e conflitos locais e ser capaz de entregar-se como fez Jesus Cristo diante da sociedade política e religiosa estabelecida. O discipulado missionário na visão pastoral de

---

<sup>74</sup> SUESS, *op. cit.*, p. 122-123.

<sup>75</sup> SUESS, 2015, p. 96.

<sup>76</sup> *Ibidem.*, p. 73-74.

Suess colabora com a pesquisa e aponta elementos que se tornam critérios legítimos para uma análise do Documento de Aparecida.

### 1.5 Considerações sobre o Discipulado na América do Sul

Em sintonia com as perspectivas do Vaticano II e as disposições reflexivas abordadas até o momento, o discipulado é analisado como uma categoria relacional<sup>77</sup> de conhecimento do pensamento teológico e da práxis cristã como uma experiência deste saber em ação. Todos aqueles que têm uma experiência querigmática com Jesus Cristo são imbuídos de uma realidade espiritual que os chama ao seguimento. O seguimento de Jesus é envolvido pelo dado racional, simbólico e celebrativo, pois, é caminho trilhado por homens e mulheres que vivem em relação com a cultura e a história. Não é um espiritualismo de cunho subjetivista, mas uma real entrada na fé cristã que possibilita a adesão pessoal de valores, norteando a prática da fé no seio da sociedade, nas relações do trabalho, no encontro com a ciência e a técnica, na vivência testemunhal diante do mundo contemporâneo globalizado.

Com essa contextualização geral, em âmbito de panorâmica, a teologia discipular na América do Sul foi construída como a reflexão crítica que se faz do Continente em interação com o mundo e suas relações. O CELAM refletindo sobre o ser cristão no mundo globalizado apresenta as chaves de leitura para a interpretação dos processos históricos que a América Latina vivenciou e que ainda influencia diretamente na maneira como se entende o seguimento de Jesus no discipulado.

Como povo de Deus que peregrina na América Latina e no Caribe, vamos aproximar-nos do evento com base nos critérios – sempre chaves – da dignidade da pessoa humana, da sua vocação à comunhão, da opção preferencial pelos pobres e da integridade da criação, fundamentados na Palavra de Deus revelada no Senhor Jesus.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> O discipulado como categoria relacional se refere ao âmbito da integralidade da fé vivida na adesão da proposta de Deus manifesta em Jesus, o Reino, em interação com todas as esferas da vida religiosa confessional e do conhecimento humano. A teologia discipular na América do Sul sensibilizou-se pelos sinais dos tempos que pulsavam no Continente.

<sup>78</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO E CARIBENHO. *Globalização e Nova Evangelização na América Latina e no Caribe: reflexões do CELAM*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 09.

A teologia discipular latino-americana não está isenta do contexto que a envolve, mas leva esse contexto, com seus dinamismos internos, para as entranhas de seu fazer teológico. O discipulado vai sendo configurado como o descobrimento do Evangelho vivo, dinâmico e transcendente, na realidade do povo simples, do povo de Deus e de todos os homens de boa vontade, segundo a abertura e reflexão do Vaticano II. Por isso, temáticas como a dignidade da pessoa, a vocação para a comunhão, a justiça, a libertação, a opção pelos pobres, são referenciais para a teologia discipular. O objetivo deste conhecimento é transfigurar a realidade segundo o enfoque fundamental da fé centrado na pessoa de Jesus Cristo, sua vida histórica e processo pascal salvador. Portanto, é uma teologia cristocêntrica<sup>79</sup> à medida que todas as temáticas envolvidas ganham sua plena realização em Jesus.

O caráter metodológico da reflexão discipular na América do Sul é de base fundamentalmente bíblica, pois a revelação ilumina a realidade do chamamento ao discipulado conduzindo para a práxis cristã no seio da sociedade concreta, envolvida por luzes e sombras. As incongruências da realidade sofrida pelos pobres, muitas vezes, ofuscaram a beleza e o impacto da Boa Notícia de Jesus no Continente dando lugar a várias interpretações conflituosas.

A explicitação teológica cristocêntrica do discipulado é basilar na teologia discipular, mesmo que na história do Continente a Palavra de Deus identificou-se mais profundamente com aqueles que sofrem, os excluídos e oprimidos, o Cristo pobre. Desta maneira, o discipulado neste Continente foi processualmente enraizado na realidade, possibilitando luzes novas de esperança, de criticidade evangélica, que encaminha para a mudança dos paradigmas instrumentalizadores da fé. Jesus se fez homem, pobre, em favor dos pobres, para libertá-los.

A compreensão do modo como Deus se uniu ao homem adquire, sem dúvida, uma nova dimensão ao descobrir que ele se identificou especialmente com os mais pobres e excluídos (cf. Mt 25, 35-36). Os pobres são um lugar privilegiado para o encontro com Jesus Cristo: ‘No rosto de cada homem, especialmente se se fez transparente por suas lágrimas e por suas dores, podemos e devemos reconhecer o rosto de Cristo (cf. Mt 25, 40), o Filho do homem’. Todos os textos da Sagrada Escritura que nos recordam o amor preferencial de Jesus Cristo pelos mais pobres, e a maneira como ele está presente neles de um modo misterioso, mas real, constituem uma página da cristologia e não um simples convite à caridade. Podemos afirmar com segurança que o amor preferencial pelos pobres é uma dimensão constitutiva da fé em Jesus Cristo.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> A Carta Encíclica *Redemptor Hominis*, (n. 01) do Papa João Paulo II publicada em 1979 apresenta esta visão cristocêntrica do discipulado e da realidade salvífica do homem, do cosmos e da história pela mediação de Jesus Cristo.

<sup>80</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO E CARIBENHO. 2003, p. 127-128.

A citação do CELAM corrobora para dizer que a teologia discipular na América do Sul além de ser cristocêntrica é também antropocêntrica, pois são os homens e mulheres do Continente que tomam o centro das questões relacionadas à libertação, às injustiças, à pobreza. A reflexão teológica redescobre a realidade do homem como um fator propulsor de libertação e sinal de Deus na história. Podemos notar que a relação entre fé e práxis cristã é central nesta maneira de entender e interpretar o discipulado.

A fé e a vida, o homem e a história, são realidades coadunantes que sintonizam o ser discípulo no Continente latino-americano. A teologia discipular, então, comporta em seu conteúdo uma ética cristã comum. “O agir das comunidades cristãs no meio do mundo é a contribuição cristã à libertação. As doutrinas, as ideias, [...] somente contribuem à medida que representam, animam e estimulam o agir das comunidades”<sup>81</sup>. Esta concepção marcou a reflexão latino-americana na busca de sua identidade e fazer teológico.

O discipulado, por ser caminhada de homens e mulheres seguindo o Cristo, carrega dentro de sua natureza um dado ético, prático, que insere os caminhantes na realidade contextual para o serviço como expressão operante da solidariedade, grande marca do homem latino-americano. “[...] o encontro com Jesus Cristo vivo, leva os crentes a uma conversão do coração, que nas comunidades cristãs se manifesta numa vida em comunhão e na virtude da solidariedade. Essa solidariedade é a expressão operante da caridade”<sup>82</sup>.

Esse dado fundamental da antropologia que a teologia abraça é fruto de reflexões sistemáticas originárias da realidade iluminada pela fé, que fala e instiga a pensar o termo do saber teológico discipular. Diante da realidade latino-americana, o que a teologia discipular pode oferecer de forma reflexiva e crítica, num ambiente onde os direitos básicos dos cidadãos são molestados? Como a práxis cristã, que deseja seguir os ensinamentos do Mestre, pode dialogar com essa realidade pragmática e oferecer suas mãos serviçais para a fraternidade, justiça e esperança? Esses questionamentos não podem ser ignorados por uma teologia que deseja ser originalmente evangélica e discipular no contexto das ameaças à integridade da vida humana e sua dignidade, aliás tão frequentes na América do Sul.

O profetismo é outra marca reluzente e louvável do discipulado no Continente. O testemunho dos mártires que doaram a vida pela causa genuína da defesa dos excluídos, dos pobres, são sinais edificantes para a Igreja latino-americana. Hoje esses homens e mulheres são fortes expressões do discipulado na América do Sul, lembrados nos anais dos escritos como mártires das causas do povo, um exemplo deles é Oscar Romero. O compromisso com a

---

<sup>81</sup> PANAZZOLO, 2006, p. 163.

<sup>82</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO E CARIBENHO. 2003, p. 130.

vida e a dignidade do ser humano, homem e mulher, bem como de toda a obra criada, fazem parte do referencial cognitivo e prático da fé cristã que consegue aliar a mística com a ação pastoral. Segundo Konings, “o compromisso prático da vida cristã deve nascer da mística. Não o ativismo, mas o saber-se amado por Deus em Jesus Cristo é que deve inspirar o engajamento pastoral”<sup>83</sup>.

A marca da revalorização da história, das culturas e seus dinamismos dentro da realidade é outra fonte do fazer teologia do discipulado na América Latina. A revelação é constituinte do método teológico que se configura como dado positivo para a fé, para o teologizar diante do mundo e suas interrelações. O dinamismo da revelação não exclui as contribuições de uma leitura de mundo aberta a revisitar o passado e haurir dele novas expressões da identidade cristã na cultura local. Neste sentido, a eclesiologia de comunhão potencializa a presença do seguimento no mundo plural, pois “...tudo isso é o único e mesmo Espírito que o realiza...” (1Cor 12, 11). Especialmente no Brasil o Plano de Pastoral de Conjunto<sup>84</sup> elaborado na efervescência da aplicação conciliar levantou a bandeira da comunhão e participação para a defesa da vida, da dignidade e da dinâmica orgânica da ação evangelizadora para a ação pastoral da Igreja.

A teologia discipular na América Latina revisita as origens da experiência singular com Jesus de Nazaré, sua história de vida, opções e destino. “...esses valores humanos devem ser vistos à luz de Cristo, e essa iluminação por Cristo é conservada em sua comunidade...”<sup>85</sup>. Segundo o teólogo Agenor Brighenti é um revisitar sem saudosismos, pois, não se pode objetivamente voltar às fontes, mas haurir desta experiência comunitária a refontização da identidade e da missão discipular. É preciso revisitar a história, não como refúgio fundamentalista, mas como motor propulsor da reflexão instigando, nos meandros históricos, a força do divino que embala o contexto humano e eclesial para sua plenitude.

Maneira diversa de revisitar o passado é ‘voltar às fontes’, tal como protagonizou o Concílio Vaticano II em busca não de sua repetição no presente, mas de uma recepção criativa da experiência originária em forma de refontização. Embora menos visível, essa tendência não só está presente

---

<sup>83</sup> KONINGS, Johan. *Ser Cristão: fé e prática*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 75.

<sup>84</sup> O Plano de Pastoral de Conjunto foi elaborado pela CNBB em 1966 onde buscava apresentar linhas de trabalho para a pastoral orgânica no Brasil. Essas orientações são hoje conhecidas como Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, delineando pistas de ação para a pastoral de comunhão e participação, suscitando os elementos de participação na vida comunitária, como os conselhos paroquiais e diocesanos.

<sup>85</sup> KONINGS, *op cit.* p. 76.

no seio do contexto eclesial atual como está atuando com empenho sob o dinamismo dos ‘novos sinais dos tempos’.<sup>86</sup>

É neste substrato que a teologia do discipulado foi sendo construída no Continente. O discipulado como vocação também “ontológica”, vocação batismal. O discipulado é chamamento integral e abarca todas as dimensões da pessoa, implica em transformar as realidades de incongruência em realidades integradoras do homem com Deus e do homem com o mundo que o cerca. Destarte na América Latina a teologia discipular se construiu no chão da história de lutas e perseguições, de alegrias e sangue derramado. Nas entranhas da vida autóctone o seguimento faz conhecer o rosto de Deus, manifestado de compaixão pela humanidade sofrida e espoliada, que chama seguidores a experimentar as realidades do caminho. O discipulado implica na construção de novas relações que garantem a inclusão do excluído e a acolhida do pensamento diferente como possibilidade de autocrítica e autorreflexão.

O processo de hermenêutica da construção da teologia discipular na América Latina se preocupa com as preposições que indicam os caminhos, lugares teológicos, para suscitar novas linguagens. São outras perspectivas conceituais para refletir e apresentar o discipulado “a partir”, “na” e “para” a América Latina. Isso compreende uma passagem epistemológica da reprodução dos padrões e teologias europeias para a originalidade de uma teologia com rosto discipular genuinamente autóctone.

O importante é que a reflexão teológica construída após o Vaticano II e as conferências do CELAM conseguiram suscitar uma teologia autóctone, mas que não desprezasse as bases genuínas do fazer teológico. Essa postura condicionou uma necessária autocrítica da compreensão evangelizadora da Igreja, uma mudança de paradigmas em relação à evangelização, aos modos de apresentar as verdades da fé, a catequese e a vida pastoral das comunidades. Como método latino-americano adotou-se o ver, julgar, agir, como proposta de análise que parte da realidade vivencial para o confronto com o projeto de Deus exposto na Sagrada Escritura. Somente a Conferência de Santo Domingo não utilizou este método investigativo e de produção teológica.

De forma geral essa construção reflexiva foi vista como preocupante, de um lado, e inovadora, por outro. Preocupante para aqueles teólogos que desejam reproduzir mimeticamente a teologia europeia, e inovador para aqueles que veem a história, a vida dos povos latino-americanos como elementos do fazer e atualizar a teologia à luz do Evangelho.

---

<sup>86</sup> BRIGHENTI, 2004. p. 129.



## **Conclusão Parcial**

Esta panorâmica do seguimento de Jesus na América Latina conduziu o olhar investigativo para a análise da realidade histórica, sistematizando algumas das reflexões despontadas neste Continente após o Vaticano II. Como panorâmica, não pretendeu aprofundar as múltiplas dimensões que essa reflexão abarcou. Seria pretencioso demais tentar fechar a investigação teológica aos conceitos abordados e aos autores apresentados.

No entanto, a reflexão não deixou de abarcar os pontos nevrálgicos da construção teológica latino-americana partindo do espírito do Concílio e revisitando as Conferências de Medellín e Puebla, preparando o chão para a apresentação e análise do Documento de Aparecida. A cristologia do seguimento foi a lente focal do visitar esses documentos e pesquisar a amplitude de suas reflexões a partir de, na, e para a América Latina.

A vida do Homem de Nazaré é para todos os seguidores da atualidade o caminho que conduz ao reencontro do ser, da pessoa, das relações justas e fraternas. A cristologia que perpassa os escritos aqui pesquisados é genuinamente bíblica, cristocêntrica, antropocêntrica e histórica. Os autores apresentados contribuíram grandemente com a reflexão sobre o discipulado como caminho, processo de adesão das virtudes teológicas da fé, da esperança e do amor (José Comblin). Como reflexão crítica da história da Igreja em suas formulações dogmáticas, cristológicas, Jon Sobrino colaborou com o resgate da dinamicidade e originalidade da fé que precisa ser atualizada em novas expressões para os dias de hoje sem perder a integridade da fórmula de fé. Paulo Suess alargou a visão congruente de discipulado como missão testemunhal, profética, com espírito, no seio da realidade latino-americana.

A teologia do discipulado, com este “chão epistemológico” que trilhamos, é caminho aberto e criativo. Ela conduz para a produção de conhecimento, refontização de saberes e experiências que, por sua natureza, implicam em uma vivência mais profunda e autêntica da fé em Jesus Cristo. O diálogo com outras expressões de fé, com as ciências, a história, as tradições e as culturas, são momentos ricos de validar o que temos construído e ampliar o olhar teológico para além dos esquemas mentais e sistemáticos.

O seguimento de Jesus, neste primeiro capítulo, é processo de caminhada na dinamicidade da história de Deus com os homens e em interação com o eixo fundamental da vida de fé: a pessoa de Jesus Cristo. Essa interação de vida gera vida no seio da comunidade dos seguidores e seguidoras. O Documento de Aparecida vai girar neste eixo epistemológico da vida em Jesus para a vida dos povos da América Latina e Caribenha.

## 2 SEGUIMENTO DE JESUS NO DOCUMENTO DE APARECIDA

### Introdução

Apresentar o Documento de Aparecida, nas suas bases mais essenciais, evidenciando a teologia do seguimento de Jesus, é partir da contemplação da vida do Homem de Nazaré que irradia na vida dos povos latino-americanos, em suas mais diversas expressões culturais e religiosas. É vida que transcende diante da realidade do Continente marcado por incongruências políticas, sociais e econômicas que ameaçam constantemente o projeto de Deus. No interior destas instabilidades humanas e sociais grita o desejo pela vida plena na América Latina e Caribe. Compreender a vida a partir do encontro com Jesus é elemento chave para apontar o horizonte de sentido da hermenêutica do discipulado como temática proposta na pesquisa. É importante, inicialmente, uma visão genérica do evento.

A Conferência foi realizada em Aparecida, São Paulo em 2007, de 13 a 31 de maio. Foi um grande marco eclesiológico para a Igreja do Brasil, e para toda a Igreja latino-americana e caribenha. O Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) realizou a V Conferência Geral, convocada pelo Sumo Pontífice, o Papa Bento XVI. O evento não foi apenas os vinte dias do acontecimento, mas envolveu todo o povo de Deus em Conferências, Seminários, Congressos preparatórios que, das bases eclesiais, resultou em um Documento Síntese para o trabalho na Conferência.

Aparecida começa da reflexão das bases e culmina no encontro das expressões eclesiais e lideranças religiosas. O material resultante ficou conhecido como Documento de Aparecida. Foi o próprio Papa Bento XVI que externou o desejo de realizar a Conferência na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil<sup>87</sup>. O tema escolhido “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nossos povos nele tenham vida” e o lema norteador: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6) mostraram a amplitude e a focalização discipular do encontro.

O Documento final tem seu substrato centrado na vida de Jesus, que transborda no chamamento de discípulos missionários para experimentar a vida plena, integral, junto d’Ele.

---

<sup>87</sup> No discurso do Papa Bento XVI no final da oração do santo Rosário no santuário de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de maio de 2007, afirma: “Como é bom, queridos Presbíteros, Diáconos, Consagrados e Consagradas, seminaristas e Famílias Cristãs, estarmos aqui no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, que é morada de Deus, Casa de Maria e Casa de Irmãos e que nesses dias se transforma também em Sede da V Conferência Episcopal Latino-Americana e Caribenha. Como é bom estarmos aqui nesta Basílica Mariana para onde, neste tempo, convergem os olhares e as esperanças do mundo cristão, de modo especial da América Latina e do Caribe”. (DA, 2007, p. 284).

Neste sentido a vida é a palavra-chave que conduz à análise da realidade latino-americana e a direciona para o projeto do Pai, o Reino de Deus, reino da vida para todos.

O evento superou as expectativas e significativamente aproximou os pastores do Povo de Deus e da realidade continental. Um clima de fé, devoção mariana e profundo desejo de renovação da Igreja conduziu a Conferência para a busca da identidade discipular do cristão. Um novo Pentecostes no “Continente da Esperança”, marca a história e a fé encarnada do pluricultural povo latino-americano. São convocados à Missão Continental na dimensão “ad extra” eclesial, e à Conversão Pastoral e Eclesial, “ad intra”, desafios para a Igreja latino-americana. Diante da realidade vislumbrada e sentida na prática da fé dos devotos que, em procissões, romarias e orações clamam aos céus por vida digna e justa, a Conferência sentiu o calor da fé e a presença ativa do povo simples que anima as comunidades para o seguimento autêntico de Jesus Cristo.

Os 265 bispos participantes, juntamente com os teólogos auxiliares convidados e os leigos e leigas envolvidos, buscaram encontrar, iluminados pelo Espírito Santo, o caminho do seguimento de Jesus, ouvindo e refletindo os sinais dos tempos. O método ver-julgar-agir, utilizado na conferência de Medellín e Puebla, foi retomado para a leitura panorâmica da realidade, sua iluminação a partir da Palavra de Deus, apontando as ações e exigências para a renovação eclesial e conversão pastoral em sintonia com o Concílio Vaticano II.

A Conferência de Aparecida não foi um evento isolado, não surgiu como um ponto desconexo, mas concretizou-se como um ápice reflexivo, celebrativo, como mola propulsora de perspectivas para os novos tempos da evangelização, tempo de graça, de um processo de “aggiornamento” eclesial em todas as esferas da vida cristã, bem como uma resposta pastoral às graves crises que perpassava a vida de fé. O “Continente da Esperança”, nos direcionamentos de Aparecida, buscou renovar-se como “Igreja povo de Deus”, “essencialmente missionária”, sacramento e “sinal da salvação” (*Lumen Gentium*) para a vida de todos os povos, principalmente os mais empobrecidos e excluídos.

A eclesiologia de Aparecida aponta para uma Igreja que está no mundo, para anunciar o projeto de Deus e denunciar as realidades de sofrimento e espoliação dos pequenos, como foi apontado por Medellín em 1968. É uma Igreja peregrina na história, anunciadora da vida de Jesus e profética na direção do Reino de Deus. É dirigida a todos os povos, culturas e nações (*Ad Gentes* e a Conferência de Santo Domingo), inserida nas alegrias e esperanças (*Gaudium et Spes*) dos homens e mulheres de hoje, que anseiam a liberdade e dignidade (*Dignitatis Humanae*), esperança e paz, no diálogo com os cristãos (*Unitatis Redintegratio*) e abertura às outras culturas e profissões de fé (*Nostra Aetate*).

Com esses pressupostos apresentaremos o Documento de Aparecida com o olhar epistemológico voltado para a teologia do discipulado. Para isso partiremos da vida de Jesus para a vida dos povos da América Latina e Caribe. A dimensão bíblico-teológica do discipulado fornecerá a fundamentação criteriosa para a compreensão do discipulado como um processo/relação de adesão a Jesus e ao projeto do Reino de Deus, semelhante às primeiras comunidades.

O encontro com Jesus Cristo, na realidade latino-americana, em Aparecida, reconhece lugares teológicos dessa manifestação. Assim, o dado da realidade como teofania é apresentado no encontro pascal, experiência do sagrado que envolve o homem e a mulher por completo formando uma antropologia integral capaz de fazer emergir a vivacidade do seguimento discipular. É um itinerário de iniciação à vida cristã, formando discípulos e discípulas conscientes do seu compromisso cristão no mundo, missionários ao serviço da vida plena e dignidade de todos. A alegria do Evangelho é a marca esponsal da experiência comunitária autêntica, que leva à consciência da integração da fé do discípulo com a práxis testemunhal, serviçal, na comunidade e na vida. Essa alegria tem fonte e ápice no próprio Jesus que é Boa-Notícia para a humanidade.

Este segundo capítulo apresenta e aprofunda o Documento de Aparecida na genuína dimensão teológica do discipulado missionário. Não é simplesmente uma reprodução da reflexão de Aparecida, nem dos escritos, mas uma apresentação esquemática do essencial, no tocante ao projeto discipular de Aparecida. O capítulo se interrelaciona com os outros formando uma estrutura de abordagem científica para uma posterior análise hermenêutica, mesmo que em alguns momentos do texto esta análise já começa a ressoar.

## **2.1 Da Vida de Jesus para a Vida dos Povos Latino-Americanos**

A vida em plenitude foi o desejo de Jesus a todos os povos. Jesus é a vida plena, Deus encarnado, que redimiu a humanidade na fidelidade ao projeto de vida do Pai. Essa realidade de fé, genuinamente evangélica, norteia o espírito de Aparecida<sup>88</sup>. No processo de preparação<sup>89</sup>, no evento como tal e sua acolhida posterior, esse espírito reacende um

---

<sup>88</sup> Como fonte importante para o estudo e aprofundamento da V Conferência, colocando as bases norteadoras do Documento de Aparecida na perspectiva bíblica, veja-se: CASTANHO FONSECA, Adolfo, M. *Discipulado e Missão no Evangelho de Mateus*. Col. V Conferência. São Paulo: Paulus, 2007.

<sup>89</sup> A Revista da CRB, *Convergência*, apresenta um artigo de Agenor Brighenti onde o autor, participante da Conferência, apresenta os detalhes do processo “antes”, “durante” e perspectivas para o “depois” de Aparecida. Ver: BRIGHENTI, Agenor. *Os critérios para leitura do Documento de*

chamamento vital para todos os cristãos do Continente, como um convite especial a viver a experiência relacional com Jesus e aprender dele no caminho, seguindo-o: “Vinde e vede” (João 1, 39).

Em continuidade com as outras conferências os bispos convocam os cristãos a abraçar a causa evangelizadora como testemunhas do reino da vida. No discurso inaugural o Papa Bento XVI afirma que a “V Conferência Geral se celebra em continuidade com as outras quatro que a precederam no Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. Com o mesmo espírito que as animou, os pastores querem [...] novo impulso à evangelização [...]” (DA, n. 16). O discurso inaugural do Papa é momento fecundo para apontar os rumos da reflexão da Conferência. Mesmo que o escrito seja uma produção feita por muitas mãos e sob várias óticas eclesiais e pastorais é o Sumo Pontífice que ratifica o documento final.<sup>90</sup> No que se refere à natureza das conferências, a colegialidade episcopal é a grande marca deste evento, retratando a comunhão eclesial da Igreja Local com a Igreja Católica Apostólica Romana.

A Conferência de Aparecida está centrada na vida de Jesus, vida que transborda na missão de gerar dignidade de vida plena na caminhada dos discípulos e discípulas. A dinamicidade da vida como palavra-chave conduz à análise da realidade latino-americana à luz do Evangelho e a direciona para os valores universais do Reino de Deus: justiça e dignidade. “No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente a dor humana [...] seu amor serviçal até a doação de sua vida” (DA, n. 139).

A vida de Jesus como paradigma teológico discipular configura a esperança de uma Igreja aberta ao mundo dos pobres e aflitos, formando discípulos que sofrem e se alegram com eles, sentem compaixão e assumem responsabilmente as realidades como lugares do encontro com Cristo. “Eu vim para que os homens tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Ele é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6), dom de Deus para os homens e mulheres do Continente.

O transbordar da vida de Jesus na vida dos povos da América-latina configura o ponto de partida, a realidade refletida no Documento de Aparecida, apontando a chegada, o Reino de Deus. A vida transfigurada em Jesus é motor propulsor da reflexão em Aparecida.

---

*Aparecida*: o pré-texto, o con-texto e o texto. *Convergência*, Rio de Janeiro, n. 404, p. 335-353, Jul./Ago. 2007.

<sup>90</sup> Para uma apresentação da perspectiva eminentemente pastoral das conferências, veja-se: LIBANIO, João Batista. A V Conferência do Episcopado da América latina e do Caribe. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 39, n. 109, p. 369-378, Set./Dez. 2007.

As condições de vida dos milhões e milhões de abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e sua dor, contradizem o projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso em favor da cultura da vida. O Reino de vida, que Cristo veio trazer, é incompatível com essas situações desumanas. Fechar os olhos diante dessas realidades é não defender o Reino da vida ....<sup>91</sup>

Desta maneira, a V Conferência foi analisada como uma grande surpresa de Deus para a Igreja, pois, convocou a defender a vida. O esquema que foi previamente elaborado, como Documento de Participação, passou por uma reorganização hermenêutica ao longo do processo, assumindo esta linha mestra para a reflexão. O teólogo Agenor Brighenti, perito durante a Conferência, escreveu na introdução de seu livro, “A desafiante proposta de Aparecida”, que considerou a Conferência como “uma grata surpresa”. O documento final é desafiante, mesmo sofrendo alterações nos processos internos, hermenêuticos e estruturais, após o término da Conferência e sua ratificação. Agenor Brighenti escreve:

Diferente do Documento de Participação, para o qual o ‘ponto de partida’ era a ‘fome de verdade’, a ‘fome de contemplação’ ou o ‘desejo de felicidade, como também da Síntese das Contribuições Recebidas, que era a ‘sede do céu’, em Aparecida, seguindo o método ver-julgar-agir, partiu-se, a exemplo do Vaticano II, dos ‘sinais dos tempos’, presentes em uma realidade ambígua e contraditória.<sup>92</sup>

Essas alterações encontraram subsídios de regulação nos processos internos das Conferências. “Houve limites na colegialidade em virtude das intervenções diretas e estatutárias de Roma: convocação, indicação do tema, nomeação da presidência, aprovação dos membros, discurso norteador e aprovação final ...”<sup>93</sup>. Este dado das mudanças de enfoque na estrutura e escrita do Documento será melhor refletido no momento hermenêutico da nossa pesquisa. Cabe-nos a apresentação esquemática do texto para formar o chão da hermenêutica do discipulado *a partir de Aparecida*.

O texto do Documento Final de Aparecida apresenta a realidade dos povos e a oferta de vida, projeto de Deus manifestado em Jesus. A vida de Jesus e dos povos do Continente assumem forte significação teológica nas reflexões, pois a vida fala, comunica, vivifica, manifesta. A libertação integral que Jesus veio instaurar, de “todo homem e do homem todo”<sup>94</sup>, a Ressurreição que resgata o homem e devolve a dignidade, são elementos teológicos

<sup>91</sup> BRIGHENTI, Agenor. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 07.

<sup>92</sup> *Ibidem.*, p. 07.

<sup>93</sup> LIBANIO, 2007 p. 127.

<sup>94</sup> Esta expressão “de todo homem e do homem todo” é oriunda da Encíclica *Populorum Progressio*, promulgada em 1967 pelo Papa Paulo VI, que abordou a questão social dos países em

que projetam a humanidade e a Igreja latino-americana em uma constante busca de atualização de sua ortopraxis e originalidade do ser cristão, discípulo e discipula. A reflexão da práxis cristã ganhou forte expressão em Aparecida.

Essa interrelação entre a proposta de vida de Jesus e a realidade latino-americana proporciona a sensibilização dos discípulos missionários com os crucificados do Continente<sup>95</sup>. “No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, maltratado por nossos pecados e glorificado pelo Pai, nesse rosto doente e glorioso, com o olhar da fé podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos ...” (DA, n. 32).

Muito mais do que converter pessoas para o interior da Igreja, numa atitude proselitista, Aparecida fomenta o ponto de chegada, o Reino da vida que o Pai manifesta em Jesus, no espírito das Bem-Aventuranças (Mt 5, 3-16). Reino onde a justiça e a paz, a solidariedade e a fraternidade se darão na busca de uma Igreja em estado permanente de missão, formando discípulos iniciados na fé e comprometidos com a defesa das questões que envolvem a vida e a dignidade de todos.

A missão dos seguidores e seguidoras de Jesus é integral, parte da história para a escatologia definitiva. Os discípulos devem ser formados para a consciência da riqueza e do dom que é a biodiversidade e sociodiversidade, tão ameaçadas nos diversos rostos que a Conferência vai desvelando: famílias, mulheres, pobres, imigrantes, indígenas, afro-brasileiros, dependentes químicos. Com essa compreensão é possível rerepresentar a proposta cristã numa Missão Continental que atravessa a história, o tempo e as realidades humanas para comunicar o Reino da Vida do Pai.

Nesta perspectiva, o Documento final de Aparecida, em sua estrutura, compreende três partes, em dez capítulos, que consistem na centralidade da vida a partir dos vários olhares teológicos e pastorais da realidade humana, em reflexo com o projeto de Vida de Deus para seus filhos e filhas. Nas entrelinhas de Aparecida, seu objetivo central foi aproximar, o quanto possível, o ponto de partida (a realidade do Continente) ao ponto de chegada (o Reino de Deus e a vida nova em Cristo Jesus, Vivo e Ressuscitado), na experiência pascal do encontro. “... é contribuir para que, já na intra-história, ‘o ponto de partida’ se aproxime ao máximo, do

---

desenvolvimento. A Encíclica denunciou as realidades de injustiças, a fome e a miséria vivida nos países mais pobres. A dignidade de todo homem e do homem todo é condição para o verdadeiro desenvolvimento social, humano, político, educacional, cultural.

<sup>95</sup> Para maior aprofundamento, veja-se: SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000. O autor desenvolve a sensibilidade teológica com as vítimas de hoje, os pobres, a partir da vítima Jesus de Nazaré. É uma análise plausível e necessária quando se olha para a realidade latino-americana marcada pelas incongruências econômicas e sociais.

‘ponto de chegada’, pela promoção da vida plena da pessoa inteira e de todas as pessoas...”<sup>96</sup>. Toda a eclesiologia e soteriologia contidas no documento são apresentadas em chave cristológico-pastoral, fomentando a atualização da linguagem, a conversão eclesial, para que a comunicação seja fecunda e frutuosa nas várias sub-realidades do Continente.

O Documento vai além do texto e projeta perspectivas no espírito de Aparecida. Assim, é possível perceber as linhas mestras que amplificam o fio condutor de todo o evento. A primeira parte do Documento mostra o rosto dos homens e mulheres da América Latina. Retrata a “Vida de nossos povos hoje”. Inicia com a alegria de ser discípulos missionários no Continente, contemplando a realidade (o Ver). É a visão panorâmica dos discípulos sobre a realidade. Assim, a situação sociocultural e econômica, a dimensão sociopolítica e as questões ecológicas são observadas e refletidas. “Os povos [...] vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas. Como discípulos de Jesus sentimo-nos desafiados a discernir os sinais dos tempos...” (DA, n. 33).

O retorno do método de análise da realidade ver-julgar-agir, adotado em Medellín (1968) e Puebla (1979) foi fator importante para a valorização da realidade na percepção evangélica dos sinais dos tempos<sup>97</sup>. Como método de análise indutivo valoriza as peculiaridades particulares da realidade e as projeta sobre o todo com perspectivas evangélicas do bem comum, da justiça, da dignidade. A Igreja na América-latina adota o método em seus documentos para a abordagem, interpretação e prospectiva da realidade. “Este método nos permite articular, de modo sistemático, a perspectiva cristã de ver a realidade; a assunção de critérios que provêm da fé e da razão para seu discernimento e valorização com sentido crítico; e em consequência, a projeção do agir ...” (DA, n. 19).

Essa primeira abordagem finaliza detectando luzes e sombras contidos na realidade latino-americana. Luzes que fazem os discípulos louvar a Deus pela beleza e riqueza do Continente, pela fé aqui semeada e colhida em frutos de caridade, fraternidade e santidade.

A Igreja Católica na América Latina e no Caribe, apesar das deficiências e ambiguidades de alguns de seus membros, tem dado testemunho de Cristo, anunciando seu Evangelho e oferecido seu serviço de caridade [...] Queremos recordar o testemunho valente de nossos santos e santas, e aqueles que, inclusive sem terem sido canonizados, viveram com radicalidade o

---

<sup>96</sup> BRIGHENTI, 2007, p. 19.

<sup>97</sup> Sinais dos tempos é uma expressão teológica de indicação hermenêutica utilizada no Concílio Vaticano II para apresentar a realidade como portadora da salvação de Deus a partir dos mais diversos sinais que manifesta. O dicionário Bíblico McKenzie (1983, p. 804) afirma: “Significado básico do sinal no pensamento é o símbolo que indica a existência ou a presença do que ele significa; ele dirige a atenção para a realidade”.



Evangelho e ofereceram sua vida por Cristo, pela Igreja e por seu povo. (DA, n. 98).

As sombras destacadas na Conferência realçam o quadro de pobreza, exclusão e violência que ameaça a dignidade dos grupos menos favorecidos, excluídos dos centros de decisão, das oportunidades de trabalho e demais direitos. Diante das inúmeras crises que a globalização produziu, a Conferência apresenta a crise de sentido como uma sombra a minar as tradições culturais e religiosas de cada povo. Estas tradições colaboravam para que os povos, em suas crenças, compreendessem a realidade que os cerca orientando suas vidas para a prática do bem comum. Com a realidade secular o homem vai caindo na descrença e no descompromisso com a comunidade de fé.

A segunda parte do Documento de Aparecida abordou a temática da “Vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários”. O projeto de Deus em Jesus Cristo e na força transfiguradora do Espírito é apresentado como esperança a todos os povos. A vida de Cristo é Boa-Nova aos homens e mulheres de fé, a todos que amados por Deus assumem a missão evangelizadora. Toda a realidade é transfigurada e iluminada pela esperança cristã, como um julgar a partir do Evangelho da vida que Jesus Cristo apresentou e convocou seus discípulos e discípulas para viver.

Ser um seguidor de Cristo é transfigurar tudo o que está desfigurado, a começar pelo rosto dos pobres. A exigência de uma Igreja em estado permanente de missão, servidora, defensora e promotora da vida implica uma conversão pastoral e renovação eclesial, uma mudança nas ações e estruturas ...<sup>98</sup>

A esperança cristã é ativa, projeto de amor serviçal que convoca à santidade seus filhos e filhas, anima os fiéis, as famílias, os jovens e todos os grupos, seguimentos pastorais e sociais, para a comunhão com a Igreja, sinal do Reino no mundo. Isso só será possível com a renovação das estruturas e sua plena potencialização para a missão de fazer discípulos, homens e mulheres iniciados no modo autêntico de ser cristão.

Esta ortopraxis cristã, de inspiração nas primeiras comunidades, leva a reavaliar os recursos humanos e pastorais que se adotam na prática eclesial. As dioceses e seus bispos, as paróquias, como redes de presbíteros, diáconos, religiosas e religiosos, leigos e leigas, são convocados a refazer o caminho evangelizador a partir de Jesus Cristo como discípulos missionários. O caminho de formação para o discipulado é apresentado em um itinerário que

---

<sup>98</sup> BRIGHENTI, 2007, p. 59.

parte do encontro com o Mestre da vida, gerando conversão, comunhão e missão transfiguradora da realidade. Este elemento será detalhado ao longo do capítulo.

Na última parte do Documento de Aparecida a temática majoritária é o agir pastoral, apontando urgências para a ação evangelizadora da Igreja. Ela deve ser inclusiva, dialogante e ecumênica. “A vida de Jesus Cristo para nossos povos” é o projetar-se dos cristãos no mundo como testemunhas e seguidores a serviço da vida, na missão de comunicar mais vida. É o compromisso dos cristãos com a dignidade humana, com a defesa da vida em todos os sentidos, com o bem da família e de todos os que se encontram em situações desumanas. A integridade da vida humana e a globalização da solidariedade perpassa a vida, a família, os povos, as culturas. De acordo com a Conferência todos são convocados a transfigurar as realidades de injustiças, iniciando um processo de conversão pastoral e educação integral da fé. Este processo culmina com a solidariedade continental.

A ação pastoral dos discípulos de Cristo é desafiada a transformar as estruturas e as realidades mais conflitantes e angustiantes. Toda a Igreja, família de seguidores, homens e mulheres de boa vontade, são atraídos ao discipulado missionário na experiência alegre do encontro com Cristo. É preciso sempre recomeçar, reencontrar-se, a partir daquele que é transbordante de vida, Jesus Cristo, que convida para o seguimento discipular.

## **2. 2 Dimensão Bíblico-teológica do Discipulado**

O Documento de Aparecida tem como base fontal a Sagrada Escritura. Toda a orientação refletida, interpretada e atualizada pelo magistério latino-americano, teve como plano de fundo a base bíblica que norteou a vivência espiritual e teológica do evento. Segundo a *Dei Verbum* (24): “Da mesma palavra da Sagrada Escritura também se nutre salutarmente e santamente floresce o ministério da palavra, a saber, a pregação pastoral, a catequese e toda instrução cristã ...”. É da rica fonte da Tradição Escrita que a teologia do discipulado ganha contornos e conceituações próprias em interação com a realidade Continental.

Toda a fundamentação bíblica coloca-se na inspiração de “Jesus caminho, verdade e vida” (Jo 14, 6) para os discípulos e discipulas do “Continente da Esperança”. Jesus caminho, verdade e vida é a tríade indicativa da teologia bíblico-teológica desenvolvida em Aparecida. Caminho processual, mistagógico<sup>99</sup>, que conduz os discípulos ao mais profundo do mistério

---

<sup>99</sup> O pedagogo é aquele que pega na mão da criança e o conduz ao conhecimento das novas realidades da vida e do mundo, ressignificando a realidade que o cerca e dando forma ao complexo do saber. O mistagogo é o introdutor que conduz os homens e mulheres, sedentos da experiência com Deus, para o mais genuíno encontro com Cristo. Esse caminho catecumenal introduz o fiel na vivência cristã. Para

da pessoa de Jesus, sua vida e missão. “Seguidores do Caminho” foi o primeiro nome que os cristãos receberam<sup>100</sup>. Esta expressão já remete para uma dimensão catecumenal, própria dos que são introduzidos na fé cristã, na realidade da vida comunitária.

O caminho é também metodológico, mostrando cada passo a ser trilhado na intimidade com Jesus, no desejo de chegar ao termo que é a plenitude de vida com Deus e os irmãos e irmãs. Esse caminho a ser seguido se desdobra em missão de fazer discípulos. “Ide pois; de todas as nações fazei discípulos...” (Mt 28, 19).

Neste momento [...] perguntamos como Tomé: ‘Como vamos saber o caminho?’ (Jo 14, 5). Jesus nos responde com uma proposta provocadora: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida’ (Jo 14, 6). Ele é o verdadeiro caminho para o Pai, o qual tanto amou ao mundo que lhe deu seu Filho único para que todo aquele que nele crer tenha a vida eterna (Jo 3, 16). (DA, n. 101).

A verdade teologizada em Aparecida é o próprio Jesus. Não somente Ele em si mesmo, mas a manifestação do dom de sua vida entregue, gestos de compaixão, sua misericórdia e opção pelos mais simples, pequenos e excluídos (Mt 25, 40). Na sua expressão diante da realidade e dos sistemas sociais, políticos e religiosos, Ele mostrou a verdade que salva e liberta, apresentou o rosto de Deus aos homens. Em sua vida histórica encontra-se toda a plenitude da verdade revelada pelo Pai posteriormente desenvolvida como catequese para as comunidades nos Evangelhos. Sua mensagem está impregnada de uma verdade repleta da vida do Pai, como graça entregue aos homens e mulheres. É o Reino de Deus agindo entre os discípulos e, para além deles, em sua experiência missionária.

A Sagrada Escritura narra a experiência de Deus com os homens, numa constante manifestação da verdade, iluminada pelo Espírito Santo, que se manifesta em amor ativo e na solidariedade. A compaixão com o próximo torna-se fundamento do agir dos discípulos sobre a realidade, tendo como modelo a vida de Jesus e da primitiva comunidade que ouvia a palavra e a colocava em prática. O Documento de Aparecida apresenta a verdade testemunhada na vida de Jesus como um encontro pascal, relação movida pelo Espírito Santo

---

aprofundamento, veja-se: LELO, Antonio Francisco. *Catequese com estilo catecumenal*. 8. ed. São Paulo: Paulinas 2014, p. 26.

<sup>100</sup> Segundo o Dicionário Bíblico McKenzie (2013, p. 125-126): Em duas passagens Jesus aparece como o caminho. Em Hb 9, 8; 10, 19s, ele representa o caminho para entrar no santuário, caminho que não estava à disposição por meio do sacerdócio levítico. Aqui Jesus é o caminho enquanto sacerdote que oferece o sacrifício verdadeiramente redentor. Jesus é o caminho, por ser a verdade e a vida, fonte de revelação e regeneração. É sua filiação que o estabelece como mediador. Soteriologicamente ele é o caminho por meio de sua morte salvífica; eclesiologicamente Jesus é o caminho pela constituição da Igreja, que em concreto se identifica com ele como caminho. Caminho significa maneira de vida e de conduta, especificamente designa a maneira cristã de vida.

sempre para, em favor do Reino e na acolhida aos sofredores. O Espírito Santo refaz essa relação de encontro no hoje da América Latina e Caribe.

Jesus nos transmitiu as palavras de seu Pai e é o Espírito quem recorda à Igreja as palavras de Cristo (cf. Jo 14, 26). Desde o princípio os discípulos haviam sido formados por Jesus no Espírito Santo (cf. At 1,2); é, na Igreja, o Mestre interior que conduz ao conhecimento da verdade total, formando discípulos e missionários. Essa é a razão pela qual os seguidores de Jesus devem deixar-se guiar constantemente pelo Espírito (cf. Gl 5, 25), e tornar a paixão pelo Pai e pelo Reino sua própria paixão: anunciar a Boa Nova aos pobres, curar os enfermos, consolar os tristes, libertar os cativos e anunciar a todos o ano da graça do Senhor (cf. Lc 4,18-19) ... (DA, n. 152).

Na realidade líquida<sup>101</sup> dos tempos contemporâneos onde a verdade se liquefaz em várias vozes ideológicas, os discípulos de Jesus Cristo buscam uma verdade que ultrapasse a realidade lógico-cognitiva-ideológica e chegue à dimensão da fé como condição de possibilidade para o homem e a mulher experimentar o Bem, o Belo e o Verdadeiro. “Deus não é só a suma Verdade. Ele é também a suma Bondade e a suprema Beleza” (DA, n. 469). A verdade no Documento de Aparecida é um encontro que transforma a vida e abre novas perspectivas na caminhada cristã. Encontro com uma pessoa: Jesus Cristo, vivo e ressuscitado no meio de nós.

A verdade revelada sempre conterà também um dado racional, teórico, mas em Aparecida este é evidenciado como experiencial, espiritual e querigmático, implicando em processo metanóico. “A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida ...” (DA, n. 366). A antropologia teológica, contida nas linhas do Documento de Aparecida, conceitua essa verdade em Jesus Cristo, sua encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição, como a realidade última do homem que também busca a vida transfigurada em Deus, a fonte que dá sentido ao fazer e ao ser discípulo, na missão de propagador do Reino.

O discipulado de Cristo não é ideológico. Não se reduz ao ensinamento de uma doutrina. Há um evento fundamental que deve ser testemunhado e, conseqüentemente, acolhido. Chamamo-lo de mistério pascal. Envolve a morte e ressurreição de Cristo. Não entenderíamos nada do ensinamento do

---

<sup>101</sup> Expressão criada pelo sociólogo Zygmunt Bauman para indicar a ideia de análise da realidade em analogia com o elemento líquido, onde a fragmentação das instituições são resultado de um processo histórico de dominação e destruição das verdades que davam sentido à humanidade. A solidez vivida em outros momentos da história humana é despida da estabilidade para se adaptar à formatação líquida que as ideologias sociais, políticas e econômicas impõem.

Mestre se não o acompanhássemos até o Calvário e se não o reconhecêssemos, a seguir, como Senhor e Deus, ressuscitado dos mortos.<sup>102</sup>

É a identidade do ser cristão, discípulo, formada no processo gerador e irradiador de vida que proclama ao mundo e ao “Continente da Esperança” a bondade de Deus: Jesus como caminho, verdade e vida. O seguimento de Jesus como Caminho, ao encontro da Verdade oferecida em Jesus, conduz o discípulo ao Reino da Vida. Esta teologia perpassa o Documento e apresenta luzes bíblicas para interpretar os sinais dos tempos. Desta maneira, a vida como o transbordar da bondade de Deus é chave de leitura para a compreensão bíblico-teológica da Conferência. “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10).

Recomeçar a partir de Jesus Cristo é dado fundamental diante da realidade latino-americana e caribenha. “Foram, viram onde Jesus vivia e permaneceram com Ele” (Jo 1,39). Como menciona Brighenti, essa realidade do Continente é ponto de partida para o ponto de chegada, o Reino da vida do Pai apresentado em Jesus Cristo e ameaçado nas incongruências humanas que persistem.

A realidade, por mais dura e contraditória que seja, como é o caso da América Latina e do Caribe, não tem a última palavra. O Plano da vida do Pai já está presente e acontecendo na história do Espírito do Ressuscitado. Por isso, há um ‘ponto de chegada’ para esse ‘ponto de partida’, que é a vida em plenitude para nossos povos. Em Jesus Cristo a humanidade foi agraciada pelo Evangelho da vida, cuja vivência, anúncio e empenho para encarná-lo na história constitui a missão do discípulo missionário. É uma Boa-Nova de vida, o ‘ponto de chegada’ da missão da Igreja, o centro e o fim da proposta de Aparecida ...<sup>103</sup>

O dado da revelação na Sagrada Escritura e interpretado pelo Magistério autêntico, dentro da Tradição que a gerou, conjectura um caminho de seguimento fidedigno e uma teologia que conduz à fé comunitária e apostólica. O homem olhado a partir da revelação é agraciado com o dom da vida e chamado por Deus para uma missão especial em comunidade, na família, na Igreja, na sociedade. Missão de comunicar a vida! É Deus quem toma a iniciativa e se autorrevela, auto-doa, chama os homens e mulheres a serem discípulos, prepara-os no caminho e envia para formar discípulos pelo testemunho, profetismo e solidariedade.

---

<sup>102</sup> GRINGS, Dom Dadeus. *A Conferência de Aparecida: discípulo missionários*. Porto Alegre: Pascom. 2007, p. 10.

<sup>103</sup> BRIGHENTI, 2007, p. 13.

Em Jesus Cristo a missão se faz carne. Encarna-se na realidade latino-americana pela dinâmica do encontro com Ele. Convoca todos a fazer a experiência do salto da fé, movidos pelo Espírito Santo, que conduz para o desejo de configuração a Jesus. Desta maneira, o discipulado-missão é visto na ótica da economia da salvação como dom-chamado, não como merecimento humano, mas graça em obediência ao mandato missionário<sup>104</sup>: “Ide e fazei discípulos todos os povos” (Mt 28, 19-20). O Documento de Aparecida analisa essa realidade no Antigo e Novo Testamento.

No Antigo Testamento Deus escolhe um povo para ser sinal para todos os povos. O povo de Israel é nação eleita para receber a revelação de Deus e externá-la. Deus escolhe homens e mulheres para dar testemunho de sua fé conduzindo o povo em meio às perseguições e empecilhos da vida. Segundo o Documento de Aparecida (n. 129) “Deus Pai sai de si para nos chamar a participar de sua vida e de sua glória. Mediante Israel, povo que fez seu, Deus nos revela seu projeto de vida ...”. Ele faz aliança de amor com os homens. Pelo pecado os homens rompem esta aliança, caindo no egoísmo e orgulho, e se lançam no distanciamento para com o Criador. Mas o plano de Deus é que todos os homens conheçam sua vida, a dinâmica do amor que sai si e se doa, gerando salvação integral. É a dinâmica vivida no coração da Trindade.

O Novo Testamento narra que na plenitude dos tempos Deus se mostra com rosto plenamente humano em Jesus para salvar os homens e redimir, por livre vontade, todos os povos. Ele convoca para si um novo Israel, seguidores dele, anunciadores da Boa Notícia. Pelo Mistério Pascal, sua cruz redentora, Jesus concede sua vida para que todos os povos tenham vida Nele.

O Documento de Aparecida relata como ‘O Mistério Pascal de Jesus é o ato de obediência e amor ao Pai e de entrega por todos os seus irmãos. Com este ato, o Messias doa plenamente aquela vida que oferecia nos caminhos e aldeias da Palestina. Por seu sacrifício voluntário, o Cordeiro de Deus oferece sua vida nas mãos do Pai (Cf. Lc 23, 46), que o faz salvação para nós (1Cor 1, 30). Pelo mistério pascal o Pai sela a nova aliança e gera um novo povo que tem por fundamento seu amor gratuito de Pai que salva’ (DA 143). É o mesmo Jesus que chama e anima os discípulos para que sejam fíéis e possam dar continuidade à sua missão ...<sup>105</sup>

---

<sup>104</sup> A Carta Encíclica de João Paulo II, *Redemptoris Missio* - A Validade Permanente do Mandato Missionário - é fundamental alicerce para a compreensão do envio. Este “ide” é basilar na teologia da missão que está sendo proposta no trabalho, mas o “formar discípulos” é a essencialidade da teologia discipular que o Documento de Aparecida apresenta. Não seguimos Jesus Cristo para o proselitismo, mas em função da vida que ele nos trouxe e nos impele a comunicar uma experiência vivida com o Mestre.

Nesta compreensão bíblico-teológica do discipulado necessita-se aprofundar o entendimento sobre a realidade do encontro com Cristo, que ultrapassa a capacidade humana, mas que o homem e a mulher podem viver, sentir, celebrar e anunciar. Assim, o discipulado em uma base bíblica e teológica é um processo de encontro com Jesus caminho, Jesus verdade e Jesus vida. Dinamismo que nasce no coração harmônico da Trindade-amor. O Pai envia o Filho na comunhão com o Espírito para entregar sua vida, seu projeto pessoal e cósmico de amor-alteridade aos seres humanos. A Trindade está no âmago da missão discipular, lança todos os homens a fazerem a experiência desse amor que transborda em vida. A Sagrada Escritura e a Teologia são grandes alicerces desta obra do Espírito para a contemporaneidade sedenta de vida.

### **2.3 Lugares Teológicos do Encontro com Cristo**

A teologia do discipulado ganha nova expressão em Aparecida: recomeçar a partir do encontro com Cristo. O encontro remonta para uma antropologia integral, relacional, vivencial e profundamente humana. “Para que possamos viver a dimensão do discipulado e do seguimento é necessária uma visão integradora da pessoa humana, a capacidade de unir fé e vida ...”<sup>106</sup>. Nesta tentativa os homens e mulheres se encontram e assim fazem crescer os relacionamentos, geram cultura, conhecimento, realização, humanidade.

Formamo-nos a partir dos encontros que experimentamos. Nesta compreensão, encontrar-se com Cristo, segundo o Documento de Aparecida, é a maneira mais humana de fazer a experiência pascal em Jesus no Espírito Santo, por meio de sua Igreja. “Uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-amor ...” (DA, n. 240). Não se preocupa com a realidade do encontro físico, isso seria impossível, mas é analogicamente apresentado como um convite a fazer a experiência do evento fundante da fé. Essa relação fontal transfigura a vida e as relações do homem e da mulher com Deus e seus semelhantes, com toda a obra criada e suas interrelações<sup>107</sup>.

Dos encontros transformadores, impactantes, conflituosos e transfiguradores da Galileia à Jerusalém, na Judeia, passa-se aos encontros com Jesus Cristo realizados na

---

<sup>105</sup> BARAUSSE, Tadeu Paulo. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado: Novidade Eclesiológica de uma Autêntica Vivência Missionária Cristã e Eclesial*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 29.

<sup>106</sup> BARAUSSE, 2013, p. 77.

<sup>107</sup> A *Dei Verbum* (n. 3) no tocante à preparação da revelação afirma que Deus se expressa nas obras criadas nos convocando a cuidar da criação. O Documento de Aparecida lança em gênese aquilo que posteriormente o Papa Francisco em sua Encíclica “*Laudato Si*” vai apresentar como ecologia integral.

realidade latino-americana e caribenha. O discipulado missionário em Aparecida vai sendo refletido à luz das experiências de encontro com o Mestre da Vida. “O acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo que surge na história a quem chamamos discípulo ...” (DA, n. 243).

Os lugares teológicos apontados na Conferência entrelaçam a realidade latino-americana com a doutrina da Igreja Católica elegendo mediações privilegiadas, lugares da teofania, lugares de encontro. Conseguem ir além, apontando realidades autóctones como sinais de Deus e vendo nelas o real encontro pascal com Cristo. Vejamos alguns lugares destacados na Conferência.

A Sagrada Escritura é fonte primordial e privilegiada do encontro com o Senhor. Desde muito cedo os primeiros cristãos viram nos relatos da vida de Jesus a fonte segura para a sincera busca de caminhar com Deus. Seguir a Jesus, no caminho, era processo integrador e humanizante, possibilitando ressignificar todo o processo de recepção da Lei e das profecias. Deus falava no homem de Nazaré, seus sinais e prodígios revelavam o poder do alto que o conduzia. Ele reconduzia os homens à experiência originária de Deus.

Por meio da tradição oral que reuniu a grande Tradição a respeito do Jesus histórico e pós-pascal, esses relatos foram sendo preservados e compilados, na força do Espírito, na realidade de fé discipular das primeiras comunidades. Assim, por meio da Igreja chega até os homens de hoje a vida de Jesus nos Evangelhos canônicos. Aprofundar-se na meditação, oração e estudo contextual destes textos leva o discípulo missionário a retomar os passos de Jesus rumo à sua morte e ressurreição, centro da vida dos cristãos.

No hoje do nosso continente latino-americano [...] levanta-se a pergunta cheia de expectativa: Mestre onde vives? (Jo 1, 38), onde te encontramos de maneira adequada para abrir um autêntico processo de conversão, comunhão e solidariedade? Quais os lugares, as pessoas e os dons que nos falam de ti, que nos colocam em comunhão contigo e nos permitem ser discípulos e missionários teus? (DA, n. 245).

O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Dei Verbum* (n. 25), apresenta esta fonte necessária para o seguimento de Jesus nos dias atuais. “É necessário, por isso, que todos [...] mantenham um contato íntimo com as Escrituras, mediante leitura assídua e estudo aturado...”. O discípulo ouvindo a Palavra segue os passos do Mestre, caminha nas pegadas do amor ao próximo, como a lei maior, na acolhida aos mais sofredores, na denúncia profética das injustiças. “A resposta a seu chamado exige entrar na dinâmica do Bom Samaritano (Lc



10, 29-37), que nos dá o imperativo de nos fazer próximos, especialmente com quem sofre” (DA, n. 135).

Jesus é o rosto de Deus para a humanidade. A Bíblia apresenta esse rosto misericordioso que intensifica o ideal de uma sociedade sem excluídos. Jesus come com os publicanos e pecadores (Lc 5, 29-32), acolhe as crianças (Mc 10, 13-16), cura os leprosos (Mc 1, 40-45), perdoa e liberta a mulher pecadora (Lc 7, 36-49; Jo 8, 1-11), conversa com a samaritana e lhe dá a água da vida (Jo 4, 1-6). O Documento de Aparecida (n. 247) fundamenta:

Encontramos Jesus na Sagrada Escritura, lida na Igreja. A Sagrada Escritura, Palavra de Deus escrita por inspiração do Espírito Santo, é com a Tradição, fonte de vida para a Igreja e a alma de sua ação evangelizadora. Desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo e renunciar a anunciá-lo. [...] é necessário educar o povo na leitura e meditação da Palavra: que ela se converta em seu alimento para que, por experiência própria vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (Jo, 6, 63). Do contrário como vão anunciar uma mensagem cujo conteúdo e espírito não conhecem profundamente? É preciso fundamentar nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus.

Vê-se a grande importância da intimidade do discípulo com a Palavra da vida. Para aprofundar esta dimensão os bispos destacam o método da Leitura Orante<sup>108</sup> como fonte especial para que o seguidor descubra as maravilhas da vida de Jesus na intimidade com a Bíblia. “...a leitura orante, bem praticada, conduz ao encontro com Jesus-Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus-Messias, à comunhão com Jesus-Filho de Deus e ao testemunho de Jesus-Senhor do universo” (DA, n. 249).

Outro lugar teológico privilegiado do encontro com Cristo é o sacramento do batismo. Ao ser batizado o homem e a mulher são inseridos nesta comunidade discipular. A realidade existencial do ser humano é transfigurada com o selo indelével do sacramento, sinal visível da graça invisível para a salvação dos homens. No banho batismal o indivíduo torna-se um novo ser, nova criatura, mergulhada na morte e ressurreição de Cristo. É evento fundante e necessário para o caminhar mistagógico rumo ao discipulado missionário na Igreja.

---

<sup>108</sup> A *Lectio Divina* ou leitura orante da Bíblia é o método de leitura direcionada que a Igreja propõe aos fiéis. Ela parte de quatro perguntas orientativas para o crescimento espiritual e comprometimento do fiel com sua comunidade de fé. Primeiro: o que o texto diz! Após, o que o texto disse para os homens de sua época? O que o texto diz para mim? E por fim, o que o texto me faz dizer a Deus? É uma escada crescente que parte da leitura do texto, meditação, oração, contemplação e ação comprometida.

Ser filho no Filho é a ação sacramental que insere a pessoa humana na dimensão salvífica do projeto de Deus. A “Missio Dei” é compartilhada com a missão do homem banhado, agora sinal da vida de Deus no mundo e para o mundo. Os Filhos de Deus pela adoção filial são consagrados a uma união mais plena e perfeita com o Senhor da vida. O Documento de Aparecida (n. 240) destaca: “[...] a experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na Trindade”.

O Batismo insere o fiel na comunidade dos seguidores de Jesus. É ponto central na caminhada da iniciação cristã. Com os outros sacramentos ele alimenta, nutre e fortalece a vida de fé dos discípulos e discípulas. O encontro com Cristo no sacramento do Batismo é passo fontal para um enamoramento processual que encaminha ao aprofundamento da fé em comunidade.

Em virtude do Batismo a missão passa a ser algo intrínseco ao grande dom recebido. Esse povo de Deus reunido como discípulos são enviados ao mundo atual para ser sinal do Reino de Deus, exercendo sua função ministerial confiada pela vocação à santidade, e na participação da vida da Igreja. O discipulado, intrínseco ao sacramento batismal, é alimentado na mesa da Eucaristia e redimido pelo Cristo misericordioso na penitência.

A caminhada da vida cristã tem sua identidade<sup>109</sup> fundamentalmente eucarística. A Eucaristia é a manifestação do grande dom de Deus aos homens na Pessoa, Vida e Mistério Pascal de Jesus de Nazaré, que se doa como alimento real na caminhada, pão do seguimento dos discípulos missionários. A Eucaristia é ação de graças a Deus pelas maravilhas realizadas ao longo da história da salvação onde Jesus, o cordeiro sem mancha, se doa pela salvação da humanidade. Na Conferência toma grande destaque o domingo como o dia privilegiado do encontro eucarístico. O Papa Bento XVI no discurso inaugural da Conferência destaca:

A Eucaristia é o alimento indispensável para a vida do discípulo e missionário de Cristo. Daí a necessidade de dar prioridade nos programas pastorais, à valorização da Missa dominical. Temos de motivar os cristãos para que participem dela ativamente e, se é possível, melhor ainda com a família. A assistência dos pais com seus filhos à celebração eucarística dominical é uma pedagogia eficaz para comunicar a fé e um estreito vínculo que mantém a unidade entre eles. O domingo significou, ao longo da vida da Igreja, o momento privilegiado do encontro das comunidades com o Senhor ressuscitado. (DA, 2007, p. 258).

---

<sup>109</sup> A Identidade dos cristãos é manifestada na Sagrada Liturgia, celebrada como memorial da Páscoa de Cristo que na SC (n. 10) é apresentada como a “... meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força...”. Todos os filhos no Filho, gerados na Igreja pelo batismo, fundada na fé dos Apóstolos, são chamados a reunirem-se para celebrar o sacrifício de Cristo e comer a Ceia do Senhor, fonte de vida e salvação, compromisso com a comunidade.

Em sintonia com a afirmação supracitada a *Sacrossanctum Concilium* (n. 2), afirma: “A liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico se opera o fruto da nossa redenção...”. Neste sacramento celebra-se no presente da vida cristã o memorial de Cristo. O Catecismo da Igreja Católica (n.1339) citando a Sagrada Escritura fundamenta o que apresentamos: “...Isto é o meu corpo dado por vós. Fazei isto em memória de mim [...] Esta taça é a nova Aliança em meu sangue derramado por vós” (Lc, 22, 19-20). O domingo marca o dia do encontro de toda a comunidade de fé, que partilha o pão e a vida.

Uma grande problemática abordada pelo Documento de Aparecida é que muitos dos cristãos da América Latina foram iniciados sacramentalmente na fé, mas não evangelizados para, conscientemente, aderir à proposta do Reino que é de amor, justiça e solidariedade. Proposta esta que abrange o compromisso de ser “pão partido”, que gera vida na sociedade globalizada, nos setores de trabalho, na vida familiar, na Igreja, nos sistemas políticos e econômicos. A Eucaristia é compromisso de fé e transformação pascal da vida humana.

A realidade apresenta-se como um problema para a evangelização e catequese do povo de Deus. Por isso, o Documento de Aparecida busca formar discípulos ao redor da Eucaristia para que testemunhem em suas vidas um novo jeito de ser, de viver e conviver. A Eucaristia nos compromete com o outro, com o próximo. “O compromisso com a redistribuição do pão e com a transfiguração do mundo é assumido pela comunidade missionária, simbolicamente, na celebração da Eucaristia ...”<sup>110</sup>

A Eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo. Com este sacramento Jesus nos atrai para si e nos faz entrar em seu dinamismo em relação a Deus e ao próximo. [...] os fiéis devem viver sua fé na centralidade do mistério pascal de Cristo através da Eucaristia, de maneira que toda a sua vida seja cada vez mais eucarística. A Eucaristia, fonte inesgotável da vocação cristã, é ao mesmo tempo, fonte inextinguível do impulso missionário. Aí, o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar com audácia aos demais o que tem escutado e vivido (DA, n. 251).

Em Aparecida também refletiu-se a situação de tantas comunidades eclesiais da realidade latino-americana que não têm a Eucaristia dominical. Outras têm a possibilidade de algumas vezes ao ano celebrar o sacramento. Se “a Eucaristia faz a Igreja”, como vivem as comunidades que não celebram o mistério eucarístico? A problemática da falta de presbíteros deve ser pensada e repensada, para que todos os fiéis tenham a graça deste encontro pascal

---

<sup>110</sup> SUESS, 2015, p. 67-68.

dominical que é fonte inesgotável de saciedade e salvação. Analisaremos criticamente esta realidade vista pela Conferência na hermenêutica do discipulado a partir de Aparecida.

O sacramento da confissão é outro lugar teológico privilegiado que favorece o encontro com Cristo. No sacramento da Reconciliação os discípulos são convidados a experimentar o encontro com a misericórdia que brota do coração do Senhor. Ele acolhe, perdoa e dignifica seus filhos chamando-os a constante conversão. O Documento de Aparecida (n. 254) destaca:

O sacramento da reconciliação é o lugar onde o pecador experimenta de maneira singular o encontro com Jesus Cristo, que se compadece de nós e nos dá o dom do seu perdão misericordioso, nos faz sentir que o amor é mais forte que o pecado cometido, nos liberta de tudo o que nos impede de permanecer em seu amor, e nos devolve a alegria e o entusiasmo de anunciá-lo aos demais de coração aberto e generoso.

Buscar na reconciliação a humildade de reconhecer-se discípulo dependente do seu Senhor, em constante configuração com o Mestre, requer observar a vida e as ações que ainda não produzem humanidade e nem geram vida para transfigurá-las. A misericórdia é um grande dom estendido aos homens e mulheres por meio do amor que transborda e perdoa sem cessar. Os seguidores devem ser comungantes e anunciadores do amor e do perdão de Deus. A constante busca da fonte de vida na misericórdia conduzirá o seguidor a oferecer esta vida perdoada aos irmãos e comunidades.

No Documento de Aparecida a realidade do pobre, do doente e dos aflitos são lugares teológicos do encontro com Cristo. No começo de sua vida pública Jesus apresenta sua predileção pelos pequeninos de Deus. “O Espírito do Senhor está sobre mim, por que me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4, 18). Afirmou que o Reino de Deus é dos pobres (Lc 6, 20). Em toda a história da salvação os pobres são olhados com predileção por Deus. Jesus é enviado em missão para dar-lhes a liberdade e dignidade de filhos de Deus.

A missão dos discípulos é uma continuação da obra de libertação dos que são marginalizados pelas inúmeras amarras sociais e espirituais que emperram o dom de Deus que é a vida plena para todos. Os pobres do Continente e sua realidade revelam e oferecem ambientes de reflexão significativos para a teologia do discipulado. Um grande passo em Aparecida é a valorização destas realidades como lugares do encontro com Jesus Cristo.

O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva da nossa fé em Jesus Cristo. Da contemplação do rosto sofredor de Cristo neles e no encontro com Ele nos aflitos e marginalizados, cuja imensa dignidade Ele mesmo nos revela, surge nossa opção por eles. A mesma união a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino... (DA, n. 257).

No discurso inaugural da V Conferência o Papa Bento XVI afirmou que está implícita na fé cristológica esta opção da Igreja. O Papa Francisco confirma esta moção evangélica: “Por isso desejo uma Igreja pobre para os pobres [...]. Somos chamados a descobrir Cristo neles [...] e acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (EG, n. 198). O discípulo missionário ao olhar a realidade latino-americana e caribenha compreende que a sua missão é semelhante à parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), que vendo aquele homem caído à beira do caminho, ferido e agonizante, fez dele seu próximo, demonstrando ativamente seu amor.

Aparecida reconhece também como lugares teológicos do encontro com Cristo a piedade popular, a vida comunitária orante, o culto mariano e aos santos, nas mais variadas expressões. As devoções, procissões, vias-sacras são um “tesouro de fé” que deve ser conservado e aprofundado com a busca da formação bíblico-teológica<sup>111</sup>. Os bispos reconhecem a piedade popular como uma “... maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionários, onde se recolhem as mais profundas vibrações da América Latina...” (DA n. 264). É uma espiritualidade que penetra na existência e simbolismo do povo de Deus que neste Continente receberam a primeira evangelização.

A devoção mariana é uma grande realidade no Brasil e em toda a América Latina. Maria como a primeira discípula é modelo para os homens e mulheres que rezam ao seu Filho Jesus. A valorização da piedade popular e suas devoções foi uma grata surpresa que aponta dimensões teológicas imprescindíveis para a análise da realidade Latino Americana e sua religiosidade devocional.

## **2.4 O Itinerário do Seguimento de Jesus**

---

<sup>111</sup> É importante frisar que na história deste Continente a religiosidade popular foi o alicerce da evangelização e que em muitas comunidades, sem assistência e presença da Igreja Romana, foi a piedade do povo simples que conseguiu formar comunidades de fé, fortes na caridade para o auxílio dos mais pobres. Hoje muitos questionamentos em relação à piedade popular são feitos e a Igreja busca por meio de uma catequese mistagógica e bíblico-litúrgica fortalecer cristologicamente esses laços semeados com as contas do rosário, com as procissões e novenas aos santos.

Diante dos inúmeros desafios percebidos na realidade latino-americana foi preciso olhar para Jesus e recomeçar a partir do encontro pessoal com Ele, sua Pessoa, sua vida. Um processo itinerante, pessoal e comunitário é apresentado baseado na vida de Jesus e seu relacionamento com os discípulos e discípulas. Uma grande contribuição para a reflexão sobre o itinerário do seguimento foi a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a América realizada em 1997 sob a convocação do Papa João Paulo II.

Com a temática “Encontro com Jesus Cristo Vivo, Caminho para a Conversão, a Comunhão e a Solidariedade na América”, esta reunião dos bispos aprofundou na Igreja a dinâmica essencial e existencial do encontro com Cristo delineando o processo itinerante. Esta reapresentação da fé movimentou a vida eclesial no início do novo milênio procurando desenvolver a consciência de comunhão e participação dos fiéis na missão de Cristo e a nova evangelização para os novos tempos da América Latina. O Documento de Aparecida (n. 11-12) citando a Carta Encíclica de Bento XVI, “*Deus Caritas est*” aprofunda a temática:

Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir do encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade [...]. A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.

O encontrar-se com Cristo é o elemento primeiro e fundante daquele que ouvindo a Palavra da Vida, opta pelo seguimento. Aquele que se deixa encontrar faz a experiência sublime e profunda da amizade com o Mestre. Não é contato qualquer, mas uma relação entre pessoas capazes de doar amor, semelhante à relação intra-trinitária, fazendo opções de vida conscientes que mudam os rumos da história, da vida pessoal e comunitária. “A partir do dom do encontro com Jesus Cristo, estamos chamados a viver em seu seguimento em comunidade de irmãos, para configurar-nos com Ele e continuar sua missão ...”<sup>112</sup>. O encontro é o ponto de partida do processo itinerante.

Encontrar-se com o Mestre é ouvir seu chamado à conversão (Mc 1, 12-15). Corresponde a uma resposta livre de fé e adesão ao projeto de Deus. É o próprio Cristo quem chama para formar comunidade de amigos e amigas reconciliados, caminheiros ao calvário e

---

<sup>112</sup> VALDERRAMA, José Luis Fernández de. *À Luz de Aparecida...* Pastoral para a Comunhão Missionária. Bogotá: Edições CNBB, 2008, p. 26.

à sua glória. Foram chamados para se vincular mais intimamente à Pessoa dele. O vínculo com Cristo possibilita a conversão para o projeto da Vida de Deus. O discipulado conseqüentemente é metanóia, processo transformador e formador, integrador e além-fronteiras, pois dilata o coração do discípulo para o serviço.

No Documento de Aparecida a conversão acompanha um processo contínuo de participação na bondade de Deus, onde o discípulo e a discípula experimentam a mudança de atitudes nas etapas. “É um processo em quatro etapas – experiência pessoal de fé, vivência comunitária, formação bíblico-teológica e compromisso missionário da comunidade eclesial como um todo, constituindo-se como um ‘poderoso centro irradiador de vida’”<sup>113</sup>. Configura-se como uma conversão permanente aos valores do Reino na dimensão pascal da imitação de Cristo<sup>114</sup> carregando a cruz. A conversão é atitude divina, sacramental, em consonância com a abertura do ser humano para a relação filial do amor de Cristo, no Espírito Santo. Continuamente enviado por Ele, prosseguimos com o Espírito, a caminhada cristã.

A dinâmica de Jesus é formar no caminho. Por isso pedagogicamente o processo itinerar é delineado, mas não se coloca como um esquema rijo, mas como uma realidade cheia de dinamicidade, onde o homem e a mulher são chamados a fazer comunhão. Esta comunhão é a adesão ao projeto do Reino que é vida plena e integral, comunhão com a Igreja de Cristo, que animada pela força do Espírito é sinal deste reino que começa aqui, na dinâmica do passado, quando fazemos memorial da fé, do presente, quando atualizamos os mistérios de Cristo e no futuro, quando nos colocamos em marcha para clamar: “vem Senhor Jesus”.

A comunhão com Deus e os irmãos na Igreja são manifestos na solidariedade. “A Igreja é comunhão no amor. Esta é sua essência e o sinal através do qual é chamada a ser reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade ...” (DA, n. 161). O Documento de Aparecida convida a todos os batizados e os homens de boa vontade a fazer uma revolução da solidariedade no Continente da Esperança, tornando-o também o Continente do Amor.

A comunhão ultrapassa a realidade eclesial e chega até os lugares antes não pensados. Uma comunhão de vida com todos os seres, com toda a obra da criação, com as religiões

---

<sup>113</sup> BRIGHENTI, 2007, p. 05-06.

<sup>114</sup> O livro de Tomás de Kempis, “Imitação de Cristo” na linha da Devotio Moderna se diferencia da visão de imitação como seguimento que Aparecida destaca. Aparecida, pelo contrário, apresenta o mundo e suas relações como dom de Deus para que o homem e a mulher encontrem sua vocação à vida plena na realidade que os cerca. Tomás de Kempis, na sua realidade, aconselha a fuga do mundo, das paixões e da realidade tomada pelo pecado. Leonardo Boff apresenta comentários ao Livro V da Imitação de Cristo, veja-se: KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo e Seguimento de Jesus*. Trad. Leonardo Boff. Livro V. Petrópolis: Vozes, 2016.

cristãs e não cristãs, numa atitude de acolhida e respeito, rerepresentando a proposta de Jesus para a unidade. Muitos rostos do Continente foram apresentados em Aparecida, todos são abraçados pelo Mestre da Vida, que os chama à comunhão de vida.

O envio é a categoria que completa o ciclo mistagógico discipular. Ser enviado não é objeto de subjetividade, mas uma investidura genuinamente atribuída por outro. O discípulo não testemunha em seu próprio nome, mas anuncia uma experiência que marcou profundamente sua existência. O próprio Cristo envia seus discípulos para a realidade do mundo, anunciando que a morte não tem a última palavra sobre o Reino da vida do Pai. “Ao participar dessa missão, o discípulo caminha para a santidade. Vivê-la na missão o conduz ao coração do mundo ...”. (DA, n. 148).

O Reino da vida do Pai sempre será o ponto de chegada do processo itinerar discipular. Por isso, os discípulos são enviados a testemunhar a experiência do encontro com Cristo, e a partir dele se lançam na dinâmica de fazer discípulos em comunhão com a Igreja. A formação dos discípulos é parte integrante de todo o itinerário de crescimento da fé, tomada de consciência de ser batizado e missionário. Formação que se dá pessoalmente e comunitariamente no protagonismo do Espírito Santo.

## **2.5 A Formação de Discípulos**

A formação dos discípulos se dá no seio de comunidades de fé que possibilitam o crescimento integral e a vivência do amor solidário manifestados na comunhão e participação. Ela irradia a vida de Jesus para a vida dos povos, das famílias, dos discípulos e discipulas. Não há discípulos sem uma comunidade de pertença que lhe garanta a identidade e a missão. Somente em comunhão o discípulo encontra solo fértil para crescer na vida cristã.

A formação, conforme o Documento de Aparecida, deve ser querigmática, integral e permanente, abrangendo a realidade, os rostos diversos do Continente e, principalmente, fazendo os discípulos e discipulas experimentarem o reencontro ou pro-seguimento na ação do Espírito.

Missão principal da formação é ajudar os membros a se encontrar sempre com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo. Por isso, a formação obedece a um processo integral, ou seja, compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital (DA, n. 279).



Em Aparecida se reconhece a fragilidade da formação dos leigos e leigas, apontando o caminho para uma renovação da vida eclesial frente às dificuldades que as comunidades eclesiais vem sofrendo. Decididamente se aponta a formação do leigo como uma luz norteadora para a renovação eclesial, frente à missão permanente, continental e a grande escassez de vocações sacerdotais e religiosas. Somente com leigos e leigas engajados e esclarecidos nas mais diversas compreensões estruturais pode-se fazer caminhada discipular, consciente e ativa, na sociedade.

Aparecida admite um “escasso acompanhamento dado aos fiéis leigos em suas tarefas de serviço à sociedade” (100c). Por causa disso, Aparecida propõe uma “decidida opção pela formação dos membros de nossas comunidades” (276). “Desde o princípio os discípulos haviam sido formados por Jesus no Espírito Santo (...). Essa é a razão pela qual os seguidores de Jesus devem deixar-se guiar constantemente pelo espírito (cf. Gl 5,25) e tornar a paixão pelo Pai e pelo Reino sua própria paixão ...”<sup>115</sup>

Para buscar reverter a situação de esfriamento das lideranças leigas os bispos apontam a formação querigmática como a tentativa de retorno ao encantamento pela missão de Jesus Cristo e da Igreja. Esta formação querigmática compreende o anúncio dinâmico e envolvente da vida de Jesus, vinculando o discípulo na fé da Igreja e fazendo-o participante dos membros de Cristo. “O querigma não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo. Sem o querigma os demais aspectos desse processo estão condenados à esterilidade ...” (DA, n. 278).

O discípulo no processo formativo, em consonância com o itinerário do seguimento, contempla e envolve-se na realidade que o cerca, consegue olhar além das estruturas injustas que se apresentam e anuncia profeticamente a Vida de Jesus como referência libertadora para a vida dos povos. Somente uma formação integral consegue envolver a pessoa por completo na dinâmica espiritual, antropológica, social, política, econômica, cultural, ecológica.

A atitude crítica diante da realidade condiciona para o anúncio profético, prenhe de esperança da Boa-Notícia. As comunidades formativas, as paróquias, os seminários, as comunidades religiosas, são vistos pela Conferência como núcleos de ação crítica e fé encarnada. Movidos pelo Espírito conseguem semear a vida de Jesus na realidade latino-americana suscitando uma Igreja samaritana, discípula missionária. Compreende-se comunidades samaritanas como lugares da acolhida e do amor ao próximo, do diálogo

---

<sup>115</sup> SUESS, 2007, p. 66.

fraterno e do respeito ao diferente, comunidades que entendem a dinâmica da comunhão como diversidade no mesmo Espírito (1Cor 12, 12-14).

Hoje, o seguimento de Jesus, pela força do Espírito do Ressuscitado, levamos a fundar comunidades consequentes com sua prática. Comunidades samaritanas que ajude a aliviar as dores do povo crucificado e sofredor, deixando-se guiar pelo Espírito Santo (cf. Gl 5, 25), assumindo como própria a paixão pelo Pai e pelo Reino e anunciando a Boa-Nova aos pobres, curando os enfermos, consolando os tristes, libertando os presos e anunciando o ano da graça do Senhor (cf. Lc 4, 18-19).<sup>116</sup>

A formação do discípulo é permanente. A Conferência reconheceu que a globalização gerou um mundo em constantes mudanças. Valorizou seus pontos positivos, na ciência e técnica, na comunicação e informação, mas revelou as inúmeras injustiças e exclusões contidas no bojo das interrelações. “... a globalização segue uma dinâmica de concentração de poder e riqueza na mão de poucos. Concentração não só dos recursos físicos e monetários, mas sobretudo da informação e dos recursos humanos, o que produz exclusão ...” (DA, n. 62).

O homem contemporâneo vive na frenética busca do novo, onde a cultura do descartável aliada ao consumismo tornam frágeis o comprometimento com a fé comunitária. É uma dinâmica de vida individualista, hedonista e pragmática que minimiza a busca do silêncio, da oração e a importância da transcendência, de Deus para a vida da humanidade. O centro torna-se o lucro. Os bispos convocam a fazer uma globalização diferente. “Sentimos forte chamado para promover uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça, pelo respeito aos direitos humanos ...” (DA, n. 64).

Constata-se também que o laicismo compromete a atitude solidária diante do mundo, do problema da fome, da ecologia, das drogas, da guerra, dos excluídos, dos imigrantes, indígenas, afro-brasileiros, das mulheres exploradas. É claro que facilidades e melhorias na qualidade de vida são também crescentes, mas para quem possui poder de compra. Os pobres são sobrantes neste processo. Diante desta realidade só uma formação permanente, na espiritualidade e ação missionárias, pode trazer uma reflexão mais madura e consistente sobre o papel do leigo e leiga no mundo.

O seguidor de Jesus é convocado para, no caminho, fazer um processo de iniciação a vida cristã integral. Abrangendo a dimensão humana e comunitária, a espiritual, intelectual, pastoral e missionária. O Documento de Aparecida desperta o olhar para a integralidade da formação como uma necessidade dos novos tempos, fazendo uma necessária iniciação a vida

---

<sup>116</sup> FERRARO, Benedito. O discipulado como seguimento do Jesus histórico. In: AMERÍNDIA (Org.). *V Conferência de Aparecida: renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 98.

cristã. “Isso constitui grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã; desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade ...” (DA, n. 287). A formação deseja respeitar também os processos pessoais e comunitários assumindo a história autóctone de cada região, das dioceses, paróquias e agrupamentos humanos pluriculturais para acompanhar os discípulos na construção dos valores do Reino.

Tudo deve estar interligado com um projeto orgânico de pastoral<sup>117</sup> que evidencie a formação bíblico-teológica, litúrgica e humana como prioridade para o desenvolvimento de uma Igreja toda ministerial e em ação missionária. Isso aponta para uma mudança eclesial das estruturas para uma pastoral eminentemente missionária. É o grande desafio reformador que Aparecida apresenta e reflete de maneira a movimentar as estruturas eclesiais. “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária ...” (DA, n. 370).

A Conferência também coloca em destaque a ação dos discípulos e discípulas em ação no mundo. Os leigos e leigas, formados em uma espiritualidade missionária, serão capazes de acolher os ecos que soam das mais difíceis e desafiantes realidades do Continente. “A formação dos leigos e leigas deve contribuir, antes de mais nada, para sua atuação como discípulos e missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade ...”. (DA, n. 283). Paulo Suess consegue sintetizar o processo de formação com as etapas do itinerário do seguimento.

Aparecida destaca cinco aspectos fundamentais no “caminho de formação” (267) que se inspiram no “Caminho Neocatecumenal”: “O encontro com Jesus Cristo”, “a conversão”, “o discipulado”, “a comunhão” e “a missão” (278 a, b, c, d, e), e quatro dimensões: “dimensão humana e comunitária”, “espiritual”, “intelectual”, “pastoral” e “missionária” (280 a b, c, d). Cada uma dessas dimensões e cada um dos protagonistas da missão - bispos, presbíteros, párocos e animadores de comunidades, diáconos permanentes, fieis leigos e leigas, consagrados e consagradas (cf. 186ss, 191ss, 201ss, 205ss, 209ss, 216ss) - fazem parte de um processo de formação integral (118, 279, 299, 329, 337, 441a, 456, 481), querigmática (297), permanente (299, 306, 437i, 518d), comunitária (305), inculturada (325), e específica (99c, 184, 200, 328s, 459) segundo a vocação de cada batizado[...].<sup>118</sup>

A abertura para o diálogo ecumênico e inter-religioso são possibilidades visíveis quando um ponto comum é lançado entre as diversas expressões, na atitude de levar a

---

<sup>117</sup> No Documento de Aparecida esses números (365 à 372) são essenciais para a compreensão dessa virada pastoral na Igreja.

<sup>118</sup> SUESS, 2007, p. 67.

promoção da dignidade e da vida a todos. Seguir os passos do Mestre, deixar-se formar por ele é ouvir sua Palavra que chama a permanecer no seu seguimento. O Documento de Aparecida, em seu espírito, coloca os seguidores de Jesus em um caminho pedagógico de encontro pessoal de fé, conversão, discipulado, comunhão e missão. Estes cinco elementos, intercalados com a formação bíblico-teológica, são os subsídios do caminho mistagógico. O processo obedece à ordem do Espírito, não das vontades humanas e sistematizações teóricas sectárias.

Formar discípulos e missionários no espírito da Conferência são duas faces de uma mesma moeda. Não existe no cristianismo seguidores sem anunciadores de uma experiência que os formou. Do discipulado brota a missionariedade como uma necessidade, um desejo alegre e criativo de anunciar aos corações a graça do encontro.

Neste espírito, o discipulado como reflexão teológico-pastoral não caiu no sentido proselitista de formar discípulos alienados, preocupados somente em angariar fiéis para a Igreja, reproduzindo uma estrutura passada. Isso se esperava dos setores mais conservadores em relação à renovação do Vaticano II. Pelo contrário, Aparecida motivou a formação de pessoas livres e conscientes de seu papel no tecido religioso e social, imbuídos da alegria pascal para testemunhar a Cristo, vivo e ressuscitado no seio da Igreja e do mundo.

## **2.6 A Alegria do Evangelho**

A alegria desde os primórdios do cristianismo é a marca registrada dos cristãos que fizeram a experiência da vida nova em Cristo. O ser alegre nasce da experiência vivencial de ser filho de Deus, amigo de Cristo e irmão de todos, animados pelo Espírito Santo. A alegria, no Documento de Aparecida, é fruto do Espírito Santo que age no coração do discípulo missionário encontrante da Boa-Notícia para a humanidade – Jesus: caminho, verdade e vida para os povos da América Latina e Caribe. Os bispos reunidos desejaram rerepresentar Jesus Cristo como Boa-Notícia para os homens e mulheres do “Continente da Esperança”. Ele é o Evangelho da vida que se faz Evangelho da alegria, pois é dom pascal para os que caminham nas sombras da morte, nas agruras da exclusão e tristeza.

A alegria como fruto do Espírito Santo é memória pascal. Foi desde os primeiros séculos o distintivo da identidade cristã. Olhando para a vida de Jesus e seu mistério pascal as comunidades cristãs entenderam que a alegria era o resultado da solidariedade de Cristo entregue para a salvação da humanidade. A carta aos Gálatas apresenta os frutos do Espírito Santo. “Eis os frutos do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé,

doçura, domínio de si ...” (Gl 5, 22). Neste sentido, a Conferência de Aparecida conceitua a alegria não como sentimento artificialmente provocado por um estado de ânimo, como comumente se entende, mas como a experiência do encontro com a vida de Cristo, a sua obra redentora em prol da humanidade.

Nossa alegria, portanto, baseia-se no amor do Pai, na participação no mistério pascal de Jesus Cristo que, pelo Espírito Santo, nos faz passar da morte para a vida, da tristeza para a alegria, do absurdo para o sentido profundo da existência, do desalento para a esperança que não engana. Esta alegria não é sentimento artificialmente provocado nem estado de ânimo passageiro. O amor do Pai nos foi revelado em Cristo que nos convidou a entrar em seu reino. Ele nos ensinou a orar dizendo “Abba, Pai” (Rm 8, 15; cf. Mt 6,9) (DA, n. 17).

A Conferência apresenta a alegria como vida gerada pela confiança na graça de Deus a partir do encontro com Cristo-Pessoa, capaz de relação, que chama discípulos e discípulas; Cristo-Palavra, que comunica a bondade de Deus e encoraja a resposta e adesão generosa ao Reino de Deus; Cristo-Evangelho, Boa-Notícia de libertação e salvação como conteúdo da missão evangelizadora da Igreja a todos os povos. Esta experiência é fruto de uma caminhada cristã que, ao redor da mesa da Palavra e Eucaristia, impulsiona o discípulo a partilhar suas alegrias e dores fazendo comunhão e unidade com os que sofrem.

Este é um elemento fundamental aprofundado em Aparecida, pois a alegria retratada não é simplesmente uma expressão, mas o resultado de uma vivência interior, orante, oferente e caritativa que se expressa em comunidades vivas e anunciadoras. Ela se reflete na pessoa do discípulo e sua intimidade com Deus, nas relações pessoa-mundo, pessoa-pessoa. Abrange as realidades interpessoais e eclesiais dentro do mundo, em um processo irradiador da vida de Cristo para a vida dos povos latino-americanos e caribenhos. É a alegria de ser discípulo que motiva a caminhar carregando as cruzes do mundo de hoje, na atitude de Simão (Mt 27, 32).

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, ratifica o desejo de se buscar na alegria do Evangelho o encontro transformador de vida, uma nova etapa na ação evangelizadora da Igreja que se propõe a uma renovada ação missionária tendo como base a alegria.

A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo renasce sem cessar a alegria (EG, n. 01).

Desta forma, a alegria pascal exprime-se na fé vivida do discípulo, em uma vivência eclesial solidificada na confiança no Senhor que, vencendo a morte nos resgata a alegria de uma vida nova. A Conferência motiva os cristãos ao reencantamento da beleza de ser discípulo missionário de Jesus Cristo nos dias de hoje. Os Bispos reunidos manifestaram na introdução do documento as perspectivas do encontro “...redescobrir a alegria e a beleza de ser cristãos [...] transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo ...” (DA, n. 14). Esta proposta repercute em todo o Documento final e se coloca como tema transversal do texto. É a alegria de ser cristão que vai unindo os diversos temas trabalhados em Aparecida.

Diante de uma cosmovisão ideológica de mundo que condiciona uma antropologia voltada para o relativismo, consumismo, hedonismo, o Documento de Aparecida propõe aos discípulos a singeleza da alegria como testemunho autêntico dos cristãos para o mundo em crise. Na alegria do Evangelho a Conferência se coloca a propagar, pelo anúncio profético, alegre, criativo e inculturado da Boa-Notícia na realidade latino-americana a proposta inicial de Deus que é a vida plena para todos.

Todos os povos, as culturas e os cristãos que se afastaram da fonte da alegria, são reconvidados pela experiência do encontro a ser discípulos missionários celebrando a vida, a história transfigurada e anunciando o Reino da vida como ponto de chegada escatológico.

Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher. Com os olhos iluminados pela luz de Cristo ressuscitado, podemos e queremos contemplar o mundo, a história e nossos povos. (DA, n.18).

A alegria se manifesta na adesão ao projeto salvífico de Cristo e na colaboração com a difusão do Reino desde agora. É um combustível salutar para a dinamicidade da vida da Igreja em seus organismos e métodos pastorais de evangelização considerados como ineficazes sem a alegria e o ardor missionário. “A Alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária” (EG, n. 21).

Desta forma, a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, quer despertar nos fieis a redescoberta da alegria e da beleza de ser cristão, um novo reencantamento pela proposta de vida em Jesus, incentivando uma espiritualidade do encontro na ação missionária, que gera vida, sentido de existência e dignidade a todo ser humano. “Neste encontro com Cristo, queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor, e

de termos sido enviados com o tesouro do Evangelho. Ser cristão não é uma carga, mas um dom ...” (DA, n. 24). A alegria do Evangelho é um encontro.

Em Aparecida (DA 20-30) encontramos a melhor descrição do que significam o gozo e a alegria de ser discípulos missionários. A nota do discipulado é a alegria de uma experiência. Os bispos nos convidam a ser uma Igreja alegre, contente, não uma Igreja que geme debaixo do peso dos problemas e dificuldades, mas sim que experimenta por dentro a força e a energia de Deus, que nos faz capazes de vencer os obstáculos. Para renovar a Igreja Latino Americana no espírito de Aparecida, temos que começar a viver a experiência do discipulado “pós-pascal”, quer dizer, a certeza do Mestre que nos vem pelo dom da fé.<sup>119</sup>

A relação de intimidade com o Mestre leva à experiência de algo simples, mas profundo, que é a consciência e a alegria de ser filho no Filho, amado por Deus e animado pelo Espírito Santo. Esta vivência espiritual toca o mais profundo da antropologia e religiosidade do homem e da mulher, chamando-os, em sua liberdade, ao seguimento no discipulado. “O discípulo, à medida que conhece e ama seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado...”. (DA, n. 278).

A alegria do Evangelho no decorrer do Documento de Aparecida vai tornando-se Evangelho da alegria à medida que os homens e mulheres do Continente vão aderindo a proposta da vida de Jesus e experimentando as realidades vivificantes do Reino de Deus. Os novos métodos e as novas perspectivas para a ação missionária são envolvidos com a transversalidade da alegria. Em Jesus encontramos a verdadeira alegria que não cessa, mas que projeta sobre a ação discipular o impulso evangelizador de um encontro vivo, dinâmico e testemunhal capaz de despertar os cristãos adormecidos pelo comodismo e esfriamento religioso.

### **Conclusão Parcial**

O Documento de Aparecida é para a Igreja do Continente Latino-Americano e Caribenho o mais atual elemento norteador de sua caminhada evangelizadora e pastoral. Interligado com os documentos das Conferências antecedentes apresenta o seguimento de Jesus no discipulado missionário de maneira relacional, onde todos os batizados, que fizeram o encontro com o Senhor, pela força performativa deste evento, são testemunhas capazes de

---

<sup>119</sup> BARAUSSE, 2013, p. 120.

semear na realidade e em suas mais diversas dimensões humanas e sociais os valores do Evangelho da Vida. Este capítulo sistematizou e apresentou as bases do seguimento de Jesus no discipulado missionário em Aparecida.

A Conferência foi um renascer da esperança para a Igreja latino-americana, uma grata novidade de Deus para esses povos. Ela tornou-se fecunda semente lançada no chão da realidade e cultivada no seguimento de Jesus em um seguimento processual, discipular, caminho trilhado paulatinamente entre luzes e sombras. A fundamentação bíblico-teológica forjou o chão sólido da teologia do discipulado fundamentando-a em Jesus caminho, verdade e vida, como missão Trinitária, conduzindo a Igreja a continuar a missão do Senhor, formando discípulos e discípulas conscientes de sua identidade em um mundo plural e globalizado.

Conhecer a realidade integral do Continente é marca de uma busca própria da Igreja na América do Sul, que percebe a ação de Deus nos sinais dos tempos revelados na história. A Conferência convoca todos os cristãos a voltar a Jesus, para um novo reencantamento da beleza e alegria de ser seguidor contemplando Jesus agindo na fidelidade ao seu Pai, na força do Espírito para a transfiguração da realidade. Ele é o Mestre que conduz os discípulos ao Reino da vida pelo mistério de sua vida pascal. Vida integral para os discípulos que creem, não somente no aqui da existência, mas no olhar para o alto, para a transcendência de vida que é inerente à fé cristã, não esquecendo os pobres.

O ponto de chegada apresentado no espírito de Aparecida é Reino da Vida do Pai. O ponto de partida, por sua vez, é a realidade gritante do Continente da Esperança. O resgate do método usado pela Igreja ver, julgar e agir, foi elemento sistemático para uma metodologia indutiva de abordagem da realidade, abrindo grandes possibilidades de reflexão e lançando propostas de inserção e inculturação do Evangelho para a vivência autêntica da vida cristã frente às grandes ameaças do indiferentismo religioso, do relativismo, e de tantas influências negativas da realidade secular.

A Conferência em sua visão cristocêntrica deseja partir do encontro com Cristo nos lugares teológicos dessa realidade autóctone para afirmar que Deus fala aos homens e mulheres a partir do chão do Continente. A Sagrada Escritura, os sacramentos, principalmente a Eucaristia e Reconciliação, a devoção popular mariana, a realidade dos pobres, aflitos e doentes é movimento da graça de Deus agindo para comunicar sinais dos tempos ao homem e a mulher, chamando-os ao discipulado.

É notável que a dinâmica do encontro com Jesus Cristo, nos lugares teológicos que o Documento apresenta, precisa da criatividade de cada igreja local para chegar a uma ação



prática consistente, duradoura e comprometida, no que diz respeito à ação evangelizadora, catequese de iniciação à vida cristã e formação permanente dos discípulos. Isso demanda novas posturas dos pastores, dos líderes comunitários, dos discípulos missionários na conversão de todas as estruturas pastorais e organismos da Igreja, ultrapassando a ineficaz manutenção conservadora.

A alegria como promotora da identidade do ser cristão é marca forte desse resgate do caminho processual vivido nas comunidades primitivas. É caminho de formação de testemunhas e seguidores anunciadores de um encontro, dinamizando e inculturando o discipulado na vida e fazendo da vida uma constante missão. Aparecida configura-se como um renascer da esperança para os povos deste rincão continental, sedentos de vida e dignidade, lugar onde a vida é ameaçada pelas gritantes fragilidades que assolam a realidade.

A oferta da vida de Jesus é o dorso fontal do Documento de Aparecida. A vida de Jesus é o reflexo basilar da proposta dos Bispos para apresentar o convite ao seguimento no hoje da realidade continental. No mundo contemporâneo, com as grandes ameaças à fé comprometida, onde a Igreja não é a única voz, mas uma das inúmeras vozes a ecoar, o Documento de Aparecida continua a ser atual, vivo e dinâmico. Chama os cristãos a uma vivência profunda do encontro com Cristo, processo de conversão, comunhão e missão. Suscita a transformação das realidades a partir da solidariedade pascal de Jesus, que brota de sua missão sacerdotal, profética e régia.

O seguimento de Jesus no discipulado é apresentado em Aparecida como uma caminhada pedagógica fruto de um encontro pessoal e comunitário com Cristo, que insere o fiel na proposta do Reino, como discípulo missionário. É mistagogia de participação na vida divina, de espiritualidade cristã autêntica, impulsionando o seguidor a olhar a realidade de forma holística a partir da perspectiva da práxis cristã e dos vários rostos que o Continente apresenta. Uma ortopraxis é formulada na defesa da vida, da família, da Casa Comum, um chamando para a cooperação ecumênica e inter-religiosa.

É com o espírito de renovação das estruturas eclesiais que o Documento de Aparecida expressa o chamado dos bispos em fazer de todos os povos discípulos missionários de Jesus. Lança perspectivas de missão além-fronteiras (Missão Continental), no compromisso com os pobres e excluídos, valorizando a ação de todos na construção do Reino de Deus que é justiça e igualdade. A partir do encontro pessoal com Jesus, Aparecida quer colocar todos os povos latino-americanos e caribenhos na busca por uma vivência mais autêntica da vida discipular, na Igreja, na sociedade, na formação humana integral dos discípulos e discípulas de Cristo para a vida plena.

### 3 A TEOLOGIA DO DISCIPULADO A PARTIR DE APARECIDA

#### Introdução

A teologia do discipulado a partir da Conferência de Aparecida aponta perspectivas teórico-práticas que tocam a vida de fé, a ação evangelizadora das comunidades, a práxis cristã. A reflexão e o olhar crítico sobre esses dois temas teológicos da pastoral (vida de fé e ação evangelizadora) são de fundamental importância para o momento de crise em que a Igreja e os fiéis se encontram<sup>120</sup>. Teologizar sobre a vida cristã e sua ação no mundo globalizado é tarefa ousada e necessária para a compreensão dos novos sinais dos tempos. A definição de princípios hermenêuticos adequados possibilita sistematizações que apresentem perspectivas de ação e conduzam ao resgate do essencial do ser cristão, do ser discípulo e discípula no mundo contemporâneo.

Seguindo a metodologia da pesquisa<sup>121</sup> nos encontramos em um momento especial deste trabalho científico. Após situarmos o estado da questão, fazendo o corte histórico a partir do Vaticano II, passando pelas Conferências de Medellín e Puebla, analisando também a contribuição de autores ligados à temática, chegamos ao momento hermenêutico da investigação. A gênese do discipulado foi mostrada no segundo capítulo onde o Documento de Aparecida ressignificou o ser cristão a partir da experiência do encontro com a pessoa de Jesus Cristo e o seguimento na vida e na realidade latino-americana. O arcabouço doutrinário e ético desta experiência compõe a ação evangelizadora e a proposta missionária da Igreja na V Conferência no intuito de levar a vida de Jesus e a dignidade de filhos a todos os homens e mulheres.

A importância desta pesquisa se dá também pelo olhar investigativo retrospectivo e prospectivo da teologia do discipulado. Já decorridos dez anos do acontecimento de Aparecida podemos analisar a caminhada discipular traçada a partir dos direcionamentos do evento episcopal. A hermenêutica do discipulado à luz do Documento de Aparecida mostra-se como elemento teológico iluminador para reflexões sobre a realidade das comunidades cristãs

---

<sup>120</sup> Para melhor situar a realidade dinâmica e plural da mudança epocal e crise global que passam as instituições e conseqüentemente a Igreja, veja-se: BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja Perplexa: A novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

<sup>121</sup> A natureza desta pesquisa emprega o método bibliográfico-hermenêutico. Enquanto os dois primeiros capítulos adquiriram um caráter bibliográfico expositivo, o terceiro é mais claramente interpretativo, abordando o Documento de Aparecida sob a ótica da teologia discipular construída na história da teologia da América Latina.

no seu contexto interrelacional com a cultura, as ciências, a economia, a política, a própria teologia, bem como os novos cenários eclesiais do tempo presente.

A reflexão hermenêutica sobre o discipulado a partir de Aparecida requer algumas considerações. A expressão “a partir de” nos situa no âmbito da hermenêutica e da história eclesial na América Latina. Todo o processo de construção deste trabalho aponta para a possibilidade do diálogo entre a realidade e o que é essencial no discipulado. Este encontro é fecundo para o crescimento da teologia da práxis cristã. Por isso, nos perguntamos: É possível fazer hermenêutica do discipulado na vida atual a partir das perspectivas apontadas pela Conferência de Aparecida? Quais os critérios metodológicos para uma interpretação adequada da teologia discipular em nossos tempos? É possível apresentar perspectivas eclesiais após os dez anos da Conferência de Aparecida? O Documento de Aparecida ainda fala à Igreja latino-americana e a desafia? Quais os limites do Documento? São questionamentos que perpassam o olhar investigativo deste capítulo e forjam a opção hermenêutica da originalidade discipular construída no conjunto da pesquisa como vida e dignidade para todos.

Na tentativa de interrelacionar os saberes e conceituações o segundo capítulo já nos situou “em Aparecida” abordando alguns temas fundamentais que afunilam as intenções e motivações da Igreja latino-americana. Neste último capítulo objetivamos dialogar com as intenções do texto, o que chamamos de “espírito de Aparecida”, e suas perspectivas dentro de uma compreensão atualizada e em reflexo com as categorias essenciais do discipulado abarcadas na visão de José Comblin, Jon Sobrino e Paulo Suess. A reflexão dialogada com o Documento de Aparecida suscitará compreensões da realidade do discipulado e da prática discipular no âmbito da vida da fé comprometida com a causa dos mais pobres e excluídos. Este encontro do texto e suas perspectivas com a realidade de hoje é potencializador para uma hermenêutica que comunique a vida que Jesus veio trazer aos discípulos e discípulas.

Este capítulo é de abordagem crítica e focalizará nas preposições o caminho da investigação, mostrando uma pedagogia para a análise interpretativa. A teologia do discipulado *em* Aparecida aprofundará os elementos abordados no segundo capítulo, situando a reflexão no tocante ao discipulado. A possibilidade da crítica faz parte do processo de reelaboração e reflexão da pesquisa. A teologia do discipulado *a partir de* Aparecida será o campo fértil para a construção de novas possibilidades para a eclesiologia e a pastoral na América Latina.

Os desafios que a Conferência detectou e as interpretações feitas pelos teólogos apresentados apontam as lacunas e limitações do evento. Não há como abordar todos os temas

denso em um único documento episcopal, muito menos dar as respostas e ações necessárias para as reformas quando não se tem a autonomia para tal. Apresentaremos reflexivamente as temáticas de maior alcance para a pesquisa revelando alguns vazios epistemológicos do Documento. Os desafios que a Conferência de Aparecida não abordou compreendem temáticas também importantes para entendermos as barreiras metodológicas e eclesiais às quais as Conferências estão sujeitas. Por fim, vale-nos um diálogo a partir da visão do primeiro capítulo, das perspectivas de *aggionamento* do Vaticano II, os direcionamentos das Conferências de Medellín e Puebla, bem como as ideias centrais dos autores apresentados.

Desde uma perspectiva ampla, o capítulo objetiva refletir sobre a teologia discipular construída em Aparecida e inter-relacionada com a história eclesial na América Latina. No que concerne à sua especificidade, o capítulo visa analisar prospectivamente os dinamismos da teoria e prática, da realidade eclesial e as perspectivas pastorais da Igreja latino-americana, chegando a reconhecer a validade e atualidade da Conferência de Aparecida para a conversão eclesial e pastoral. No contexto de um mundo globalizado e pluricultural o essencial do ser cristão, discípulo e discípula, apresentar-se-á como elemento identitário e universal para a pertinência da prática eclesial de comunhão e participação no mundo em que vivemos.

### **3.1 A Teologia do Discipulado *em* Aparecida**

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho vislumbrou uma eclesiologia que desenvolvesse os dinamismos de *aggionamento* no espírito do Vaticano II e das Conferências Episcopais anteriores. A Conferência assume esse dinamismo de renovação eclesial e transformação pastoral, construindo processualmente uma identidade discipular que marca o acontecimento na história eclesial latino-americana. Os bispos reunidos afirmaram: “Fizemos isso como pastores que querem seguir estimulando a ação evangelizadora da Igreja, chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo...” (DA, n. 01).

Em Aparecida a teologia do discipulado configura-se como o eixo hermenêutico-prático fontal e decisivo para que as perspectivas de renovação eclesial e conversão pastoral ganhem solidez na ação evangelizadora. Essa renovação estrutural acontecerá a partir de uma nova mentalidade discipular que coloca a realidade antropológica no centro das mudanças práticas eclesiais e as impulsiona para a missão evangelizadora da Igreja.

As Conferências episcopais anteriores calcaram o contexto da evangelização, dentro da Igreja e do mundo. A V Conferência destaca, ao invés, o sujeito que irá trabalhar aquelas realidades sociais, culturais e eclesiais. O discípulo, nesta nova perspectiva, dará, por sua inserção em Cristo, a resposta às

principais perguntas existenciais dos seres humanos frente ao sofrimento, à dor e a morte, bem como frente ao seu relacionamento familiar e social. Responderá aos sinais dos tempos ...<sup>122</sup>

O novo sujeito da ação evangelizadora da Igreja, que chamamos de discípulo, surge de um encontro com Jesus Cristo. A caminhada solidificada na relação de amizade e fidelidade ao Mestre é acrescida de um ideal profundamente fecundado pela mensagem do Reino de Deus, Reino da Vida, manifestado em Jesus e em sua vida totalmente entregue.

A teologia do discipulado em Aparecida constrói-se com base teológica na automanifestação de Deus em seu Filho Jesus, que chama homens e mulheres para serem seus seguidores, amigos e amigas, unidos pela intimidade de vida, mensagem e destino comum. “Ser discípulo é estar com ele (Mc 3, 14a), criar solidariedade e comunidade, abrir-se para a missão ao serviço do Reino e assumir, se preciso for, o mesmo destino do Mestre (Mc 3, 14b)<sup>123</sup>”.

Jesus, com suas palavras e ações, inaugura o Reino de vida do Pai. No mistério pascal, o Cordeiro de Deus se faz salvação para nós e o Pai sela a nova aliança e gera um novo povo (143). Ao chamar os discípulos, Jesus lhes dá uma missão: anunciar o Evangelho do Reino a todas as nações. [...] A missão consiste em partilhar a experiência do acontecimento do encontro com Jesus Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa em pessoa, de comunidade a comunidade, e da Igreja aos confins do mundo (145).<sup>124</sup>

A temática da Vida de Jesus Cristo para os povos da América Latina e Caribe se apresenta como o substrato fundamental para aprofundarmos a compreensão do ser cristão, ser discípulo e discípula na visão da Conferência. “Somos chamados à vida, chamados pelo próprio Deus como pessoas de sua confiança, conforme seu projeto e para seu projeto que é vida para todos...”<sup>125</sup>. O Reino da Vida é a proposta de transfiguração da realidade continental. O discipulado em Aparecida é em favor da vida.

O chamado de Jesus é à vida plena para os povos e abarca a complexidade da história no “Continente da Esperança” ampliando o sentido da existência aos que andam desorientados. “Diante de uma vida sem sentido, Jesus nos revela a vida íntima de Deus em seu mistério mais elevado, a comunhão trinitária” (DA, n. 109). O conteúdo expresso da mensagem de vida intra-divina Jesus apresenta na sua práxis histórica, como sua própria vida doada,

---

<sup>122</sup> GRINGS, 2007, p. 47.

<sup>123</sup> FERRARO, Benedito. O discipulado como seguimento do Jesus histórico. In: AMERÍNDIA (Org.). *V Conferência de Aparecida: renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 97.

<sup>124</sup> BRIGHENTI, 2007, p. 21.

<sup>125</sup> PANAZZOLO, 2012, p. 88.

abraçando opções que geram vida. A marca discipular deverá ser a marca da vida plena para todos, principalmente para os desassistidos para os quais a busca da vida digna é prioridade vital. Esse discipulado que defendemos ultrapassa as cercas das religiões e chama para a comunhão de vida. “...Espera-se que tal integração se faça sobre o fundamento da vida, do amor e da paz. Em belo parágrafo, na perspectiva do Reino atuando no Continente, a Igreja se propõe a dedicar-se ao serviço da unidade e da fraternidade de nossos povos...”<sup>126</sup>.

Outras características teológicas do discipulado em Aparecida são desdobramentos da mensagem de vida que a própria pessoa de Jesus, seus gestos e opções oferecem como caminho metodológico para a reinterpretação do ser cristão em nossos dias. O Documento vai partir de Jesus Cristo, no encontro pessoal com Ele. Essa referência ao cristocentrismo e à pessoalidade do encontro nos remetem à relação existencial entre pessoas capazes de construir vínculos de amor, gratuidade e alteridade para a vivência na comunidade de fé. O discipulado contém na sua gênese a experiência íntima da vida de Jesus na vida em comunidade.

A vivência comunitária é característica do discipulado, pois o discípulo vive e propaga a sua experiência de encontro com Jesus Cristo na comunidade eclesial e para fora desta comunidade como Boa-Notícia a todos os povos. O compromisso de partilha de vida na comunidade garante a identidade da comunidade eclesial. Não se faz caminhada discipular sozinho e sem o entrelace das mãos que auxiliam no ritmo da caminhada, que socorrem os que ficaram pelo caminho, que alimenta os que jazem sem forças. A certeza que Jesus Cristo caminha com os discípulos forma comunidades comprometidas e atuantes para a transformação das sombras que afligem as comunidades eclesiais.

... Só unida a Cristo, primeiro e maior anunciador do evangelho do reino, a comunidade eclesial é capaz de responder ao Kairós. A unidade vivida na comunidade vinha da presença sempre vivificante de Cristo Ressuscitado. ‘Sempre em contato com Cristo presente, na comunidade eclesial se renova constantemente, alimentando-se do pão divino da Palavra de Deus e do Pão da Eucaristia, no sacramento da unidade e da caridade’ (DV 12; LG 7).<sup>127</sup>

Em Cristo a alteridade e a gratuidade serão o caminho que conduz para o reconhecimento da práxis cristã originária na atualidade do mundo globalizado e plural. O discípulo de Jesus Cristo será reconhecido no mundo pela prática da gratuidade, pela capacidade de incluir o excluído, sair de si e doar-se. O olhar voltado para o outro revela o compromisso dos discípulos com a caridade universal entre os irmãos e o testemunho contra o

---

<sup>126</sup> LIBANIO, 2007, p. 113.

<sup>127</sup> BARAUSSE, 2013, p. 50

indiferentismo e o subjetivismo egoísta que reina na contemporaneidade. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora - DGAE – para a Igreja do Brasil, destacam a alteridade e a gratuidade como as atitudes fundamentais originárias do discipulado, manifestando outros desdobramentos consequentes do ser discípulo comprometido. Com sua práxis encarnada na realidade o discípulo testemunha a vida de Jesus em sua vida a partir do encontro com o outro, no respeito, na tolerância, na partilha de vida e dos bens, na entrega da própria vida como fez o Mestre.

O discípulo missionário encontra nas atitudes de alteridade e gratuidade as marcas que configuram sua vida à de Jesus Cristo, que, “sendo rico, se fez pobre para nos enriquecer com sua graça” (2Cor 8, 9) e que veio “para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mt 20, 28). Aí se encontra a fonte de duas atitudes fundamentais: alteridade e gratuidade. A alteridade se fundamenta na encarnação e se refere ao outro, ao próximo, àquele que em Jesus Cristo, é meu irmão e minha irmã, mesmo estando do outro lado do planeta. As diferenças convidam ao respeito mútuo, ao encontro, ao diálogo, à partilha e ao intercâmbio de vida e à solidariedade. A gratuidade encontra no mistério pascal sua máxima expressão e sua fonte permanente. A vida só se ganha na entrega, na adoção... (DGAE, n. 11).

A cruz de Jesus e sua entrega filial torna-se convite para a transfiguração da cruz dos pobres, dos doentes, dos refugiados, dos alienados politicamente, dos sem perspectiva de vida. O discipulado em Aparecida é serviço gerador de vida e redenção para a humanidade sofredora. O compromisso com a causa dos pobres, a dignidade inalienável do ser humano e a libertação integral do homem e da mulher diante das estruturas injustas e excludentes do poder formam a dimensão profética do discipulado. “... não é possível lutar contra a injustiça sem comprometer-se no combate de Cristo, que, ao longo de sua vida fez uma clara opção pela causa da dignidade da pessoa humana”<sup>128</sup>. “As condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem a este projeto do Pai e desafiam os cristãos a maior compromisso em favor da cultura da vida” (DA, n. 358).

Outra característica do discipulado desenvolvida em Aparecida é a alegria pascal. A alegria é fruto do encontro com Cristo que transfigura a vida dos discípulos pelo Espírito. Essa alegria é pascal, pois mesmo que a realidade mostre sombras geradoras de morte e desafios que parecem impossíveis de ultrapassar, a vida trazida por Jesus é mais forte. “A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus” (DA, n. 29).

---

<sup>128</sup> BARAUSSE, 2013, p. 145.

Viver com Cristo e alimentar-se da Palavra e da Eucaristia fará o discípulo abrir os olhos para a realidade que o cerca e transfigurar essa realidade com a oferta do projeto de Deus manifestado na vida oferente de Jesus para todo homem e mulher. “Não ardia em nós o nosso coração quando ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lc 24, 32). Desta maneira, o discipulado em Aparecida encontra sua originalidade no essencial do ser cristão, ser discípulo, seguidor no caminho da vida em constante interação com a realidade desafiadora e o compromisso da fé transformadora destas mesmas realidades, sem afunilar-se ideologicamente na autopreservação eclesial ou no proselitismo religioso.

### **3.2 Desafios que o Documento de Aparecida viu**

A Conferência de Aparecida abre um leque na abordagem dos problemas humanos que a realidade da ação pastoral foi detectando como desafios na vida do povo de Deus e na vivência eclesial latino-americana. Dentro de uma leitura estrutural dos objetivos de Aparecida é possível captar temas centrais que têm suas raízes nas bases que abarcam os problemas sócio-político e econômicos afetando a vida de fé em todos os sentidos.

Segundo as reflexões de Libanio, a Conferência fica na superficialidade e não toca nas raízes desses desafios, apenas apresenta “...mudanças culturais profundas sem tocar as estruturas econômicas do sistema neoliberal capitalista”<sup>129</sup>. O Documento de Aparecida no segundo capítulo, “Olhar dos discípulos missionários sobre a realidade” descortina as crises que afetam a América Latina de uma maneira muito romântica, sem crivo científico. “...Em vez de começar com toda clareza a leitura da realidade, introduziu-se um capítulo de conotação espiritualista sobre o sujeito que olha para a realidade...”<sup>130</sup>. Mesmo assim reconheceu que “Os povos da América latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas” (DA, n. 33).

O interesse de refletir sobre os desafios vislumbrados em Aparecida nos insere na realidade do Continente e no próprio evento necessitando de um olhar panorâmico e integral das reais problemáticas que afetam o Continente. Por isso, não é possível colocar em evidência todos os rostos e situações que o Documento revela. Essa vastidão de conteúdos já mostra limites a serem questionados posteriormente. A opção pela interpretação crítica de alguns temas selecionados segundo o crivo da pastoralidade e abrangência eclesial com influência direta no discipulado, confere à pesquisa maior sistematização e originalidade.

---

<sup>129</sup> LIBANIO, 2007, p. 103.

<sup>130</sup> *Ibidem.*, p. 102.



Dentro da dinâmica de seguimento de Jesus como resgate do ser cristão o Documento de Aparecida apresenta esse novo momento histórico como tempo de passagem, momento de crise, mas momento de parto para uma nova compreensão da realidade latino-americana.

Com desafios e exigências, abre-se a passagem para um novo período da história, caracterizado pela desordem generalizada que se propaga por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã e pela emergência de variadas ofertas religiosas que tratam de responder, à sua maneira, à sede de Deus que nossos povos manifestam (DA, n. 10).

O desafio maior percebido nas entrelinhas de Aparecida gira em torno do discipulado em diálogo com a realidade no contexto da globalização. O alcance estrutural das mudanças ocorridas afeta holisticamente a vida na sua integralidade. Todas as relações do homem com o mundo se mercadejam segundo o paradigma veiculado por “...um mercado que coisifica os valores autônomos, passando por subjetivação aguçada e desenfreado consumismo...”<sup>131</sup>. Esta realidade ideológica manipula as pessoas menos esclarecidas que se deparam com o relativismo. “...O que até há pouco tempo dava sentido a uma maneira de ser, de agir e de avaliar as coisas, entra em conflito com outra maneira de ser, de agir, de avaliar...”<sup>132</sup>.

Quando a proposta da Vida de Jesus, apresentada em Aparecida, se coloca frente a frente com a realidade do Continente, percebe-se que o caminho do calvário ainda continua sendo trilhado e que os desafios de Aparecida permanecem atuais quanto à defesa da vida e dignidade dos seres. “Aparecida não quis perder de vista o ‘real’ da realidade [...]. Sua implementação, entre outros, implica ter presente em que mundo ou em que contexto nos movemos...”<sup>133</sup>.

A Conferência reconhece que a humanidade passa por uma crise global. “A novidade dessas mudanças, diferente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm alcance global que, com diferentes matizes, afetam o mundo inteiro” (DA, n. 34). Uma “mudança de época e época de mudanças” (DGAE, n. 19) que atinge todas as esferas da vida e do planeta. “Essa nova escala mundial do fenômeno humano traz consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, [...] também, naturalmente, a religião” (DA, n. 35). O discipulado nasce como uma possibilidade de esperança para olhar a realidade a partir de Jesus Cristo.

<sup>131</sup> LIBANIO, 2007, p. 111.

<sup>132</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO E CARIBENHO, 2003, p.10.

<sup>133</sup> BRIGUENTI, Agenor. A realidade da Missão no Brasil à luz de Aparecida. In: LABONTÉ, Guy; ANDRADE, Joachim (Orgs.). *Caminhos para a Missão: fazendo missiologia contextual*. Brasília: BSB, 2008, p. 01.

O texto se apoia sobre a viga mestra da consciência das exigências da fé cristã confrontada com os desafios da realidade atual. Uma triste e dolorosa, outra esperançosa e programática. A dor vem da evidente perda de relevância, de consistência, de presença na Igreja católica no Continente latino-americano. Muitos fatores são mencionados, desde os impactos da globalização até a falta de raiz e de convicção da imensa massa de católicos. A esperança nasce da aposta de que é possível sacudir os católicos para verdadeira conversão, não no sentido moralista de distanciamento do pecado, mas de tomada de consciência da grandeza da vocação cristã e da tríplice consequência: fazer-se discípulo de Cristo, viver tal realidade na Igreja e ser impelido para tornar-se missionário do Evangelho da vida [...].<sup>134</sup>

O olhar dos discípulos em interação com a realidade consegue abarcar a esperança cristã como um novo nascimento, uma nova consciência que parte de Cristo e sua Igreja. Os efeitos da globalização afetam também a Igreja, mas não cerceiam sua esperança. Por isso, Aparecida aposta na formação de discípulos. Cada discípulo e discípula reconhecendo a grandeza e a beleza de ser cristão autêntico é capaz de refletir e dialogar com o mundo atual e testemunhar a alegria do encontro com Cristo. No entanto, as mudanças causam também medo e perplexidade. “Como não poderia ser diferente, também a Igreja, hoje, está imersa num processo de profundas transformações que a deixam perplexa...”<sup>135</sup>.

A realidade eclesial é fortemente influenciada pela abrangência de uma ideologia econômica que canalizou o homem e seus anseios e desejos para a cultura da acumulação, do consumo, caindo no vazio. “Em razão da hegemonia que a economia exerce sobre a cultura atual [...] à luz da dignidade humana, ela se revela como uma crise antropológica: reduz a pessoa humana a uma de suas necessidades, o consumo...” (DGAE, n. 24). Aparecida alerta para as graves influências do desenvolvimento irrefletido e da globalização. Esse modelo econômico-político, que Aparecida não ousou tocar, revela incongruências que ferem a dignidade do homem e da mulher, bem como de toda a “Casa Comum”<sup>136</sup>.

As instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem a ponto de subordinar as economias locais [...]. Nessa perspectiva, com frequência se subordina a preservação da natureza ao desenvolvimento econômico (66): a natureza está sendo agredida; a terra, depredada; a água é tratada pelas empresas como mercadoria, ou disputada pelas grandes

---

<sup>134</sup> LIBANIO, 2007, p. 129.

<sup>135</sup> BRIGHENTI, 2004, p. 15.

<sup>136</sup> A Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco publicada em 2016, apresenta a visão da integralidade da criação onde tudo está interligado. A Casa Comum não suporta o modelo de vida capitalista de consumo exacerbado que os homens e mulheres se enquadraram. O Papa apresenta uma visão integradora da realidade refontalizando a experiência do ser humano a partir da obra da Criação e sua relação harmônica com o meio. Propõe-se uma conversão ecológica que garanta a sustentabilidade humana e ecológica.

potências, como no caso da Amazônia (84), ferida na dignidade de seus povos (85) e ameaçada de internacionalização (86).<sup>137</sup>

Os desafios de maior abrangência foram levantados em Aparecida de maneira superficial, como os demais temas assessórios que se apresentam como elementos para situar a realidade, revelando os rostos desfigurados da América Latina. Tais rostos como: os negros, indígenas, afro-americanos, a realidade da mulher, dos pobres, dos dependentes químicos. Outras realidades como a crise ética, o desemprego, a desestruturação da família, a crise política, a educação, a vivência da fé nas comunidades, a vida religiosa, a vida presbiteral, são temáticas transversais que tocam diretamente na realidade discipular e que não se vê expressividade na Conferência, apenas são citados.

Aparecida viu que a falta de presbíteros afeta a vida de fé e espiritualidade das comunidades, mas não passou de simples reconhecimento. A valorização dos leigos também foi outra referência importante para a renovação das estruturas eclesiais, mas a Conferência apenas detectou esse tema que já vem de outras Conferências, não deliberou nada a respeito de uma participação mais ativa dos leigos, e principalmente da mulher que é maioria nas comunidades.

Alguns desses temas/rostos que tiveram maior repercussão após Aparecida serão abordados em momento posterior no trabalho de forma crítica e prospectiva. O que podemos analisar é que a crise epocal afeta todas as bases e estruturas que se apresentavam como a verdade para o homem e a mulher. “O que até bem pouco tempo era tido como referências seguras, orientações determinantes para viver e conviver, se tornou insuficiente para responder às novas situações com seus desafios” (DGAE, n 20). A realidade ganha diversas nuances que podem ser apresentadas e suplantadas de forma rápida e sucessiva. A velocidade das informações e a necessidade do aprofundamento das bases da fé gera na Igreja o desafio de formar discípulos. Não é um desafio simples formar discípulos na complexidade da realidade.

A Conferência, ao olhar essa realidade desafiadora, preocupa-se em formar discípulos e discípulas responsáveis pela vida, pela família, nesta situação global de instabilidades. É claro que a globalização trouxe grandes benefícios para a humanidade, mas a crítica que o Documento de Aparecida não aprofunda é que esses mesmos benefícios contemplaram a poucos, aumentando as disparidades sociais já gritantes na América Latina. Se de um lado a globalização abre leques de interação com o mundo, por outro há o crescente desequilíbrio das estruturas que envolvem a justiça e a igualdade na participação dos bens.

---

<sup>137</sup> BRIGHENTI, 2007, p. 12.

A globalização transformou profundamente a organização econômica, as relações sociais, os modelos de vida e cultura, os estados e a política e acelerou enormemente mudanças [...]. Grandes massas de indivíduos são os perdedores desse processo. [...] os problemas da fome e da miséria no mundo não serão, como se propaga resolvidos simplesmente pelo mercado, pois ‘o mercado, por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social’ (109).<sup>138</sup>

Os bispos reunidos na Conferência perceberam que a realidade continental é repleta de possibilidades e desafios. Possibilidades que se tornam molas propulsoras para o crescimento da Igreja em sua Missão Continental, a partir da solidariedade e sensibilidade social que gera igualdade e vida digna, e desafios relacionados às grandes mudanças que experimentamos. “Temos recebido dons incalculáveis, que nos ajudam a olhar a realidade como discípulos missionários de Jesus Cristo” (DA, n. 20). Para Aparecida tudo é visto a partir de Jesus Cristo, que na força do Espírito, constitui discípulos e discípulas capazes de encabeçar uma conversão eclesial e pastoral que transforme as realidades e as comunidades em centros irradiadores de vida e esperança cristã. É um desafio lançado e que continua repercutindo na ação pastoral da Igreja, porém, interfaces podem ser analisadas.

### **3.3 Interfaces com a Conferência de Aparecida**

Um olhar crítico lançado sobre o discipulado em Aparecida pode revelar elementos que vão além da compreensão expositiva apresentada no texto oficial da Conferência. As interfaces da realidade contextual com os esquemas teóricos do discipulado, em Aparecida, ampliam a compreensão e a abrangência do evento, suas possibilidades e limites. O próprio conceito de discipulado visto a partir da análise das CEBs encontra uma significação que se espelha na dinâmica das primeiras comunidades de seguidores de Jesus, discípulos e discípulas. Antes de analisar a interface das comunidades de base com o discipulado, vejamos alguns limites de Aparecida, pois estes mesmos limites impossibilitam enxergar o discipulado como uma realidade em germe nas comunidades de base.

O Documento de Aparecida se constrói dentro de limites que a Conferência está sujeita<sup>139</sup>. Por outro lado, o Evento é momento dinâmico e vivo, é sopro do Espírito para a

---

<sup>138</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. O paradigma tecnocrático. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva. (Orgs.) *Cuidar da Casa Comum: Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si’*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 137.

<sup>139</sup> Como leitura indicativa fundamental para a compreensão dos limites que as Conferências estão sujeitas, veja-se: BRIGHENTI, Agenor. *Aparecida em Resumo: O Documento Oficial com referência*

Igreja latino-americana e marca na história eclesial a ação do Deus da história com sua metodologia própria capaz de sinalizar ao homem e a mulher de hoje seu projeto de vida e salvação, dignidade e libertação, o discipulado.

... As conclusões da V Conferência, tanto do documento final quanto da mensagem oficial, não devem ser lidas apenas como elaboração científica ou literária. Elas foram regadas pelas orações dos participantes e de todos os fiéis do Continente. Trazem a marca da ação de Deus, por Maria, que soube acolher e meditar toda a Palavra e Evento que lhe diziam respeito, dentro do grande projeto divino.<sup>140</sup>

A busca da colaboração episcopal e a descentralização para a autonomia e valorização das Igrejas Locais são fruto de genuínos esforços onde o episcopado latino-americano tem considerável contribuição. Desde o Vaticano II e as Conferências anteriores, a Igreja na América Latina e Caribe busca refletir a realidade eclesial de forma orgânica e pastoral para a melhor evangelização dos povos. “... A Igreja universal se realiza concretamente na Igreja particular; do mesmo modo o Concílio Vaticano II reconhece a colegialidade episcopal como importante para a vida eclesial...”<sup>141</sup>.

O CELAM surgiu como a articulação maior para a autonomia e reflexão dos problemas pastorais e das realidades eclesiais no Continente latino-americano. As Conferências episcopais assumem a realidade pastoral na tentativa de sentir com a Igreja para avançar no anúncio da Boa-Nova que é Jesus Cristo. Libânio esclarece sobre a natureza das Conferências Episcopais, já manifestando a crítica aos cerceamentos que as Conferências estão sujeitas. “As suas características a distanciam da forma dos antigos concílios regionais. Em vez de debater temas dogmáticos, diretamente ligados à formulação das verdades da fé, optou-se pela perspectiva eminentemente pastoral [...]”<sup>142</sup>.

As orientações que normatizam e dão a tonalidade para as Conferências Episcopais são as mais diversas e centram-se na tendência do controle romano por meio de seus organismos. “Juridicamente limitou a autonomia episcopal pelos atos decisórios desde a convocação até a aprovação [...]. Sugestões até de episcopados não puderam ser levadas à

---

às mudanças efetuadas no Documento Original. São Paulo: Paulinas, 2008. O Autor utiliza o recurso das notas de rodapé para fazer comparações do texto oficial com o texto original da Conferência de Aparecida, destacando que foram mais de duzentas e cinquenta mudanças para que sua oficialização fosse aceita pelas instâncias romanas.

<sup>140</sup> GRINGS, 2007, p. 32.

<sup>141</sup> MENEZES, Daniel Higino Lopes de. CEBs: do Vaticano II a Aparecida. In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio Ricardo; RODRIGUES, Solange (Orgs). *CEBs e os Desafios do Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 55.

<sup>142</sup> LIBANIO, 2007, p. 10.

frente por injunção romana, como foi o caso do ministério ordenado”<sup>143</sup>. De fato, a Conferência sofre um grande controle que vai desde os esquemas de organização, os conteúdos a serem trabalhados e até mesmo a temática principal. “Os bispos não têm autonomia para fazê-lo [...]. A presidência não só foi nomeada por Roma, como um dos presidentes pertencia à Cúria Romana...”<sup>144</sup>.

É possível ainda cogitar que quando se trata de uma Conferência Latino-Americana aí que os cerceamentos são mais evidentes, tendo em vista os conflitos precedentes em relação à maneira de fazer teologia no Continente e à prática eclesial de comunhão e participação. Continuando sobre a caracterização de uma Conferência Episcopal enfatizamos a distinção entre as Conferências e os Sínodos, marcando os limites das Conferências.

A Conferência Geral difere também dos Sínodos Continentais, criados por João Paulo II. Estes têm unicamente papel consultivo e terminam numa Exortação pós-sinodal, escrita não pelos bispos, mas pelo Papa, que aproveita, a seu entender, os subsídios oferecidos pelo sínodo. Traduzem o centralismo romano. As Conferências por sua vez não estão totalmente isentas dele. O Papa intervém nelas de várias formas. Ele as convoca, nomeia seu(s) presidente(s), além de outros membros. Todos os membros eleitos recebem dele o último aval. Envia vários membros da Cúria Romana para participar com todos os direitos. Orienta os trabalhos por meio de um discurso inaugural. E, por fim, o documento final é-lhe submetido à aprovação.<sup>145</sup>

A partir destes direcionamentos é que o CELAM<sup>146</sup> recebe a incumbência de dar continuidade e preparar todo o andamento da Conferência. A originalidade de Aparecida se dá, mesmo com os limites normativos, nos rumos que a reflexão toma no decorrer da preparação e no evento, pois, esta contata as bases eclesiais para buscar as inspirações e as experiências que a ortopraxis tem apresentado como sinais dos tempos para a caminhada de renovação da prática eclesial.

O método adotado é um elemento de fundamental importância para as Conferências. A metodologia adotada pelo Documento de Participação foi alvo de grandes críticas das bases eclesiais e teólogos latino-americanos. As críticas ao Documento de Participação vieram principalmente do Instituto Nacional de Pastoral da CNBB, pois, como na Conferência de Santo Domingo, em 1992, sinalizava o abandono do método ver-julgar-agir e a adoção de uma análise dedutiva da realidade para a V Conferência. “... partiu da sede de sentido de um

<sup>143</sup> *Ibidem.*, p. 109.

<sup>144</sup> *Ibidem.*, p. 109.

<sup>145</sup> *Ibidem.*, p. 10-11.

<sup>146</sup> O Documento de Aparecida (n.138) apresenta o CELAM “como um organismo eclesial de fraterna ajuda episcopal, cuja preocupação fundamental é colaborar para a evangelização do Continente”.

ser humano sem rosto, em busca da felicidade [...]. Afastou-se da metodologia da *Gaudium et Spes* e da tradição teológico-pastoral da América Latina...<sup>147</sup>.

O Documento de Participação e o Documento Síntese<sup>148</sup>, que precedem Aparecida revelam essas fontes múltiplas das realidades eclesiais dentro da mesma realidade Continental. Coube aos Bispos e todo o grupo de peritos a tarefa sábia de filtrar essas diversas informações e projetar em Aparecida o tom da Conferência para que ela falasse aos nossos dias, com linguagem e conteúdo que garantissem o dinamismo dos novos tempos para a evangelização e, principalmente, teologizasse a partir da realidade do Continente.

O Documento de Aparecida foi uma produção feita por muitas mãos e sob várias óticas eclesiais e pastorais. Logo após o término do evento muitas perspectivas foram lançadas, algumas alcançando reais espaços ao longo desses dez anos.

Não basta ter um bom documento. É preciso que os (as) católicos (as) o acolham bem, o entendam e se motivem para aplicá-lo [...]. No caso de Aparecida a recepção não será fácil, e por um duplo motivo. Por um lado, há um grande desconhecimento desse acontecimento eclesial; por outro, as autoridades da Igreja têm dificuldades para se comunicar com os fiéis ...<sup>149</sup>

O evento de Aparecida marcou, de fato, um novo momento para a realidade latino-americana, mas precisa ser analisado com critério e discernimento evangélico. Antes da escolha do tema norteador da V Conferência, “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que N’Ele nossos povos tenham vida”, a proposta do discipulado já se fazia presente nos debates e prática das Comunidades Eclesiais<sup>150</sup> influenciando as outras Conferências na busca de respostas a cada momento histórico da vida pastoral. “Os Presidentes das Conferências Nacionais da América Latina e do Caribe, em fevereiro de 2004, em Puebla, sugeriram o tema central do discipulado”<sup>151</sup>, mas as influências internas foram maiores.

---

<sup>147</sup> LIBANIO, 2007, p. 44.

<sup>148</sup> O Documento Síntese foi uma colaboração do CELAM na tentativa de filtrar os mais variados temas que poderiam diluir o efeito da Conferência para a centralidade do eixo-chave do discipulado. O texto propôs logo a inversão metodológica adotada no Documento de Participação, para o modo de leitura que se tradicionalizou na igreja latino-americana, método ver-julgar-agir, privilegiando os conteúdos a partir da realidade do Continente.

<sup>149</sup> GONZALEZ, Sérgio Torres. *A Missão da Igreja Católica: para que nossos povos nele tenham vida*. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosário (Orgs). *A Missão em debate: provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 7.

<sup>150</sup> Como fonte fundamental para aprofundar a temática do discipulado vivido a partir das pequenas Comunidades Eclesiais destacando a originalidade discipular pela busca da vida digna, da libertação das injustiças e das mais variadas formas de manipulação social existentes na atualidade, veja-se: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio Ricardo; RODRIGUES, Solange (Orgs). *CEBs e os Desafios do Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2012.

<sup>151</sup> LIBANIO, 2007, p. 42.

Cabe nesta etapa da pesquisa refletir se o discipulado já não era uma vivência na caminhada cristã de muitas lideranças, homens e mulheres, que formavam comunidades vivas e dinâmicas, com o perfil que Aparecida vislumbrou. Essas lideranças dinamizavam a vida da comunidade com a proposta do seguimento de Jesus à luz do Evangelho vivido na realidade do Continente. Reunidos em pequenas comunidades a fé era vivenciada na realidade gritante dos pobres que buscavam na Palavra de Deus e, principalmente nas ações de Jesus em favor dos pequenos, o consolo e a esperança para continuar lutando contra as injustiças.

Diante das adversidades históricas a Igreja latino-americana viveu tempos de profetismo e discipulado com a expressão forte das CEBs. Uma proposta de discipulado autêntica abraça em seu bojo a realidade da fé comprometida com atitudes práticas para a transformação social e a garantia da dignidade da vida humana e de todo o planeta. Conceituando as origens das Comunidades de base é possível perceber mais profundamente a caminhada histórica que o discipulado atravessou até Aparecida.

As comunidades eclesiais de base (CEBs) constituem uma das mais significativas experiências da Igreja Católica na América Latina. Elas surgiram num conjunto de iniciativas pastorais que repercutiram o Concílio Vaticano II em nosso continente. O Concílio apontava para três grandes desafios: a descolonização, pedindo que cada Igreja superasse o predomínio europeu e revelasse seu próprio rosto; a descentralização, pedindo que surgissem instâncias de comunhão e participação; e a desclericalização, que convocava o protagonismo dos leigos e leigas para a missão. Ao longo dos últimos 50 anos, as CEBs viveram esse sonho conciliar, através de “um novo modo de ser Igreja” gestado numa dinâmica que parte da proposta de uma Igreja Povo de Deus, congregando gente que se engaja no seguimento de Jesus para a missão evangelizadora.<sup>152</sup>

A originalidade do discipulado está na vivência do Evangelho da vida na realidade deste Continente marcado fortemente pela morte, a pobreza, a corrupção e a espoliação dos mais pequenos. Por outro lado, os sinais do ressuscitado foram a força para a esperança de uma Igreja samaritana, discipular e missionária. Se entendemos o discipulado como uma caminhada de encontro com Cristo, como destaca o Documento de Aparecida, para testemunhar e anunciar este encontro aos homens e mulheres de hoje, veremos que a vivência discipular é abrangente, universal e ecumênica.

As CEBs têm como referência teológica a prática de Jesus que foi ao encontro das pessoas, dos doentes, aflitos e dos que não tinham mais esperanças. A Igreja, como comunidade de seguidores e seguidoras, tem sua missão na missão de Jesus, por isso deve ser discípula de seu Mestre. “... a Igreja é a comunidade dos discípulos que professam a sua

---

<sup>152</sup> OROFINO, 2012, p. 5.



pertença ao Senhor pela prática do amor fraterno para com todos e do amor mútuo como sinal distintivo...”<sup>153</sup>.

O discipulado em Aparecida começa a acontecer no dinamismo da vida concreta quando a dignidade e libertação de “todo homem e do homem todo” são as prioridades do fazer humano e do modelo eclesial adotado. A referência fundamental para o desenvolvimento do discipulado deve ser a dignidade do homem que criado à imagem e semelhança de Deus é atraído para o Bem. Desta maneira, a principal referência do ser cristão autêntico, seguidor e seguidora de Jesus Cristo, será a abertura para o Reino da Vida que o Filho de Deus nos apresenta. Vida digna, fraterna, serviçal e comprometida com a dignidade integral do ser humano e do planeta, nossa “Casa Comum”. “... E, na promoção da vida, está também incluída a defesa e o cuidado com a ecologia, a biodiversidade – a obra da Criação...”<sup>154</sup>. Na reflexão de Oscar Beozzo, a realidade discipular das CEBs ganha notoriedade e fundamento de sua existência no desejo do Reino e na prática de Jesus como promoção do bem para a dignidade dos homens e mulheres chamados ao seguimento.

... As comunidades deitam suas raízes no próprio sonho de Jesus e de sua prática messiânica, no anúncio do Reino de Deus entre os homens e mulheres de seu tempo e na formação de um grupo de seguidoras e seguidores, de discípulos e discípulas, de apóstolos e apóstolas. O sonho e a prática de Jesus foram sendo levados adiante pelas comunidades nascidas da boa notícia do evangelho e da prática de Jesus, de sua morte e ressurreição e da missão dada aos seus discípulos e discípulas: “Vão, portanto, e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos...” (Mt 28, 19).<sup>155</sup>

A realidade é que, de Medellín até Aparecida, as CEBs foram perdendo forças e sendo confundidas em sua legitimidade discipular e eclesial. Os excessos também geraram desconfianças por parte de Roma que começa, então, uma nova estratégia para minar as forças do movimento. “As nomeações episcopais compõem o pacote de medidas da cúria romana. Escolheram-se bispos dentro do programa de restauração e afirmação da identidade católica. Estes se tornaram ‘embaixadores’ do Vaticano, fiscalizadores dos possíveis desvios...”<sup>156</sup>. Diferentes posturas do episcopado são percebidas nos documentos do Magistério e nas Conferências. Alguns bispos latino-americanos desenvolveram uma espécie de repulsa às

<sup>153</sup> PANAZZOLO, 2011, p. 94.

<sup>154</sup> BRIGHENTI, 2007, p. 17.

<sup>155</sup> BEOZZO, Oscar José. As CEBs e seus desafios hoje: um olhar sobre a conjuntura e a história. In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio Ricardo; RODRIGUES, Solange (Orgs). *CEBs e os Desafios do Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 11.

<sup>156</sup> MENEZES, Daniel Higino Lopes de. CEBs: do Vaticano II a Aparecida. In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio Ricardo; RODRIGUES, Solange (Orgs). *CEBs e os Desafios do Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 43.

comunidades de base, pois estigmatizou-se que elas estariam trilhando um caminho de antieclesialidade. “No documento, transparece não haver entendimento total sobre as CEBs no conjunto do episcopado, sem contar os cortes feitos posteriormente à aprovação dos bispos da América Latina em seu texto final”<sup>157</sup>.

As CEBs ofereceram uma reflexão atualizada do contexto vivencial das comunidades, uma busca dos critérios evangélicos autênticos de vida e dignidade, da fé inculturada nas expressões do povo latino-americano, isso é discipulado. “... Não são os modelos das comunidades primitivas que devem ser repetidos ou tomados ao pé da letra, mas os critérios evangélicos, a fé, o testemunho de vida...”<sup>158</sup>. No entanto, o Magistério da Igreja, a partir de Puebla, começou a olhar para as CEBs como espaço espinhoso e ameaçador da pertença eclesial. Os cerceamentos das Conferências são semelhantes às restrições que as comunidades foram recebendo para estarem em comunhão eclesial e terem seu sentido de ser para a evangelização. Cerceamentos que emperraram a vivência discipular no tocante ao profetismo e à busca da transformação social, levando a reflexão da teologia discipular para o âmbito da missão evangelizadora das comunidades.

As Comunidades Eclesiais de Base, diz Paulo VI, ‘hão de ser destinatárias especiais da evangelização e ao mesmo tempo evangelizadoras’. ‘Essas comunidades diferem bastante entre si, mesmo dentro da mesma região e, mais ainda, de uma região para outra’. São CEBs as que se reúnem em Igreja, para se unir à Igreja e para fazer aumentar a Igreja. Essas sim são comunidades, lugar de evangelização, para benefício das comunidades mais amplas, especialmente das igrejas particulares, e serão uma esperança para a Igreja universal (cf. EN 58).<sup>159</sup>

Aparecida chama a todos para serem discípulos missionários. Se o discipulado é apresentado como o seguimento do Mestre em suas atitudes, ações e destinos, é preciso que a estrutura eclesial piramidal da Igreja seja repensada. O poder na Igreja é o serviço aos irmãos e irmãs, à medida do serviçal, Jesus Cristo. O discipulado é para o serviço da vida não para a autopreservação eclesial. Jesus mesmo deu o exemplo de lavar os pés dos discípulos, para que os discípulos aprendessem a servir à humanidade sofrida e espoliada.

O testemunho em defesa da vida é a atitude dos que fizeram a experiência do encontro genuíno com Jesus Cristo, caminho, verdade e vida. Quando olhamos para todos como discípulos, seguidores e seguidoras, nos colocamos todos na ótica do Vaticano II que alerta para a vocação universal do homem e da mulher à santidade, ao serviço e ao amor que é

<sup>157</sup> MENEZES, *op. cit.*, p. 31.

<sup>158</sup> PANAZZOLO, 2011, p. 94.

<sup>159</sup> PANAZZOLO, 2011, p. 118.

caridade fraterna. Ao repensar a necessidade desta virada serviçal para a Igreja e suas estruturas é de fundamental importância para nossos dias revisitar Aparecida, pois os gestos, a leveza do encontro, deve favorecer a evangelização e não emperrar o processo de acolhida dos que estão adormecidos na fé. A conversão ao modelo de vida de Jesus é decisiva para que o discipulado encontre sua real identidade nas tensões que a história e a vida abarcam.

Nesse caminho os discípulos e discípulas são chamados à conversão, à mudança de mentalidade, à romper com ideologia dos dominantes que impede a possibilidade da vida. São convidados a romper com a falsa imagem do messias (Mc 8, 27-33), a assumir a conflitividade da vida (Mc 8, 34-38), a caminhar com fé na ambiguidade da história (Mc 9, 2-13), a viver a fraternidade (Mc 9, 33-37); a discernir com quem fazer alianças (Mc 9, 38-40) [...] a denunciar a idolatria do dinheiro (Mc 10, 17-27), a compreender o poder como serviço aos irmãos e irmãs (Mc 10, 35-45).<sup>160</sup>

A Igreja não tem a obrigação de resolver todos os problemas sociais que existem no mundo. Ela como obediente ao seu Senhor busca oferecer luzes transfiguradoras que apontam o Evangelho como a vida para os fiéis. O que devemos repensar quando pesquisamos sobre o discipulado em Aparecida é o próprio papel da Igreja de ser sempre reformada, sempre nova, sem deixar o mandato essencial dado pelo Mestre que é fundamental para a categoria de missão como semeadora da vida, e não de proselitismo fundamentalista. Qual é realmente o discipulado que Aparecida deseja projetar no Continente? O discipulado para o eclesiocentrismo? Ou o discipulado para apresentar aos homens e mulheres a proposta da Vida do Pai manifesta em Jesus Cristo como vida e dignidade para todos?

Na profundidade de Aparecida podemos notar que para buscar a razão de ser da Igreja e dos discípulos e discípulas nos dias de hoje, é preciso que a prática da ética cristã voltada para a dignidade do ser humano, a caridade com os mais pobres e excluídos, e o cuidado com a Casa Comum seja a marca dos discípulos. O sentido do ser discípulo é redescoberto no encontro com Cristo e no encontro com o outro, o próximo, a natureza e o mundo.

### **3.4 O Discipulado *a partir de Aparecida***

A teologia discipular a partir de Aparecida assume características que necessitam da reflexão e da crítica para que sua abrangência seja interpretada de forma condizente com a realidade dos últimos anos, não gerando confusões, mas distinções. O eclesiocentrismo, o

---

<sup>160</sup> FERRARO, Benedito. O discipulado como seguimento do Jesus histórico. In: AMERÍNDIA (Org.). *V Conferência de Aparecida: renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 99.

clericalismo, o cristomonismo, o pentecostalismo, o culturalismo, o biocentrismo, o pastoralismo, tantos “ismos” podem influenciar a caminhada discipular na Igreja e confundir as reais motivações do discipulado a partir de Aparecida.

O balanço hermenêutico do discipulado na atualidade é fecundo de possibilidades para compreendermos a realidade eclesial na qual nos encontramos. As críticas que começam a questionar a eclesialidade do discipulado a partir de Aparecida podem oferecer um real esforço para a renovação eclesial e pastoral desejadas pela tradição latino-americana. A análise do discipulado a partir do evento episcopal recebe críticas já desde a metodologia utilizada no discurso inaugural do Papa.

A categoria do discipulado foi ganhando corpo e identidade no decorrer da Conferência e no pós-conferência, na acolhida criativa do documento pelas bases eclesiais. O que se destaca inicialmente como crítica delineia-se a partir do discurso inaugural do Papa Bento XVI. Seu discurso deu a tonalidade da ênfase no discipulado para a missionariedade e marcou profundamente um novo processo na evangelização para a América Latina. Mas que tipo de discipulado apresentou e defendeu o Sumo Pontífice? Segundo Libanio o discurso do Papa foi em tom conciliador e não revelou nenhuma novidade especial, mas na forma metodológica de apresentar sua mensagem a tradição latino-americana foi negligenciada.

Quanto ao tipo de abordagem, em vez de partir da realidade latino-americana, que talvez lhe fosse desconhecida de maneira vivencial e acessível somente por relatórios, preferiu perguntar-se que verdade fundamental a Igreja da América Latina deve transmitir. Elaborou o conteúdo básico e depois olhou para o mundo ao qual ele se destinava. A leitura do mundo teve alguns traços latino-americanos, mas refletiu antes a crise atual da cultura moderna. Fez uma leitura que partiu da transcendência para a imanência e não vice-versa, como é a metodologia preferente da Igreja latino-americana.<sup>161</sup>

O caminho da Conferência de Aparecida já começa com esse impasse metodológico que refletirá na construção do documento e na teologia do discipulado ligado necessariamente à missionariedade. Um aspecto de grande tensão na construção discipular do pós-Aparecida revela como a originária identidade discipular, proposta pelo Vaticano II e pela Conferência de Medellín, foi sendo mesclada ideologicamente pelo desejo de manutenção eclesial, ou eclesiocentrismo. Mesmo antes do evento, na construção do Documento de Participação<sup>162</sup> e

<sup>161</sup> LIBANIO, 2007, p. 75.

<sup>162</sup> O Documento de Participação faz parte da coleção “Rumo à V Conferência”, apresentado pelo CELAM a todas as Conferências Episcopais da América Latina e Caribe para aprofundamento nas igrejas particulares. Como o nome já refere, busca a participação de todos os setores eclesiais no processo de preparação da Conferência. Veja-se: CELAM. *Documento de Participação: Rumo à V*

do Documento Síntese<sup>163</sup>, para o trabalho na Conferência, são fracas as indicações da tonalidade discipular como busca da originalidade do ser cristão comprometido com a vida e a dignidade. Encontramos essas pérolas preciosas que resguardam o discipulado como as CEBs projetara. “... os discípulos de Jesus Cristo são chamados a viver e a propor outro caminho: o da dignidade humana e da liberdade, da participação, da solidariedade e da austeridade de vida, da gratuidade e do serviço aos outros...” (Documento de Participação, n. 88).

O Documento de Participação aprofunda traços fortes da tradição latino-americana e de sua própria realidade sócio-político-religiosa, mas como um mosaico leva a reflexão para o lado existencial da vida sem tocar no chão da realidade do Continente, desviando o foco central. “...A preocupação missionária se concentra no fato do êxodo dos católicos em vez de questionar a qualidade da presença da Igreja na sociedade [...]. O Documento de Participação insere-se no gradativo distanciamento da legítima e original tradição latino-americana ...”<sup>164</sup>.

O que chama a atenção é que a compreensão de discipulado vai sendo forjada, em muitos momentos, dando mais destaque para a autopreservação eclesial do que para uma real ação evangelizadora integral, profética, ecumênica e acolhedora dos mais pobres e excluídos como fez Jesus. “Evangelizar não é ter como preocupação primeira trazer as pessoas para dentro da Igreja (eclesiocentrismo), mas incorporá-las a obra do Reino de vida, para que todos tenham vida em abundância, independente de raça ou credo”<sup>165</sup>. É preciso um olhar perspicaz para vislumbrar as influências do conservadorismo eclesial presente na teologia formulada a partir de Aparecida. “...dentro da Igreja se processou uma virada para certa interiorização e clericalização em detrimento da opção pelos pobres e do compromisso social [...], nítido neoconservadorismo”<sup>166</sup>.

Uma vez mais tem-se a impressão de que Aparecida está, diretamente, mais preocupada com os aspectos intra-eclesiais do que com a realidade social, econômica e cultural de nossos povos. Para Aparecida, a América Latina e o Caribe são, antes de mais nada, um continente cristão e católico, cuja fé é preciso defender, embora se deva ter presente que é um continente pobre.

---

Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

<sup>163</sup> O Documento Síntese faz parte do segundo momento de preparação da Conferência de Aparecida. É resultado de um intenso trabalho de reflexão. “Foram recebidas as contribuições de 21 Conferências Episcopais da região, dos Departamentos do CELAM, de alguns Dicastérios romanos, de organismos e acontecimentos continentais [...] mais de 2.400 páginas” (2007, p. 6). Veja-se: CELAM. *Síntese das Contribuições recebidas: V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

<sup>164</sup> LIBANIO, João Batista. A Caminho da V Conferência de Aparecida. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 38, n. 105, Mai./Ago. 2006, p. 189.

<sup>165</sup> BRIGHENTI, 2007, p. 17.

<sup>166</sup> LIBANIO, *op. cit.*, p. 188.

Por outro lado, a tradição latino-americana libertadora, a América Latina é, antes de mais nada, um continente pobre que é crente.<sup>167</sup>

A situação de êxodo dos católicos para outras denominações religiosas e o crescente ateísmo militante possibilitou o desenvolvimento da ideologia eclesial onde o sentimento de pertença e a necessidade da validação institucional toma a dianteira na formação dos agentes de pastoral, na catequese e na vida das comunidades chegando ao perigoso fundamentalismo religioso. “...A meta da Missão Continental refletiu a motivação de recuperar os católicos egressos e de fazer aparecer a visibilidade do catolicismo pela via midiática...”<sup>168</sup>. Essa postura da teologia discipular surgida a partir de Aparecida é questionada atualmente. Se o discipulado a partir de Aparecida tem sua principal razão de ser na ideologia de autopreservação eclesial, para reprimir o avanço do protestantismo nas formas difusas do pentecostalismo e neopentecostalismo, bem como de outras religiões e seitas, é possível que a Igreja latino-americana tenha retrocedido em vários pontos da pastoral e dos princípios em torno da defesa da vida e dignidade humana que a Conferência de Aparecida forjou para a eclesialidade discipular de comunhão e participação.

O maior risco de tal proposta consiste em encobrir a raiz principal do problema da descatholicização que não está na cultura moderna, nem mesmo na tibieza do fiel, mas na estrutura ministerial e jurídica da Igreja. Suporta-a uma teologia que não se questiona, mas que se impõe sobre a proteção da fidelidade ao Magistério. O Concílio Vaticano II tinha começado a tocar nessa chaga, mas não teve condições naqueles tempos de ir mais longe. Permaneceu no duplo nível da concepção de Igreja como Povo de Deus – sua base laical- e no da colegialidade episcopal. No entanto, apenas institucionalizou tais instituições, que até hoje permanecem no nível da razão teórica e não descenderam à concretização prática.<sup>169</sup>

A visão eclesiocêntrica, que gera proselitismo religioso, enfraquece a compreensão da teologia discipular sob a categoria de Povo de Deus. Se por um lado estimula a identidade discipular dos fiéis para a missão de levar a vida que Jesus ofereceu, dignidade, esperança e libertação, por outro, pode-se cair no círculo da alienação doutrinária, desconsiderando os caminhos trilhados, a duras penas, no Continente da Esperança. “Para Aparecida, de acordo com o Evangelho da vida em Jesus Cristo, revelação do plano do Pai para toda a Criação, o “ponto de chegada” da missão não é a Igreja...”<sup>170</sup>. A teologia do discipulado a partir de

---

<sup>167</sup>CODINA, Vítor. A Eclesiologia de Aparecida. In: AMERÍNDIA (Org.). *V Conferência de Aparecida: renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 116.

<sup>168</sup> LIBANIO, 2007, p. 45.

<sup>169</sup> LIBANIO, 2007, p. 130.

<sup>170</sup> BRIGHENTI, 2007, p. 17

Aparecida caminha sob uma linha tênue entre o anúncio do Reino da vida do Pai que Jesus apresentou e a centralidade eclesial católica como uma forma apologética de preservação da fé e sua majoritariedade na América Latina e Caribe.

...Aparecida atribui às diversas comunidades cristãs (de base, pequenas comunidades, paróquias etc.), que devem ser a matriz que inicie, evangelize, forme, alimente a fé e faça discípulos e missionários. Por outro lado, embora Aparecida afirme que discípulos e missionários são os dois lados de uma mesma medalha e que a formação se orienta para a missão, convém esclarecer em que consiste essa missão. Do contrário, pode acontecer que essa formação só tenha uma finalidade apologética, como insinua o Documento de Aparecida, uma formação para defender a fé dos católicos, para que eles não abandonem a Igreja Católica e não passem para outros grupos religiosos.<sup>171</sup>

A tendência ao eclesiocentrismo não conseguiu prender a ação do espírito de Aparecida que vislumbrou a renovação das estruturas eclesiais e pastorais. Quando a visão centralista da Igreja como fim é transfigurada pelo convive para experimentar a vida de Deus que é justiça e dignidade, caridade e fraternidade em Jesus, para o bem dos mais sofridos, estamos frente a um projeto discipular. Neste sentido, cabe a originalidade do mandato discipular: “Ide; pois de todas as nações fazei discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt, 28, 19).

O desdobramento da teologia discipular para o objetivo teleológico do Reino de Deus, como ponto de chegada para a vida dos homens e mulheres do Continente, conduziu as Conferências para o desenvolvimento de prioridades pastorais que abarcassem o todo da vida humana, sua história e identidade. “A pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos sócio-culturais bem concretos...” (DA, n. 367). Assim, duas visões, *ad intra* e *ad extra* eclesial podem ser analisadas como desdobramento central da teologia discipular a partir de Aparecida.

A primeira e de maior destaque nesta hermenêutica é a renovação eclesial dos organismos pastorais. Como um momento decisivo de olhar para dentro, a Igreja percebe a real necessidade de novas perspectivas em relação à renovação eclesiológica. O desejo de renovação eclesial bebe nas fontes do Vaticano II fazendo uma virada copernicana na vida da Igreja, colocando o poder como serviço e a ministerialidade como marca para as mudanças necessárias no paradigma eclesial. “A Igreja é comunhão no amor. Esta é sua essência e o sinal através do qual é chamada a ser reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade. O novo mandamento é o que une os discípulos entre si...” (DA, n. 161).

---

<sup>171</sup>CODINA, Vítor. A Eclesiologia de Aparecida. In: AMERÍNDIA (Org.). *V Conferência de Aparecida: renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 114.

O Documento de Aparecida valoriza o protagonismo dos leigos e em especial da mulher na Igreja<sup>172</sup>, mesmo não deliberando aberturas maiores. Essas foram abordagens já vistas em outras Conferências, mas nada de mais significativo foi realizado. Os bispos também convocam as dioceses, paróquias e organismos, bem como todas as forças vivas da pastoral da Igreja, Bispos, padres, religiosos e religiosas, leigos e leigas, para transformar os lugares intra-eclesiais pesados e excessivamente burocráticos em lugares da formação discipular. “... Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DA, n. 365). A conversão pessoal e comunitária, em Aparecida, apresenta-se como passo necessário para a transformação das estruturas. “A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida...” (DA, n. 366).

A Igreja no Brasil através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, lançou o documento de estudo 104, “Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia” buscando recuperar as bases da comunidade cristã para que a conversão pessoal e pastoral seja levada a cabo. Mesmo assim, continua sendo um desafio transformar as estruturas quando a mentalidade pastoral ainda é de manutenção eclesial. A conversão pastoral das paróquias<sup>173</sup> como comunidade de comunidades continua como um chamado urgente a partir de Aparecida.

Há paróquias que não assumiram a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II e continuam a concentrar suas atividades na liturgia sacramental e nas devoções. Falta-lhes um plano pastoral e sua evangelização se reduz à catequese para as crianças, restrita à instrução a fé, sem uma autêntica iniciação cristã... (Estudos da CNBB 104, n. 91).

Uma possibilidade de aplicação prática para a mudança de mentalidade que ganhou destaque nos últimos anos foi a catequese de inspiração catecumenal. Este projeto evangelizador, suscitado em Aparecida, cresceu no intuito de formar discípulos que evangelizam pelo modo de ser cristão, pela prática de valores relacionados com a vida e a

---

<sup>172</sup> Vale a leitura indicativa dos números do Documento de Aparecida em relação às mulheres (48, 49, 275, 266) e a valorização dos leigos (174, 209, 212, 213, 214, 215). A importância dos leigos e leigas é mostrada, refletida e apontada como necessária para a Missão Continental, mas não se toca nos pontos nevrálgicos da plena participação dos leigos e leigas na vida e nas decisões da Igreja.

<sup>173</sup>Para maior aprofundamento da renovação paroquial a partir de Aparecida, veja-se: PEREIRA, José Carlos. *Paróquia Missionária à luz do Documento de Aparecida – Procedimentos Fundamentais*. Brasília: CNBB, 2012. O autor apresenta, no espírito de Aparecida, o para onde a Igreja quer caminhar e o como fazer para chegar à renovação pastoral e estrutural das paróquias. O modelo das primeiras comunidades apresenta-se como essencial para o diálogo com a realidade plural e complexa que se tornou a instituição paroquial.



dignidade de todos os seres. É um projeto inovador que tem surtido efeito nas paróquias, conseguindo, aos poucos, ir formando discípulos e discípulas no caminho de uma catequese cristocêntrica, bíblica, mistagógica e comprometida com a realidade.

O comprometimento com a comunidade de fé, com a vivência comunitária da Palavra de Deus, com a Eucaristia partilhada, leva a marca da solidariedade com os irmãos e irmãs mais pobres. “É necessário desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação à vida cristã que conduza ao encontro pessoal com Jesus Cristo [...] na experiência comunitária e no compromisso apostólico, mediante um permanente serviço ao próximo” (DGAE, n.83). A catequese neste modelo é discipular, promovida não em preparação aos sacramentos como fim da caminhada, mas tem a vida cristã como o centro irradiador da pertença à comunidade eclesial e sua identidade.

A segunda dimensão que parte de Aparecida e que ganha destaque na atual conjuntura da teologia do discipulado é a compreensão do cuidado com a Casa Comum. O discípulo é alguém que fez a experiência com o Mestre da vida, Jesus Cristo, e por isso sabe olhar para a vida com carinho e encantamento. Defende a vida desde sua origem até a morte natural e consegue fazer uma leitura real da situação de devastação, com ou sob a qual sofre a obra da criação, sabe olhar para fora da Igreja com olhares de compaixão, para os que sofrem por falta de alimento, justiça e bens. O discípulo de Cristo olha também para o planeta que sofre as consequências de um estilo de vida que entende a criação como bem de consumo a ser transformado em mercadoria na lógica do capital.

A contribuição do Papa Francisco<sup>174</sup> com a Encíclica *Laudato Si'* foi de fundamental importância para que este aspecto do Documento de Aparecida ganhasse abrangência global. Analisar o modo como a Igreja projeta-se no mundo a partir de sua ação evangelizadora requer uma teologia discipular que seja comprometida com a realidade que a envolve. Não há teologia legítima se a realidade humana e ecológica não se correlacionar com as perspectivas do projeto divino. Esses dois vértices conduzem para um projeto ainda maior na América Latina: a Missão Continental. Esse esquema teórico da teologia discipular se plenifica com o eixo central da vida de Jesus para a vida dos povos. O conteúdo formativo para o discípulo é a Palavra-Pessoa, Jesus Cristo, enviado do Pai para comunicar a vida.

---

<sup>174</sup> O arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, agora Papa Francisco, foi um dos responsáveis pela equipe de redação do Documento de Aparecida. É possível perceber que a sensibilidade de Francisco se encontra em vários momentos do texto final da Conferência e reflete-se hoje em seu magistério: na Carta Encíclica *Lumen Fidei* (2013); na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) e na Encíclica *Laudato Si'* (2015) onde apresenta elementos que Aparecida havia levantado, valorizando os escritos episcopais latinos das outras Conferências.

Assim, Aparecida, com uma verdadeira intuição profética, nos lança sua grande proposta e programa pastoral, como um apelo a ‘ser’, a voltar e renovar o evento fundante de nossa identidade cristã e eclesial, a ‘partir de Cristo’, lembrando a todos os cristãos que, em virtude de nosso batismo, estamos chamados a ser e fazer discípulos...<sup>175</sup>

A partir da Vida que Jesus oferece aos discípulos e discípulas, a realidade Continental ganha um dado profético para a transformação. A Boa Nova oferecida em Jesus lança sementes de esperança no chão da realidade. A conversão pastoral e ecológica para a Missão Continental são dois grandes eixos da teologia discipular a partir de Aparecida que chama os cristãos para a interrelação da fé com a vida. Os eixos de renovação *ad intra* e *ad extra* eclesial desdobram-se em ações urgentes de cuidado com a vida integral, a dignidade humana e ecológica.

### 3.5 Desafios que o Documento de Aparecida não viu

A realidade vislumbrada *a partir de* Aparecida compõe uma tessitura complexa para ser analisada hermeneuticamente. Diante de tantos temas apresentados, mas não aprofundados com a real necessidade e urgência *em Aparecida*, precisamos de critérios de análise que compartilhe elementos comuns na direção do eixo central do escrito. A vida que Jesus Cristo nos comunicou torna-se o elemento referencial da teologia discipular que norteia a reflexão teológica diante da realidade eclesial. A vida e a dignidade para a humanidade são os critérios do discipulado a partir das origens evangélicas. Com os critérios de análise hermenêutica apresentados é possível analisar nas entrelinhas o que o Documento de Aparecida “não viu”, não somente no sentido de não estar abarcado no texto, mas na maneira simplória de como os temas vitais são apresentados e pouco refletidos, ou mesmo deixando-se de lado temáticas espinhosas que são realidade no Continente.

O Documento Final buscou envolver o todo da realidade à luz da fé, com seus dinamismos e problemáticas. Como já apresentamos em outros momentos da pesquisa podemos perceber agora o fio condutor da vida que percorre toda a construção textual e suas motivações dentro da perspectiva de *aggionamento* da realidade eclesial e pastoral para a promoção da vida e dignidade de todos. Por isso, a opção de abordar o discipulado *a partir de* Aparecida, como resgate do essencial do ser discípulo, já mostra como o discipulado *em* Aparecida encontra divergências de posição eclesial e pastoral, optando em apresentar um documento harmonioso e consensual.

---

<sup>175</sup> VALDERRAMA, 2008, p. 24.

O método da redação e a natureza do discurso condiciona altamente o texto. Nesse sentido, a chave de leitura mais importante nos vem da natureza do discurso. Buscou-se construir um discurso consensual. Entre tantas pessoas de horizontes culturais e teológicos diferentes, de práticas pastorais plurais, tal tipo de discurso obriga a um nivelamento e polimento do texto a ponto de o tornar genérico, abstrato, idealizado, e calçado pela única autoridade comum a eles todos, o Romano Pontífice...<sup>176</sup>

A Conferência de Aparecida, com suas limitações normativas e tendência eclesiocêntrica subentendida, não consegue avançar na reflexão e nas atribuições práticas quanto ao discipulado, deixando de lado as reais necessidades que a vida pastoral apresenta. Diante da multiplicidade de visões eclesiológicas que se traduzem em maneiras de ser e fazer pastoral a visão do Pontífice é a que sobressai. “Não se estranhe então por que se cita tantas vezes o Papa. A maneira mais fácil de alguém fazer prevalecer a própria ideia consiste, nos documentos eclesiais, em colher no florilégio pontifício alguma frase que lhe convenha...”<sup>177</sup>.

Um grande desafio é avançar na autonomia das Conferências. “...deve ser valorizado o elemento local e regional em detrimento da burocracia central, levando ao aumento da colegialidade e da solidariedade...”<sup>178</sup>. Em unidade com a Igreja Universal a Igreja na América Latina pode trilhar seu caminho teológico e pastoral original para que a realidade local seja lastro para a mudança de paradigmas e ambiente propício ao surgimento de propostas pastorais que venham ao encontro de novas linguagens, métodos e, principalmente, do testemunho dos discípulos que comunicam a Palavra com a vida nos mais distantes rincões e realidades sofridas do Continente.

A teologia da Libertação, que comunga dos princípios da vida e da dignidade para todos, foi adjetivada na Conferência de Aparecida, perdendo seu rosto original. A teologia surgida a partir da experiência da Palavra em contato com a real situação do Povo de Deus, neste chão latino-americano, foi suplantada pelo ideal de centrismo eclesial. Continua sendo um desafio para a América Latina reconstruir sua identidade teológica e pastoral, refundando as origens do pensamento teológico forjado com os pés no chão da realidade e em coesão da fé e com a vida. “Outro sinal de tal limite manifestou-se no silêncio total a respeito da teologia da libertação. Ela não é sequer mencionada no texto. E o termo libertação é usado poucas vezes e com outras conotações, diferentes da tradição teológica latino-americana...”<sup>179</sup>.

---

<sup>176</sup> LIBANIO, 2007, p. 105.

<sup>177</sup> LIBANIO, 2007, p. 105.

<sup>178</sup> SPADARO, Antonio. *A Proposta do Papa Francisco: o futuro rosto da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 54.

<sup>179</sup> LIBANIO, *op. cit.*, p. 110.

Quando refletimos sobre o que “Aparecida viu”, sintetizamos algumas dificuldades em relação ao discipulado no presente contexto de globalização. A Conferência analisou a realidade latino-americana a partir do fenômeno da globalização e suas interrelações com a vida discipular e eclesial. Positivamente o documento busca fazer uma globalização diferente para o Continente da Esperança: é a globalização da solidariedade, tornando-o o Continente do amor. É uma linguagem poética e preta de esperança, capaz de motivar os corações evangelizados, mas não consegue falar aos distantes, aos descrentes, deixando as reais chagas da América Latina, às ameaças à vida e dignidade dos povos, na sala de espera da ação discipular, da renovação eclesial e pastoral.

... Motivar pede linguagem ‘otimal’, utópica, idealista. Pinta-se o horizonte com cores bonitas para que as pessoas caminhem em direção a ele. Pertence antes ao sonho que à realidade, ao desejável que o factível, ao entusiasmo que ao cálculo...<sup>180</sup>

Os desafios analisados hoje são oriundos das mesmas dificuldades que o processo conciliar apresentou. As divergências e convergências no interior do Concílio Vaticano II são as mesmas convergências e divergências que atualmente ganham notoriedade *em e a partir de* Aparecida. Os conflitos de hermenêutica são persistentes, pois, “...aprovaram uma orientação que não podiam compreender a fundo nem assimilar de forma vital...”<sup>181</sup>. Isso reflete que Aparecida não foi propriamente um “novo Pentecostes”, mas uma tentativa de falar a mesma língua de forma que agradasse a todos. A partir daí surgem várias tendências hermenêuticas que colocam em risco a originalidade discipular, que é o serviço à vida plena para todos.

Na América Latina a vida é ameaçada de todas as formas. A vida humana, a natureza, as relações intersubjetivas tornaram-se, segundo a onda pós-moderna, produtos de comércio. A centralidade do modelo econômico em detrimento da dignidade da pessoa e do meio ambiente revelam a profundidade da mudança de paradigmas em avançado processo no Continente. “O gênero humano nunca dispôs de tantas riquezas, possibilidades e poder econômico. No entanto ainda uma parte considerável dos habitantes da terra padece fome e miséria e inúmeros são analfabetos...” (GS, n. 4).

A virada antropocêntrica e tecnocêntrica fizeram do homem um “robô” consumidor que se desvincula de qualquer sistema religioso comunitário. A partilha dos bens, da vida e da dignidade, marca dos direitos inalienáveis do ser humano, são valores em processo de extinção que afetam a humanização, o sentido antropológico do viver em comunidade. A

<sup>180</sup> LIBANIO, 2007, p. 106.

<sup>181</sup> QUEIRUGA, 2015, p. 18.

Conferência de Aparecida na tentativa de compreender a real situação eclesial do Continente avaliou as mudanças culturais profundas, acontecidas nos últimos anos, apontando a globalização como ponto de partida. Isso é questionável, pois, a globalização tornou-se uma expressão do idealismo econômico de manipulação do poder, do mercado e das comunicações, traduzido na hegemonia das ricas nações em detrimento dos pobres que não gozam dos mesmos benefícios da cultura, da ciência e da técnica e suas inferências na saúde, educação, oportunidade de trabalho.

Aparecida não aprofundou as reais causas das injustiças socioambientais que geram exclusão. “...o desenvolvimento tecnológico se faz exclusivamente em função da maximização dos ganhos sem preocupação com [...] uma melhor distribuição da riqueza, um cuidado responsável do meio ambiente ou os direitos das gerações futuras”<sup>182</sup>.

Na verdade, a mudança cultural não se entende pelo simples fato da globalização, como o documento parece supor, mas pelo poder econômico que a maneja e marca a cultura atual em profundidade. Para a realidade pastoral de nossa Igreja, tais acuidades teóricas não têm importância, desde que não se navegue na ingenuidade de imaginar mudanças culturais profundas sem tocar as estruturas econômicas do sistema neoliberal capitalista. Quem os detém? Grandes capitais que se apresentam invencíveis. Sem enfrentar a transformação econômica, toda outra mudança sofre de idealismo e ilusão alienante.<sup>183</sup>

A abordagem da realidade que o Documento de Aparecida apresenta coloca em evidência o desafio metodológico. Na Conferência os bispos reunidos discutem a mudança de paradigma eclesial e pastoral. Nos escritos os bispos projetam o abandono da mera conservação de estruturas eclesiais para a adoção de instrumentais articuladores que movimentem a vida da Diocese, da paróquia e dos demais organismos pastorais. Neste sentido o discipulado é vivido em comunidade fazendo um resgate positivo e necessário da vida comunitária como lugar da vivência cristã. “Não pode existir vida cristã fora da comunidade...” (DA, n. 278). Assim, a paróquia, como comunidade de comunidades foi chamada, a partir de Aparecida, a ser o lugar da vivência de pessoas que acolhem, vivem e anunciam a experiência do encontro com Cristo. Com um olhar crítico a esse ideal de Aparecida parece fácil tornar leve uma instituição que se tornou pesada, jurídica e burocrática como a paróquia.

---

<sup>182</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. O paradigma tecnocrático. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva. (Orgs.) *Cuidar da Casa Comum*: Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 136.

<sup>183</sup> LIBANIO, 2007, p. 103.

A realidade é que a Conferência impulsionou transformações onde não havia espaço para elas factualmente. Vislumbraram uma realidade que marcaria a mudança de paradigmas para a nova eclesiologia discipular na conversão pastoral. As afirmações de Aparecida ficaram contidas nas mais poéticas formas do desejo de uma Igreja que se renova sempre, pois a estrutura pesada e arcaica mantida nas mentes e práticas pastorais de bispos, padres, diáconos, religiosos e religiosas, bem como dos leigos que assim foram doutrinados, continua sendo o desafio da conversão pastoral.

Aparecida aponta para um rumo, mas a realidade eclesial caminha para outro. A mentalidade de conservação das estruturas não abre espaço para a autocrítica eclesial, muito menos para a avaliação da práxis pastoral, no sentido de repensar as questões vitais da ação evangelizadora. A autopreservação a partir de rigorismos conservadores fecha a instituição à reflexão equilibrada de pontos cruciais da teologia e doutrina Católica. É preciso pensar o que é perene, essencial, na prática eclesial para que o discipulado torne-se possível, e assim, reavaliar a práxis cristã de acordo com os sinais dos tempos que a realidade do Continente apresenta. “... a teologia moderna vai ao encontro da experiência do homem e mulher modernos e, percebe-lhes, [...] o horizonte novo de compreensão, que lhes tornam ininteligíveis as verdades dogmáticas...”<sup>184</sup>. A Conferência não tem a autonomia para refletir sobre realidades dogmáticas, apenas projeta um modelo eclesial sem medir as reais possibilidades para a sua autêntica e frutuosa efetivação. “Tal desenho idealizado serve de modelo para as Igrejas particulares se autoexaminarem e assumirem linhas pastorais audazes e inovadoras...”<sup>185</sup>.

Aparecida representa o discurso do ator em oposição ao do analista. Este se debruça sobre a realidade, esmiúça-a para conhecê-la e só depois emite juízos e traça estratégias. O discurso do ator, pelo contrário, expressa o que os autores do texto querem, se propõem, prescindindo de análises detalhadas, objetivas e científicas. Se é ou não possível mover os católicos da América Latina para uma entusiástica Missão Continental não entra no campo de análise. Exprime-se a vontade decidida, anteriormente, de realizá-la. Depois se verá a factibilidade ou não....<sup>186</sup>

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano resolveu, então, recomeçar a partir de Jesus Cristo. “Diante das incertezas atuais, Jesus é o ‘Caminho, a Verdade e a Vida’ (DA,

---

<sup>184</sup> LIBANIO, João Batista; MURAD, Tadeu Afonso. *Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 169.

<sup>185</sup> LIBANIO, 2007, p. 140.

<sup>186</sup> *Ibidem.*, p. 107.

n.101). A Palavra feita carne, verdadeiro Deus e verdadeiro homem”<sup>187</sup>. A cristologia em Aparecida é uma maneira genuína de voltar às fontes do evangelho e perceber a leveza da experiência com o Senhor e o sentido do discipulado em comunidade para a vida plena como vivência da ética cristã. Por outro lado, a teologia do discipulado na Conferência tem fortes expressões de cristomonismo, pois em muitos aspectos a visão de conjunto da obra da economia da salvação fica atrelada unicamente à pessoa do Filho.

A realidade precisa ser analisada tomando-se também as entrelinhas. Por trás do texto final da Conferência existe uma realidade viva, desafiante, que requer a formação discipular para a real concretude do espírito de Aparecida. É interessante levar em consideração que o homem e a mulher de hoje, envolvidos pelas ideologias que o Continente está abraçando, não se vinculam com total disposição às instituições. A crise institucional religiosa conduziu para uma desconfiança nas instituições gerando a incredibilidade das estruturas religiosas.

Que elemento poderá resgatar a credibilidade eclesial diante do mundo pós-moderno e em constante mudança? “O ser humano pós-moderno busca o sagrado sem referência institucional [...], deseja viver a espiritualidade, mas sem compromisso eclesial. Essa situação pede do discípulo [...] e da Igreja sabedoria e discernimento no exercício de sua missão”<sup>188</sup>. Essa realidade evidencia a real necessidade do discipulado missionário como prosseguimento no espírito, para fazer despertar na Igreja o carisma original que garante a identidade e a efervescência da entrega humana à ação da graça de Deus.

Assumir e viver o Evangelho era, para os primeiros cristãos, instaurar uma nova relação com as pessoas, e com Deus em Jesus Cristo. Eles compreendiam a missão como compromisso de fazer mais irmãos e irmãs, partilhando fraternalmente, em pé de igualdade, a própria experiência religiosa. Essa ação evangelizadora e missionária representava reconhecer e explicitar a presença e a ação do Espírito Santo, o Paráclito, o Defensor, o Consolador, que chega sempre por primeiro. Esse apelo do Evangelho foi e é o desafio de ir até as extremidades da terra.<sup>189</sup>

O Espírito Santo a partir de Aparecida torna-se integralizador da experiência comunitária, dinamizador da práxis cristã para a transformação social e defesa da vida humana e ecológica. “A mensagem articula com felicidade a dimensão nova do desejo de formação de comunidades vivas com a perspectiva profética da libertação, traduzida na opção pelos pobres a caminho da integração dos povos da América Latina”<sup>190</sup>. Resgatar o

<sup>187</sup> BRIGHENTI, 2008, p. 35.

<sup>188</sup> BOMBONATTO, 2008, p. 22.

<sup>189</sup> PANAZZOLO, 2011, p. 73.

<sup>190</sup> LIBANIO, 2007, p. 140.

compromisso eclesial e comunitário a partir de uma espiritualidade bíblica, litúrgica e pastoral, centrada na vida de Cristo como dom do Pai, na força performativa do Espírito Santo, significa gerar vida para os povos da América Latina e Caribe. Essa tarefa continua sendo um desafio constante para o discipulado que se expressa genuinamente em uma Igreja em saída<sup>191</sup>, anunciadora do encontro com Cristo, promotora do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

O desafio metodológico desvela a insuficiência do método ver-julgar-agir adotado pela Conferência. O método de análise de conjuntura eclesial latino-americana ainda dá conta da realidade? É uma crítica que desconstrói a permanência da posição única de verdades e conceitos analisados por uma leitura da realidade já cristianizada. Isso revela um vazio epistemológico, pois a leitura tem a tendência a ser parcial, não abrangendo a complexidade do real. Sobre esse questionamento poucas são as referências encontradas, pois, o método se cristalizou como a forma latina de ver a realidade tornando-se campo aberto para outras investigações. “... as categorias marxistas tornaram-se pequenas para dar conta das profundas transformações do capitalismo nas últimas décadas. Sua expressão neoliberal levanta novos problemas que estão a pedir novos instrumentos de análise e de crítica”<sup>192</sup>.

É possível pensar ainda que pelo foco eclesial do método já catolicizado, Aparecida não tenha visto que os novos sinais dos tempos requerem mudanças ou reformas mais acentuadas na vida eclesial. Temáticas como o papel da mulher na vida das comunidades e nas instâncias de decisão eclesiais; a falta de presbíteros para a administração dos sacramentos principalmente da Eucaristia; a crise vocacional que a Igreja atravessa; o perigo de um retorno ao tradicionalismo que não respeita a identidade de cada povo e centra-se no rigorismo sem misericórdia, passaram um tanto despercebidos em aparecida. Aparecida não viu esses desafios, mas de alguma maneira sinalizou que algo precisa mudar, ser reformulado para poder ressignificar o ser cristão, ser discípulo e discípula, no mundo atual que não aceita autoritarismos sem reflexão e sentido ético.

### **3.6 O Discipulado em diálogo com José Comblin, Jon Sobrino e Paulo Suess**

---

<sup>191</sup> Para aprofundar a temática desenvolvida pelo Papa Francisco, “Igreja em Saída”, que bebe das fontes de Aparecida movimentando a ação discipular missionária da Igreja para a formação de pessoas conscientes de seu papel na real transformação da cultura de morte em cultura da vida, veja-se: SPADARO, Antonio. *A proposta do Papa Francisco: O futuro rosto da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2013.

<sup>192</sup>LIBANIO, 2006, p. 187.



O discipulado a partir de Aparecida encontra suas bases na construção do pensamento teológico latino-americano, forjado em comunhão com outras expressões teológicas. A teologia na América Latina sofreu forte impacto da realidade dos pobres, da vida ameaçada em sua integralidade. Como consequência equívocos puderam ser analisados em suas excessivas tonalidades libertárias e políticas, marcando conflitos entre as diversas expressões teológicas, ideologias e maneiras de entender o conhecimento sistematizado da fé no Continente. “A questão fundamental se levanta em relação à maneira de interpretar a Palavra de Deus e a fé da Igreja. Receia-se que a intencionalidade prática termine por subordinar a Transcendência da revelação divina à práxis, deturpando-lhe o sentido profundo”<sup>193</sup>.

Não se pode desprezar a grande contribuição da teologia europeia no sentido de fundamentar na Revelação a atitude de automanifestação de Deus na história e na vida. A base sólida do dado racional da fé possibilita a pesquisa segura e a unidade. Porém, também não se pode menosprezar o rico tesouro que a Igreja latino-americana construiu a partir do encontro da realidade gritante do Continente com a da Palavra de Deus. Os autores latino-americanos encontraram lastro pastoral para dialogar e refletir criticamente com as culturas e as expressões de fé, com as estruturas de poder e dominação ideológicas. O resultado foi um arcabouço de teorias aliadas à prática que fomentaram processos sócio-transformadores fundamentados na Justiça e no Bem Comum.

Nossa pesquisa não visa, primeiramente, analisar o campo conflitivo que marcou a Teologia da Libertação e seus possíveis excessos. A abordagem que fazemos centra-se antes no resgate do essencial do ser cristão, discípulo e discípula no Continente, em defesa da vida e da dignidade dos povos. O que podemos perceber é que o princípio evangélico da defesa da vida e dignidade encontrou grande força na perspectiva da Teologia da Libertação e nas ações pastorais, CEBs, movimentos de base, surgidos segundo a renovação eclesial do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais Latino-Americanas, sobretudo as de Medellín e Puebla. O discipulado a partir de Aparecida consegue beber destas fontes e projetar uma eclesiologia de comunhão e participação para a promoção da vida e dignidade dos povos.

No primeiro capítulo da pesquisa apresentamos três contribuições para a teologia do discipulado que agora podem ser retomadas para um diálogo a partir de Aparecida. José Comblin, Jon Sobrino e Paulo Suess desenvolveram elementos que evidenciam características centrais do discipulado originário. A abordagem de Comblin sobre o seguimento de Jesus como caminho vai ao encontro da proposta dos bispos em Aparecida quando suscitam o resgate de uma catequese de inspiração catecumenal que tenha a vida como elemento

---

<sup>193</sup> LIBANIO, 2006, p. 189.

regulador da práxis cristã. “A iniciação cristã, que inclui o querigma, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e inicia-lo no discipulado” (DA, n. 288). Comblin recorda que o essencial do seguidor está impresso nas virtudes teologais, manifestando a ação de Deus que vem ao homem e à mulher na relação de comunhão, através da fé, da esperança e da caridade. O dinamismo e a vivacidade do discipulado encontram na dinâmica do caminho a possibilidade do encontro transformador da vida gerando a abertura de novos horizontes. “No mundo atual, precisamos ser capazes de expressar o que é que Jesus veio trazer ao mundo. Se ele veio convocar a humanidade para seguir o seu caminho, importa – em primeiro lugar – saber exatamente qual é esse caminho que devemos mostrar”<sup>194</sup>.

Jon Sobrino recentra a fé na experiência originante de Jesus de Nazaré, o Jesus Histórico, sua história de vida e repercussão de sua páscoa para a humanidade. Sua cristologia libertadora aponta para a real necessidade de atualização dos conceitos dogmáticos naquilo que podem ser melhor apresentados como categorias atuais. A linguagem dogmática dos concílios e dos títulos cristológicos dados à Jesus refazem o caminho da originalidade da fé na relação íntima com o Mestre quando são reconfigurados no contato com a realidade.

A vida de Jesus quando reconstruída como teologia a partir das comunidades de fé consegue resgatar a dinamicidade do evento Jesus Cristo para o hoje da história. A perspectiva das vítimas, a partir da vítima Jesus de Nazaré, levanta a ideia teológica de que a realidade contém um dado teofânico fazendo a teologia progredir na investigação praxica. “Ora, estas vítimas são aquelas que operam como perspectiva de nossa reflexão. Não oferecem solução mecânica para a compreensão dos textos cristológicos [...], mas levantam certamente suspeitas [...] e trazem luzes que fazem os textos sobre Jesus darem mais de si”<sup>195</sup>.

A contribuição de Sobrino, para a cristologia do Documento de Aparecida, ficou prejudicada pela notificação que o autor recebeu alguns meses antes da Conferência ser convocada.

A cristologia de Jon Sobrino caracteriza-se pela valorização do Jesus da história na tradição antioquena. Salienta-lhe a humanidade concreta e o relaciona com o Reino de Deus, anunciado privilegiadamente aos pobres. Ela simboliza, de maneira modelar, a cristologia da libertação. Com a notificação, a suspeita doutrinal sobre ela se expandiu e tornou inviável numa Conferência episcopal. [...] Numa assembleia sem especialistas em cristologia e sem exegetas de peso, como elaborar uma cristologia? O caminho viável foi assumir, de maneira simples e direta, afirmações sobre Jesus, mais próximas do antigo modelo tradicional das Vidas de Cristo do

---

<sup>194</sup> COMBLIN, 2005, p. 9.

<sup>195</sup> SOBRINO, 2000, p. 17.

que da cristologia, do testemunho de fé sobre Jesus do que do conhecimento regado pelos métodos histórico-críticos.<sup>196</sup>

Paulo Suess corroborou com a pesquisa no tocante à compreensão da missão. Todo o Documento de Aparecida forja um discipulado em interação recíproca com a missionariedade. Discipulado e missão são realidades coadunantes que se expressam pela prática da ética cristã. A missão é para a promoção da vida e da dignidade. A ética cristã que gera humanização e constrói o tecido social para a cultura da paz e da solidariedade constitui-se o melhor caminho para a identificação eclesial. “...A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente” (DA, n. 362).

O discipulado como missão de cuidado com a vida a partir de Aparecida encontrou solo fértil dentro da dimensão de responsabilidade com o planeta, a “Casa Comum”. Suess corrobora no sentido de apresentar a missão além-fronteiras como a possibilidade da plenitude da vida de Cristo como vida e dignidade aos povos latino-americanos. As missões pontuais e de cunho propriamente religioso, para adesão de novos cristãos à fé católica, é transformada pela virada missionária da Igreja para oferecer o testemunho do encontro com o Mestre da Vida.

Desta maneira, os autores apresentados no primeiro capítulo da investigação contribuíram para o desenvolvimento de um diálogo fértil com os desdobramentos de Aparecida, levantando elementos teológicos necessários para a reflexão teológica do discipulado.

## **Conclusão Parcial**

A hermenêutica do discipulado abriu um leque para a reflexão crítica das perspectivas que a Conferência de Aparecida projetou na vida eclesial e pastoral. O objetivo de refletir o que está nas entrelinhas dos escritos desperta a criticidade para novas compreensões do discipulado no espírito de Aparecida. O movimento da hermenêutica, que baliza a dimensão da realidade eclesial do Continente, após dez anos da Conferência, fez perceber que a Aparecida guarda a orientação decisiva e vital para a conversão eclesial e pastoral.

A V Conferência foi um evento que marcou a história eclesial latino-americana. Em um olhar retrospectivo Aparecida encaminhou um paradigma teológico discipular que desperta o homem e a mulher para a adesão de um projeto de vida. É a vida ofertada em Jesus, como dom do Pai, na ação do Espírito Santo, para a vida e dignidade dos Povos que na

<sup>196</sup> LIBANIO, 2007, p. 116.

América encontraram e seguiram o crucificado-ressuscitado. O fio condutor da teologia e da hermenêutica discipular é a vida e dignidade. Desta maneira, Aparecida encontra no tempo e na história sua validade, legitimidade, limites e possibilidades que vão além das palavras e conjeturas de ideias. Aparecida torna-se um documento ousado, pois começa processos que motivam para um modo genuíno de ser cristão formando comunidades vivas, atuantes e comprometidas com o Reino da Vida do Pai.

Os critérios de vida e dignidade foram usados para a interpretação das intenções e entrelinhas tendenciosas de Aparecida. Os limites de Aparecida revelam que a colegialidade episcopal necessita avançar na autonomia capaz de repensar o eclesiocentrismo e o conservadorismo crescente. A missão só tem sentido quando está envolvida pela solidariedade altruísta, que vai além do credo, da raça, da situação econômica. O discipulado é ecumênico no sentido de promover o bem a todos, favorecendo o diálogo responsável com todas as crenças para fins comuns.

Diante da realidade do Continente a vida está sendo ameaçada, não somente na dimensão humana, mas na integralidade das relações com o planeta, onde a “Casa Comum” sofre “dores de parto”. A referência aos pobres a partir de Aparecida encontra na teologia discipular sua real significação como Povo de Deus, seguidores do Caminho, chamados a formar discípulos pelo testemunho da ética cristã no cuidado com o homem chagado e da natureza explorada pela ganância da dominação econômica.

Os novos sinais dos tempos apresentam a catequese de inspiração catecumenal como luz para o crescimento da comunidade dos discípulos, seguindo a orientação da vida de Jesus como guia fundamental para a adesão de valores cristãos que transfigurem a realidade excludente reinante. A globalização, com seus benefícios e malefícios, apresentou um projeto macroeconômico neoliberal que tem a pessoa como um instrumento, não seu termo. A atitude profética do discipulado é a defesa da vida, anunciando a esperança cristã fundada na partilha da vida e dos bens.

O grito de vida e dignidade que surge dos vários rostos vistos em Aparecida ecoam no coração do discípulo para o anúncio da Boa Notícia - Jesus Cristo - fazendo os vazios epistemológicos detectados a partir de Aparecida tornarem-se oportunidades de crescimento metodológico para a análise da realidade sob o prisma da esperança. A experiência profunda do encontro com Jesus Cristo nas diferentes realidades encaminha o fiel no desejo do seguimento para a vida. O discipulado só tem sentido de ser quando se torna amor serviçal aos outros. Desta forma, a paróquia como comunidade de comunidades faz surgir novos modelos orgânicos, vivos e irradiadores da vida de Jesus para o testemunho diante da sociedade.

O discipulado em sua originalidade é animado pelo Espírito Santo. Cada batizado é chamado a prosseguir no espírito, como uma maneira de seguir o Mestre e aprender dele, na experiência do encontro, oração e doação, o sentido da existência e do fazer missão. Os seguidores do Caminho, no espírito de Aparecida, são peregrinos que desejam trazer no coração a realidade Latino-Americana e caminhar ativamente, em passos seguros, para o Reino da Vida do Pai, sabendo que não estão sozinhos, pois, o Mestre é Emanuel, Deus Conosco.

## **CONCLUSÃO**

A pesquisa intitulada “O Seguimento de Jesus: hermenêutica do Discipulado à luz do Documento de Aparecida” desenvolveu-se dentro de uma proposta metodológica de

abordagem hermenêutica. Fizemos uma análise interpretativa da teologia discipular construída *em e a partir de* Aparecida, aprofundando o tema do discipulado sob o prisma dos sinais dos tempos que a força da realidade apresenta, em reflexo com os princípios interpretativos da Revelação e dos Escritos Episcopais. A pesquisa abriu novos horizontes e recentrou o seguimento de Jesus no caminho processual da experiência do encontro com Cristo na realidade do Continente, buscando o resgate da originalidade do discipulado.

O Documento de Aparecida após dez anos de seu acontecimento torna-se evento histórico e eclesial a ser estudado, revisitado, para que os seus reais dinamismos de renovação pastoral tomem corpo na práxis da vida cristã. É claro que dez anos é pouco tempo para a efetivação das perspectivas de Aparecida, mas é possível fazer um balanço dos encaminhamentos de tais perspectivas. Um evento como a V Conferência deve ser analisado com critérios que desvelem o original espírito que motivou a Conferência: espírito de renovação, serviço aos pobres, de cuidado e defesa da vida na sua integralidade.

Vimos que o Documento final é apenas um reflexo do que Aparecida realmente significou para a vida da Igreja latino-americana, impulsionando a aprofundar a vivência cristã no Continente. Nas entrelinhas de Aparecida estão as forças de *aggionamento* de uma Igreja que se reconhece como Povo de Deus, que deseja viver a comunhão e participação de forma encarnada, serviçal, orante e oferente. O espírito de Aparecida suscita para a Igreja na América Latina ousadas posturas pastorais que recentrem a fé comunitária sempre entrelaçada com a vida concreta. Isso concerne numa caminhada libertadora das estruturas injustas que oprimem os mais pobres, motivando o profetismo em defesa da vida e da dignidade. Neste sentido, o anúncio da Boa-Notícia é testemunho do serviço para a vida integral de todos os homens e mulheres, filhos de Deus, espalhados pelo vasto Continente.

A estrutura do trabalho formou o liame da hermenêutica que possibilitou aprofundar a teologia do discipulado como interação de Deus com o homem e a mulher, relação íntima de encontro com Jesus Cristo na força do Espírito, vivência pessoal dessa relação e seguimento no caminho da vida. O genuíno caminho discipular, visto em Aparecida, se inspira na comunhão trinitária manifestada na missão do Filho Jesus, que abraça o projeto de amor do Pai, deixando-se conduzir pelo Espírito Santo. Os dois movimentos da teologia, ascendente e descendente, foram imprescindíveis para a construção discipular, pois é Deus que chama, envia o Filho na força testemunhal e profética do Espírito. O Filho envia os discípulos a testemunharem a força performativa desse encontro. Assim, o homem e a mulher, abraçando o convite, se lançam no seguimento de Jesus.

Em um primeiro momento da pesquisa situamos o estado atual da questão, ou seja, como o discipulado foi apresentado antes da Conferência de Aparecida. Quais as motivações que instigaram a V Conferência a pensar o tema do discipulado como proposta para os homens e mulheres de hoje. A cristologia do Vaticano II, dentro dos seus dinamismos de *aggiornamento* eclesial e o impulso de recepção criativa dado pelas Conferências Episcopais Latino-Americanas foram elementos históricos e teológicos para a panorâmica apresentada.

A contribuição dos autores, José Comblin, Jon Sobrino e Paulo Suess, lançaram bases para conceituações do discipulado como caminho, processo, sensibilidade com as vítimas e a interrelação do discipulado com a missão. Foram elementos que o Documento de Aparecida resgatou da contribuição teológica latino-americana. O crescimento da teologia da práxis cristã requer esse enfrentamento das compreensões da Conferência com as intuições teológicas mais apuradas da reflexão, fruto da prática refletida e sistematizada como teologia do discipulado.

O esforço teórico para o recentramento da fé na experiência originante do encontro com Jesus de Nazaré, sua história de vida, e a repercussão de sua páscoa para a humanidade, que se encontra em caminhada na história, foi basilar para a compreensão do discipulado como caminho. O entrecruzar da experiência originária das primeiras comunidades, o Jesus Histórico, e o dado da realidade do Continente tornaram-se chaves de leitura para a interpretação que fizemos. O espírito conciliar foi lastro oportuno para forjar uma cristologia a partir da realidade latino-americana. Buscou-se uma rerepresentação da cristologia a partir da realidade, em uma compreensão cristológica que conduzisse o homem e a mulher de hoje para a experiência de fé comprometida com a transformação social a partir da genuína fonte do Evangelho que prioriza o cuidado dos mais pobres, assim como fez Jesus em sua práxis de vida.

Em sintonia com os outros dois, José Comblin apresentou um resgate das virtudes essenciais do discípulo - fé, esperança e amor, chamando atenção para a realidade originária da experiência religiosa no seguimento. A chamada para a comunhão de vida formando um *ethos* cristão, compreende o seguimento como altruísmo que humaniza para a sensibilidade com os mais simples. Também foi de fundamental importância a compreensão de Jon Sobrino que suscitou a atualização do dado da fé a partir da realidade das vítimas, tendo Jesus como vítima entregue. Paulo Suess, colaborou na panorâmica no sentido de apresentar o discipulado diretamente ligado com a missão. Missão realizada à medida de Jesus Cristo, que curou, libertou, estando totalmente entregue ao plano de Deus. Suess apresenta a missão como discipulado testemunhal que ultrapassa a realidade da territorialidade da missão. A vida é

missão onde o discípulo e a discípula são formados para levar vida e dignidade aos homens e mulheres nos mais diferentes lugares da ação humana e pastoral da Igreja.

Em um segundo momento da investigação apresentamos a proposta da V Conferência. O convite dirigido a todos os povos do Continente fez ressoar no coração dos homens e mulheres o recomeçar a partir da vida de Jesus. O caminho hermenêutico para essa abordagem foi a vida de Jesus. A temática da vida é a linha fundamental de Aparecida. Diante da realidade massacrante e excludente do Continente a Igreja Latino-Americana decidiu olhar para a centralidade da vida de Jesus. Não somente sua pessoa (Jesus Cristo), mas sua vida, na integralidade dos encontros, das relações e do destino. Encontrar-se com Cristo definiu, então, o caminho processual para a conversão, a comunhão e a missão como discípulos à caminho do Reino da vida. A experiência do encontro foi apresentada de forma privilegiada na Palavra de Deus, nos sacramentos, principalmente na Eucaristia, nos pobres e doentes, na devoção popular aos santos e na devoção mariana, abrindo legítimo espaço para ressignificar a antropologia simbólica necessária para a vivência humana da fé.

Durante o trabalho foram apresentadas conceituações que, em Aparecida, motivaram a proposta de resgate da originalidade do ser cristão. O ser discípulo será sempre para, em favor da transfiguração da realidade do Continente, para a vivência autêntica do seguimento em defesa da vida e dignidade. Aparecida continua a ressoar na história de nossos povos o desejo latente da vida e dignidade. É um convite para o anúncio do Evangelho da Alegria, chamando à todos os povos do Continente para a vivência da alegria de ser cristão e testemunhas do encontro com Cristo em outros lugares na missão *ad gentes*.

No último capítulo da investigação foi possível perceber que o Documento de Aparecida se constrói dentro de limites, resistências normativas que impedem a consecução das perspectivas de colegialidade episcopal e autonomia das Conferências. Por outro lado, o Evento foi momento dinâmico e vivo, sopro do Espírito para a Igreja latino-americana e marca na história eclesial da ação do Deus da história capaz de sinalizar ao homem e a mulher de hoje seu projeto de vida e salvação, dignidade e libertação.

O discipulado *a partir de* Aparecida é refletido de maneira cristocêntrica, não cristomônica; bíblica, não fundamentalista; querigmática não puramente doutrinária; catecumenal, respeitando os processos pessoais de adesão à fé e de vivência da fé em comunidades eclesiais centradas na vida de Jesus Cristo. As CEBs foram apontadas no trabalho como um instrumento da dinâmica discipular, como lugar da vivência do compromisso e da identidade do ser cristão, resgatando o essencial da missão do discípulo e discípula. Não há como fugir da força da realidade que chama para a vivência da fé em



comunidades que abraçam o compromisso de se fazer irmãos uns dos outros, na solidariedade e no amor. O discipulado não está preso aos limites metodológicos, mas ultrapassa a visão de missão como reduções de fieis ou de preservação hegemônica eclesial.

Desta maneira, a investigação chegou a algumas considerações sobre o discipulado: primeiramente é possível identificar que a América Latina começa um significativo momento em sua prática teológica, pois, reconhece suas possibilidades e limitações. Quando se trata do Documento de Aparecida essas possibilidades e limites são fecundos a partir do amplo campo pastoral do Continente. Mesmo com o mundo em mudanças e na plena efervescência da globalização, vimos que o dado da realidade continua a falar, às vezes a gritar, na realidade pastoral onde se detecta outros rostos e modos de pobreza e exclusão. Não há como fazer teologia discipular sem a busca da construção de pontes que partem da realidade humana e se fortificam na esperança da fé revelada.

A Igreja na América Latina pode trilhar seu caminho teológico e pastoral original para que a realidade local seja lastro para a mudança de paradigmas e ambiente propício ao surgimento de propostas pastorais que venham ao encontro de novas linguagens, métodos e, principalmente, do testemunho dos discípulos que comunicam a Palavra com a vida nos mais distantes rincões e realidades econômico-políticas e culturais do Continente.

O discipulado em sua originalidade será sempre para o bem e a libertação dos mais excluídos, para a vida e a dignidade. O Documento de Aparecida quando lido a partir da vida de Jesus para a vida dos povos encontra sua plena intuição no Evangelho onde todos os que faziam a experiência com Jesus colocavam-se à disposição do serviço, da partilha da vida e dos bens. Essa marca da teologia discipular na América Latina lança todos os fieis para a centralidade da missão como promotora da vida e dignidade. Quando pensamos a missão nestas categorias (vida e dignidade) começamos processos que ampliam o papel da religião na vida do homem e da mulher, pois a missão será no intuito de promover o bem, não simplesmente de angariar fieis para a Igreja. Esse princípio abre espaço fecundo para o ecumenismo e diálogo inter-religioso. É o respeito pelas tradições de cada povo que nos levará a capacidade de reconhecer a unidade na diversidade.

Percebeu-se também no decorrer da investigação que o Documento de Aparecida tem suas deficiências e limitações. O Documento ainda não é plenamente conhecido pelas lideranças, muitas vezes nem pelas autoridades da Igreja. O limite da falta de conhecimento emperra as perspectivas de renovação. As Conferências foram pensadas como elementos de descentralização e valorização das Igrejas Locais, mas continuam sendo monitoradas pelos meios de controle que cerceiam o diálogo sincero com os novos tempos. Continua-se na

cultura de criar documentos para dar a impressão de que estamos atualizados com o tempo presente.

As Conferências não têm a autonomia para pensar o que realmente precisa ser analisado profundamente. Por isso, é preciso repensar como a Igreja Católica deseja tornar a América Latina no Continente do Amor, sem realmente proporcionar as condições para a efetiva renovação eclesial. Sem o real enfrentamento das dificuldades eclesiais e questões pastorais parece impossível colocar a Igreja em estado permanente de missão, quando se vê a missão como portadora de vida e dignidade para todos os filhos de Deus. Ainda mais, enquanto a preocupação discipular missionária for para segurar fieis e monopolizar a fé nas verdades inquestionáveis, o real sentido do discipulado e da missionariedade ficará longe das bem-aventuranças de Jesus e da proposta de uma Igreja samaritana.

A teologia do discipulado a partir de Aparecida caminha sob uma linha tênue entre o anúncio do Reino da vida do Pai que Jesus apresentou e a centralidade eclesial Católica como uma forma apologética de preservação da fé e sua majoritariedade na América Latina e Caribe. Se o discipulado a partir de Aparecida continuar sendo focalizado, em sua principal razão de ser, na ideologia de autopreservação eclesial, para reprimir o avanço do protestantismo nas formas difusas do pentecostalismo e neopentecostalismo, bem como de outras religiões e seitas, é possível que a Igreja latino-americana retroceda em vários pontos da pastoral e dos princípios em torno da vida e dignidade humana que a Conferência de Aparecida forjou para a eclesialidade discipular de comunhão e participação.

No decorrer da investigação alguns vazios teológicos foram detectados. Entre eles destaca-se a insuficiência do método ver-julgar-agir, no sentido de não abarcar outras realidades que não sejam cristãs, tornando a leitura parcial e podendo até ser monopolizada na busca de objetivos ideais. Aparecida não conseguiu medir a profundidade de sua intenção de renovação, suscitou algo que a realidade eclesial e pastoral não estava em condições de reformular. Por exemplo, continua sendo um desafio transformar as estruturas caducas da Igreja quando a mentalidade pastoral de clérigos e leigos ainda é de manutenção eclesial. A conversão pastoral das paróquias como comunidade de comunidades continua como um chamado urgente a partir de Aparecida. O Documento sugere mudanças que tocam a estrutura da Igreja, pelo menos a estrutura paroquial, mas a própria Igreja encontra dificuldades em aprofundar os questionamentos feitos à sua estrutura. Isso tem tentado fazer o Papa Francisco, mas não sem grandes resistências.

Dentre as novas perspectivas abertas pela pesquisa se encontram também a necessidade de um aprofundamento pneumatológico e uma aproximação maior à mensagem

salvífica de Jesus Cristo que se concentra no Reino de Deus, que no Documento ficou atrelado à Vida, mas sem referência explícita ao Pai do Reino e ao Espírito Santo, que é o Senhor que dá a vida. Assim, com o aprofundamento pneumatológico resgatar-se-ia a originalidade trinitária da fé cristã formulada no Símbolo da Fé.

Se buscamos a originalidade da fé eclesial, percebemos que a Igreja como tal está situada no Símbolo da Fé dos cristãos por referência ao Espírito Santo, não por referência a Jesus Cristo. Certamente que é a Igreja de Jesus Cristo, mas quem faz a Igreja de Cristo é o Espírito Santo que procede do Pai. Sem o Espírito Santo não há Igreja, nem sacramentos, nem inspiração das Escrituras. Não é possível conformar-se, configurar-se com Cristo senão na força performativa do Espírito Santo. Desta maneira, abre-se outro leque para investigações mais acuradas.

A V Conferência após dez anos do evento também mostra sinais de esperança que evidenciam a busca da originalidade discipular como o caminho por onde se deve trilhar a vida pastoral. A adesão do Vaticano II e o revisitar as Conferências Latino-Americanas, sinalizam para a revalorização do Povo de Deus, a identidade da Igreja, sendo toda ela ministerial, como Comunidade de comunidades, interagindo com os organismos diocesanos e paroquiais ao serviço da vida, da iniciação cristã, do cuidado da “Casa Comum”.

O projeto da Igreja como casa da iniciação cristã em uma catequese de inspiração catecumenal é uma contribuição singular de Aparecida que já apresenta sinais de renovação para a vida discipular, testemunhal e profética em um mundo plural que dilui identidades. O desafio de cuidar da vida humana e ecológica é outra perspectiva aberta pelo Documento de Aparecida que atualmente ganha destaque para a ação da formação da consciência intergeracional. Nossa pastoral deve estar imbuída desse espírito de cuidado com as obras da criação.

A pesquisa encontrou inspirações na realidade da vida acadêmica e pastoral. A vida eclesial e pastoral requerem muito mais do que liturgias bem celebradas; isso é importante, mas necessita primeiramente de pessoas, discípulos e discípulas, que estejam conscientes do que se celebra. A vivência da fé sempre ultrapassa os limites da igreja como estrutura física. É por isso que o discipulado é caminho, relação, adesão de um projeto de vida que percorre as realidades humanas, ganhando forças na vida sacramental da Igreja como impulso para a transfiguração da realidade na força do Espírito Santo. Uma espiritualidade discipular suscita o entrelace da fé e da vida como dois elementos indissociáveis para o ser cristão no mundo atual marcado pelo descompromisso eclesial e comunitário embebido da fé intimista que não forma comunidade.

O estudo foi realizado com muito compromisso e paixão, buscando e apresentando critérios para a compreensão de Aparecida como um documento que chama para a fontização do essencial do ser cristão, seguidor e seguidora de Jesus no momento atual da vida eclesial e para além dela. A leitura crítica e criativa do Documento de Aparecida fez parte de nossa caminhada pastoral no transcurso da pesquisa e nos ajudou a aprofundar a visão eclesial do discipulado em constante interação com a realidade visível nas pequenas comunidades da Amazônia em sua busca de identidade e genuína experiência discipular. As perspectivas de Aparecida quando contrastada com a realidade prática da pastoral da Igreja na Amazônia, faz de Aparecida o motor propulsor da esperança para nossos povos.

É importante frisar que não se pode abrir mão da renovação *ad intra* e *ad extra* eclesial e pastoral suscitadas pelo Concílio Vaticano II e atualizadas nas Conferências. Processos de renovação e aggrionamento foram começados e precisam do impulso de trabalhos científicos como este para a formação de mentalidades esclarecidas quanto ao real chamado discipular de Jesus Cristo. A Missão Continental acontecerá quando, sob a força do Espírito Santo, cada fiel, batizado e batizada, retomar sua caminhada de fé testemunhal, assumindo as cruzes que ainda carregam, na busca de transfigurar a realidade do “Continente da Esperança”. Uma teologia da Esperança no sentido de uma teologia do genitivo, que apresente aos povos latino-americanos o chamado a ser cristão, propagador da esperança geradora de atitudes práticas, é fundamental para a caminhada discipular na América Latina.

A pesquisa não oferece respostas prontas para todos os questionamentos apresentados, mas abre perspectivas para novas investigações, que sob o influxo da ciência teológica, haverão de confrontar-se com os novos desafios do nosso tempo em atitude de diálogo e responsabilidade. No intuito de ser uma contribuição crítica para o nosso complexo meio eclesial-pastoral, nossa investigação se compreende como uma contribuição prática, formativa e teológica para as muitas lideranças que atuam nos diversos campos da ação pastoral e que anseiam encontrar no discipulado o seguimento de Jesus Cristo, no encontro com Ele, a renovação da vida pessoal e eclesial, e, assim, a originalidade da própria identidade cristã.

O ponto de chegada da investigação recoloca o discipulado na reapresentação da pessoa de Jesus Cristo, sua vida doada, sua morte e ressurreição como fonte de libertação/salvação/vida e dignidade para todos os povos do Continente. A proposta de reapresentar a pessoa de Jesus, como Alegria do Evangelho, que transfigura a realidade latino-americana, desperta a Igreja para a formação integral de testemunhas de um encontro com Cristo, vivido em pequenas comunidades que irradiam a vida no serviço e solidariedade com os pobres e excluídos.

Se pensamos a originalidade do discipulado como chamado de Deus, manifestado em Jesus na força do Espírito, para a vida e dignidade da humanidade, cabe-nos repensar com esperança a temática do seguimento de Jesus nos dias hodiernos (em meio aos vários caminhos propostos na pós-modernidade) como caminho seguro em vista do ponto de chegada, o Reino de Deus, compreendido como verdade performativa (que transcende a realidade das pseudoverdades), como vida, sinônimo de dignidade de filho e filha. Essa é a proposta da teologia do discipulado em e a partir de Aparecida e que a Igreja Latino-Americana tem a incumbência de reapresentar de forma sempre nova e atual nas mais diversas realidades do Continente.

## REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe. *Breve História do Concílio Vaticano II*. Aparecida: Santuário, 2006.

ALMEIDA, Antonio José de. *ABC do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015.

AMERÍNDIA (Org.). *V Conferência de Aparecida: renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008.

ASSEMBLEIA Especial para a América. *Encontro com Jesus Cristo vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América*. São Paulo: Paulinas, 1997.

BALDISSERI, Lorenzo. *A coragem de anunciar Cristo: Caminho, verdade e vida*. São Paulo: Paulus, 2010.

BARAUSSE, Tadeu Paulo. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado: Novidade Eclesiológica de uma Autêntica Vivência Missionária Cristã e Eclesial*. São Paulo: Loyola, 2013.

BOMBONATTO, Ivanise Vera. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. Os critérios para leitura do Documento de Aparecida: o pré-texto, o con-texto e o texto. *Convergência*, Rio de Janeiro, n. 404, p. 335-353, Jul./Ago. 2007.

\_\_\_\_\_. *A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. *Aparecida em Resumo: O Documento Oficial com referência às mudanças efetuadas no Documento Original*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosário (Orgs). *A Missão em debate: provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2010.

BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos (Orgs.). *O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015.

CARTA ENCÍCLICA de Bento XVI Deus Caritas est. *Sobre o Amor Cristão*. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html). Acesso em: 20 maio 2017.

CARTA ENCÍCLICA de João Paulo II Redemptoris Missio. *A Validade Permanente do Mandato Missionário*. 9.ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

CARTA ENCÍCLICA do Papa Francisco Laudato Si'. *Sobre o cuidado da Casa Comum*. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 04 de jun. 2017.

CARTA ENCÍCLICA Ecclesiam Suam. *Os Caminhos da Igreja*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1997.

CASTANHO FONSECA, Adolfo, M. *Discipulado e Missão no Evangelho de Mateus*. Col. V Conferência. São Paulo: Paulus, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 6.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Loyola, 1993.

COMBLIN, José. *Breve Curso de Teologia: Jesus Cristo e sua Missão*, Tomo I. 4. ed. São Paulo: Paulus. 1983.

\_\_\_\_\_. *O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

COMPÊNDIO Vaticano II. *Constituições Decretos e Declarações*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN, 1968. *Trinta anos depois Medellín ainda é atual?* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Memória, Projeto, Seguimento*. Brasília: CNBB, 2007.

\_\_\_\_\_. *Igreja na Amazônia: memória e compromisso – Conclusões do Encontro de Santarém*. Brasília: CNBB, 2012.

\_\_\_\_\_. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília: CNBB, 2014.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Medellín, 1968*. Petrópolis: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: Conclusões de Medellín*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

\_\_\_\_\_. *Globalização e Nova Evangelização na América Latina e no Caribe: Reflexões do CELAM, 1999-2003*. São Paulo: Paulinas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Globalização e Nova Evangelização na América Latina e no Caribe: reflexões do CELAM*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA, Lumen Gentium. *Sobre a Igreja*. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html). Acesso em: 18 fev. 2017.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL Gaudium et Spes. *Sobre a Igreja no mundo atual*. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 08 fev. 2017.

COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA. *Instrução da Congregação para a Evangelização dos Povos*. São Paulo: Paulinas, 1999.

COPPI, Paulo de. *Teologia e História da Missão: Animação missionária e Nova Evangelização*. São Paulo: Mundo e missão, 2006.

DECRETO Ad Gentes do Concílio Vaticano II: *Sobre a atividade Missionária da Igreja*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DOCUMENTO DE PARTICIPAÇÃO. *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

DOCUMENTOS DA CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019*. São Paulo: Paulinas, 2015.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *Evangelii Gaudium*. *Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II: a luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GIRARD, Marcos. *A missão da Igreja na aurora de um Novo Milênio: Um caminho de discernimento centrado na Palavra de Deus*. São Paulo: Paulus, 2000.

GRINGS, Dom Dadeus. *A Conferência de Aparecida: discípulo missionários*. Porto Alegre: Pascom, 2007.

KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo e Seguimento de Jesus*. [Trad. Leonardo Boff]. Livro V. Petrópolis: Vozes, 2016.

LABONTÉ, Guy; ANDRADE, Joachim (Orgs.). *Caminhos para a Missão: fazendo missiologia contextual*. Brasília: BSB, 2008.

LELO, Antonio Francisco. *Catequese com estilo catecumenal*. 8.ed. São Paulo: Paulinas 2014

LIBANIO, João Batista. A V Conferência do Episcopado da América latina e do Caribe. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 39, n. 109, p. 369-378, Set./Dez. 2007.

\_\_\_\_\_. *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

MCKENZIE, John Lawrence. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva. (Orgs.) *Cuidar da Casa Comum: Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.

OLIVEIRA, José Aldemir de; GUIDOTTI, Humberto. *A Igreja arma sua Tenda na Amazônia*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2000.

OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio Ricardo; RODRIGUES, Solange (Orgs). *CEBs e os Desafios do Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2012.

PADIN, Cândido. *A Conferência de Medellín: renovação eclesial*. São Paulo: LTr, 1999.

PANAZZOLO, João. *Missão para todos: Introdução à missiologia*. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. *Igreja comunhão, participação, missão*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PEREIRA, José Carlos. *Paróquia Missionária à Luz do Documento de Aparecida*. Brasília: CNBB, 2012.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *A teologia depois do Vaticano II: diagnóstico e propostas*. São Paulo: Paulinas, 2015.



SENIOR, Donald; STUHLMUELLER; Carroll. *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

SÍNTESE das Contribuições recebidas. *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para a leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Teologia da Missão – Convocar e enviar: servos e testemunhas do reino*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

VALDERRAMA, José Luis Fernández de. *À Luz de Aparecida... Pastoral para a Comunhão Missionária*. Bogotá: CNBB, 2008.